

## A questão alemã

Coletânea – Para uso em sala de aula – P.TIMM-2015



Localização da Alemanha (em vermelho)  
No **continente europeu** (em cinza)  
Na **União Europeia** (em branco)

### Índice

A longa história da Alemanha

A unificação da Alemanha - 1871

A batalha de Austerlitz - 1805

Dantzig - 1º. Setembro 1939

A derrota alemã e o perdão da dívida - 1953

A questão alemã – 2015

Brasil 2015-Alemanha 1930

Ano Brasil Alemanha -2013

A Alemanha assusta-se e isso é bom

Alemania a su s'ímposé

Uma canceler made in RDA

Alemanha engana-se e engana toda a Europa

E se o eleitorado alemão também fosse contrariado?

Os grandes filmes sobre Alemanha

Anexo: Viena e os vienenses

---

# Alemanha

Origem: Wikipédia - <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alemanha>

Coordenadas:  51° N 9° E

***Bundesrepublik Deutschland***  
República Federal da Alemanha



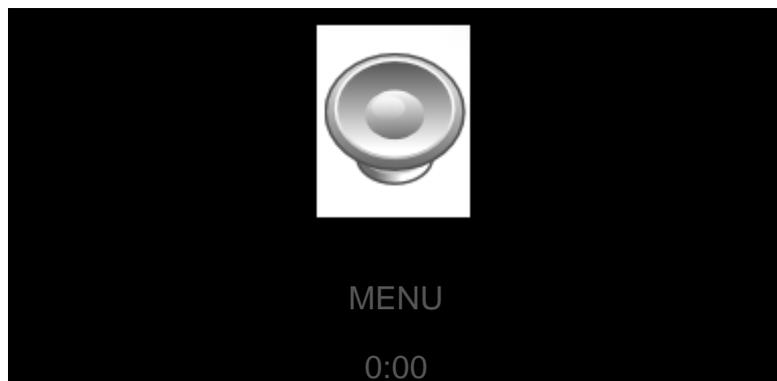
Bandeira



Brasão de Armas

Lema: *Einigkeit und Recht und Freiheit*<sup>1</sup>  
(Alemão: "União e Justiça e Liberdade")

Hino nacional: Das Lied der Deutschen  
(Canção dos alemães, *terceira estrofe*)



Gentílico: alemão



Localização da Alemanha (em vermelho)  
No [continente europeu](#) (em cinza)  
Na [União Europeia](#) (em branco)

---

<b><u>Capital</u></b>	<u>Berlim</u> 52° 31' N 13° 24' E
-----------------------	--------------------------------------

---

<b>Cidade mais populosa</b>	Berlim
-----------------------------	--------

---

<b><u>Língua oficial</u></b>	<u>Alemão</u> <sup>2</sup>
------------------------------	----------------------------

---

<b><u>Governo</u></b>	<u>República federal</u> <u>Parlamentarista</u>
- <u>Presidente</u>	<u>Joachim Gauck</u>
- <u>Chanceler</u>	<u>Angela Merkel</u>
- <u>Presidente do Bundestag</u>	<u>Norbert Lammert</u>
- <u>Presidente do Bundesrat</u> <sup>1</sup>	<u>Stephan Weil</u>

---

<b><u>Formação</u></b>	
- <u>Sacro Império Romano-Germânico</u>	<u>2 de fevereiro de 962</u>
- <u>Unificação</u>	<u>18 de janeiro de 1871</u>

- República Federal      23 de maio de 1949

- Reunificação      3 de outubro de 1990

---

**Entrada na UE**      25 de março de 1957(membro co-fundador)

---

### **Área**

- Total      357 051 km<sup>2</sup> (63.<sup>o</sup>)

- Água (%)      2,416

**Fronteira**      França, Bélgica, Luxemburgo, Países Baixos, Dinamarca, Polônia, República Checa, Áustria e Suíça

---

### **População**

- **Estimativa de 2010**      **81 757 600<sup>3</sup> hab.** (15.<sup>o</sup>)

- Densidade      229 hab./km<sup>2</sup> (55.<sup>o</sup>)

---

**PIB** (base PPC)      Estimativa de 2014

- Total      US\$ 3 621 trilhões<sup>\*4</sup> (5.<sup>o</sup>)

- Per capita      **US\$ 44 741<sup>4</sup>** (18.<sup>o</sup>)

---

**PIB** (nominal)      Estimativa de 2014

- Total      **US\$ 3 820 trilhões**<sup>\*4</sup> (4.<sup>o</sup>)

- Per capita      **US\$ 47 200<sup>4</sup>** (19.<sup>o</sup>)

---

**IDH** (2013)      0,911 (6.<sup>o</sup>) – muito elevado<sup>5</sup>

---

---

---

---

---

---

---

---

<sup>1</sup> A presidência do Bundesrat é assegurada, rotativamente, pelos ministros-presidentes dos

---

**Alemanha** (em [alemão](#): *Deutschland*), oficialmente **República Federal da Alemanha** (em [alemão](#): *Bundesrepublik Deutschland*, [AFI](#): [ˈbʊndəsʁepuˌbliːk ˈdɔʏtʃlant] ■ [ouça](#)),<sup>6</sup> é um [país](#) localizado na [Europa central](#). É limitado a norte pelo [mar do Norte](#), [Dinamarca](#) e pelo [mar Báltico](#), a leste pela [Polônia](#) e pela [República Checa](#), a sul pela [Áustria](#) e pela [Suíça](#) e a oeste pela [França](#), [Luxemburgo](#), [Bélgica](#) e [Países Baixos](#). O território da Alemanha abrange 357 021 [quilômetros quadrados](#) e é influenciado por um [clima temperado sazonal](#). Com 81,8 milhões de habitantes em janeiro de 2010,<sup>3</sup> o país tem a maior população entre os Estados membros da [União Europeia](#) e é também o lar da terceira maior população de migrantes internacionais em todo o mundo.<sup>7</sup>

A região chamada [Germânia](#) habitada por vários [povos germânicos](#) foi conhecida e documentada pelos romanos antes de 100 d.C. A partir do século X, os territórios alemães formaram a parte central do [Sacro Império Romano-Germânico](#), que durou até 1806. Durante o século XVI, o norte da Alemanha tornou-se o centro da [Reforma Protestante](#). Como um moderno [Estado-nação](#), o país foi [unificado](#) pela primeira vez em consequência da [Guerra Franco-Prussiana](#) em 1871. Em 1949, após a [Segunda Guerra Mundial](#), a Alemanha foi dividida em dois estados, a [Alemanha Ocidental](#), oficialmente "República Federal da Alemanha", e a [Alemanha Oriental](#), oficialmente "República Democrática Alemã", ao longo das [linhas de ocupação aliadas](#).<sup>8</sup> A Alemanha foi [reunificada](#) em 1990. A Alemanha Ocidental foi um dos membros fundadores da [Comunidade Europeia](#) (CE), em 1957, que posteriormente se tornou na [União Europeia](#), em 1993. O país é parte do [espaço Schengen](#) e adotou a moeda europeia, o [euro](#), em 1999.<sup>9</sup>

A Alemanha é uma [república parlamentar federal](#) de [dezesesseis estados](#) (em alemão *Länder*). A capital e maior cidade do país é [Berlim](#), localizada no nordeste do território alemão. O país é membro das [Nações Unidas](#), da [OTAN](#), [G8](#), [G20](#), da [OCDE](#) e da [OMC](#). É uma [grande potência](#) com a [quarta maior economia do mundo](#) por [PIB](#) nominal e a [quinta maior emparidade do poder de compra](#). É o [segundo maior exportador](#) e o [segundo maior importador](#) de mercadorias. Em termos absolutos, a Alemanha atribui o segundo maior orçamento anual de ajudas ao desenvolvimento no mundo,<sup>10</sup> enquanto está em [sexto lugar em despesas militares](#).<sup>11</sup> O país tem desenvolvido um [alto padrão de vida](#) e estabeleceu um sistema global de [segurança social](#). A Alemanha ocupa uma posição-chave nos assuntos europeus e mantém uma série de parcerias estreitas em um nível global.<sup>12</sup> O país também é reconhecido como líder científico e tecnológico em vários domínios.<sup>13</sup>

## Índice

[\[esconder\]](#)

- [1 Etimologia](#)
- [2 História](#)

- 2.1 Povos germânicos e cristianização da Germânia
- 2.2 Sacro Império Romano-Germânico (962-1806)
- 2.3 Restauração e a revolução (1814-1871)
- 2.4 Império alemão (1871-1918)
- 2.5 República de Weimar (1919-1933) e Terceiro Reich (1933-1945)
- 2.6 Ocupação e divisão (1945-1990)
- 2.7 Reunificação e integração europeia (1990-2015)

## Etimologia

O termo "Alemanha" deriva do [francês](#) *Allemagne* — terra dos [alamanos](#) — em referência ao povo germânico de mesmo nome que vivia na atual região fronteira entre a [França](#) e a Alemanha e que durante o [século V](#) cruzou o [Rio Reno](#) e invadiu a [Gália Romana](#).<sup>14</sup> O país também é conhecido por *Germânia*, que deriva do [latim](#) *Germania* — terra dos [germanos](#).<sup>15 16</sup>

## História

 *Ver artigo principal: [História da Alemanha](#)*

### Povos germânicos e cristianização da Germânia

 *Ver artigos principais: [Povos germânicos](#), [Germânia](#) e [Migrações dos povos bárbaros](#)*

*Ver também: [Francos](#)*

Assume-se que a [etnogênese](#) dos [povos germânicos](#) ocorreu durante a [Idade do Bronze](#) nórdica ou, ao mais tardar, durante a [Idade do Ferro](#) pré-romana.<sup>17 18</sup> A partir do sul da [Escandinávia](#) e do norte da atual Alemanha, as "tribos" começaram, no século I a.C., a se expandir para o sul, leste e oeste e entraram em contato com os povos [celtas](#) da [Gália](#), e também com [povos iranianos](#), [bálticos](#) e [eslavos](#). Pouco se sabe sobre a história germânica antes disso, exceto através das suas interações com o [Império Romano](#), de pesquisas etimológicas e de achados arqueológicos.<sup>19</sup>



Mapa da [Germânia](#) e do [Império Romano](#).

Por ordens do imperador [Augusto](#), o general romano [Públio Quintílio Varo](#) começou a invadir a Germânia (um termo usado pelos romanos para definir um território que começava no [rio Reno](#) e ia até os [Urais](#)), e foi nesse

período que as tribos germânicas se tornaram familiarizadas com as táticas de guerra romanas, mantendo no entanto a sua identidade tribal. Em 9 d.C., três [legiões romanas](#) lideradas por Varo foram derrotadas pelo líder [Querusco Arminio](#) na [Batalha da Floresta de Teutoburgo](#). O território da atual Alemanha, assim como os vales dos rios Reno e [Danúbio](#), permaneceram fora do Império Romano.<sup>20 21</sup> Em 100 d.C., na época do livro [Germania](#) de [Tácito](#), as tribos germânicas assentadas ao longo do Reno e do Danúbio (a [Limes Germanicus](#)) ocupavam a maior parte da área da atual Alemanha.<sup>22</sup> O século III viu o surgimento de um grande número de tribos germânicas

ocidentais: [alamanos](#), [francos](#), [catos](#), [saxões](#), [frísios](#), [anglos](#), [suevos](#), [vândalos](#), [godos](#) ([ostrogodos](#) e [visigodos](#)), [lombardos](#), [sicambros](#) e [turíngios](#). Por volta de 260, os povos germânicos romperam as suas fronteiras do Danúbio e expandiram a *Limes* para as terras romanas.<sup>23</sup>

A partir do ano de 723, o território da Germânia central foi objeto da pregação do missionário [inglês Winfrid](#), que adotou o nome latino [Bonifacius](#), com o qual foi canonizado. Ele fundou um célebre mosteiro em [Fulda](#), que se tornou um núcleo de evangelização de vários povos germânicos no país.<sup>20</sup>

A conversão dos [saxões](#) do norte deu-se apenas durante o império [carolíngio](#) (início do século IX), ao custo de numerosas expedições militares, pois eles resistiram aos esforços dos missionários. Ali eles adoravam, além dos deuses teutônicos comuns, a [Irmisul](#) - tronco que acreditavam sustentar a abóboda celeste. Mesmo vencidos, retomavam as armas e destruíam os mosteiros, numa resistência chefiada sobretudo pelo guerreiro [Viduquind](#). Com a sua conversão, Carlos Magno pôde afinal dominar sua região, incorporando-a no seu império, e estendendo o padrão cultural romano-cristão à quase totalidade do território correspondente à Alemanha de hoje.<sup>20</sup>

### **Sacro Império Romano-Germânico (962-1806)**

 Ver artigo principal: [Sacro Império Romano-Germânico](#)

O império medieval foi criado em 843 com a divisão do [Império Carolíngio](#), fundado por [Carlos Magno](#) em 25 de dezembro de 800, e em diferentes formas existiu até 1806, estendendo-se desde o [Rio Eider](#), no norte do país, até o [Mediterrâneo](#), no litoral sul. Muitas vezes referido como o [Sacro Império Romano](#) (ou o Antigo Império),<sup>24</sup> foi oficialmente chamado de o Sacro Império Romano da Nação Alemã (*Sacro Romanum Imperium Nationis Germanicæ* em [latim](#)) a partir de 1448, para ajustar o nome ao seu território de então.<sup>24</sup>



Martinho Lutero (1483-1546) deu início à Reforma Protestante.

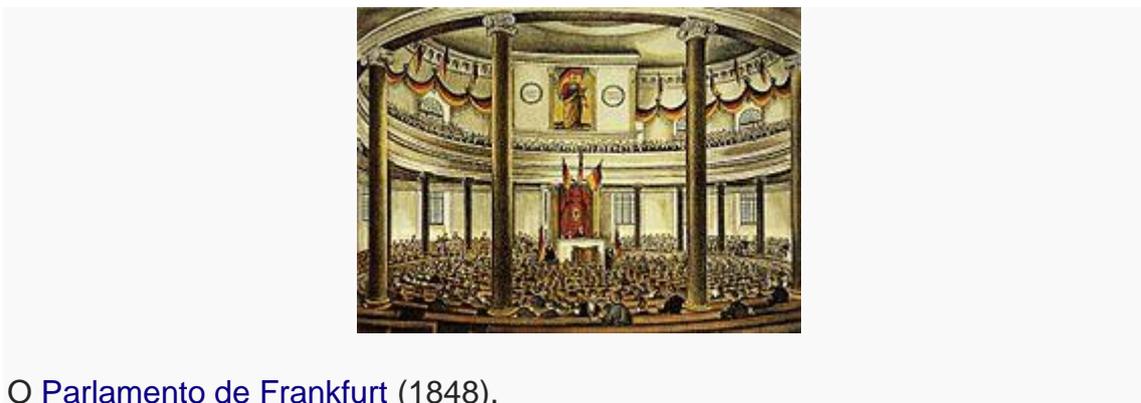
Sob o reinado dos imperadores otonianos (919-1024), os ducados de Lorena e da Saxônia, a Francônia, a Suábia, a Turingia e a Baviera foram consolidados, e o rei alemão Oto I foi coroado Sacro Imperador Romano dessas regiões em 962.<sup>25</sup> Sob o reinado dos imperadores Salianos(1024-1125), o Sacro Império Romano absorveu o norte da Itália e a Borgonha, embora o imperador tenha perdido parte do poder através da Questão das investiduras com a Igreja Católica Romana.<sup>26</sup> Sob os imperadores Hohenstaufen (1138-1254), os príncipes alemães aumentaram a sua influência para o sul e para o leste (Ostsiedlung), territórios habitados por povos eslavos, bálticos e estonianos antes da ocupação alemã na região.<sup>27</sup>

Com o colapso do poder imperial em 1250, devido à constante briga com a Igreja de Roma, fez-se necessário a criação de um novo sistema de escolha do imperador.<sup>28</sup> Criou-se, com a edição da Bula Dourada, o conselho dos sete príncipes-eleitores, que tinham o poder de escolher o comandante do Sacro Império. Durante esse período conturbado, as cidades comerciais se uniram para proteger seus interesses comuns;<sup>25</sup> a mais conhecida delas foi a Liga Hanseática, que reunia poderosas cidades do norte alemão como Hamburgo e Bremen.<sup>20</sup> A partir do século XV, os imperadores foram eleitos quase exclusivamente a partir da dinastia Habsburgo da Áustria.<sup>29</sup>

O monge Martinho Lutero publicou suas 95 Teses em 1517, desafiando as práticas da Igreja Católica Romana e dando início à Reforma Protestante. O luteranismo tornou-se a religião oficial de muitos estados alemães após 1530, o que levou a conflitos religiosos resultantes da divisão religiosa no império, que, por sua vez, geraram a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), que devastou os territórios alemães.<sup>30</sup> A população dos estados alemães foi reduzida em cerca de 30%.<sup>31</sup> A Paz de Vestfália (1648) acabou com a guerra religiosa entre os estados alemães, mas o império estava *de facto* dividido em inúmeros principados independentes. De 1740 em diante, o dualismo entre a monarquia austríaca dos Habsburgo e o Reino da Prússia dominou a história alemã. Em 1806, o *Imperium* foi dissolvido como resultado das Guerras Napoleônicas.<sup>32</sup>

## Restauração e a revolução (1814-1871)

🔍 Ver artigo principal: [Confederação Germânica](#)



O [Parlamento de Frankfurt](#) (1848).

Depois da queda de [Napoleão Bonaparte](#), o [Congresso de Viena](#) reuniu-se em 1814, e sua resolução fundou a [Confederação Germânica](#) (*Deutscher Bund* em [alemão](#)), a união de [39 estados soberanos](#).<sup>33 34</sup>

Desentendimentos com a [restauração](#) política proposta pelo Congresso de Viena levaram, em parte, ao surgimento de movimentos [liberais](#), exigindo unidade e liberdade.<sup>35</sup> Estes, porém, foram reprimidos com novas medidas por parte do estadista austríaco [Metternich](#). O [Zollverein](#), uma união tarifária, buscava uma profunda unidade econômica dos estados alemães.<sup>35</sup> Durante essa época, muitos alemães foram agitados pelos ideais da [Revolução Francesa](#),<sup>35</sup> e o [nacionalismo](#) passou a ser uma força mais significativa, especialmente entre os jovens intelectuais. Pela primeira vez, o preto, o vermelho e o dourado foram escolhidos para representar o movimento, tornando-se, mais tarde, as cores da [bandeira da Alemanha](#).<sup>36</sup>

Em função da [série de movimentos revolucionários na Europa](#), que estabeleceram com êxito uma república [na França](#), intelectuais e burgueses começaram a [Revolução de 1848 nos Estados alemães](#). Os monarcas inicialmente aceitaram as exigências dos revolucionários liberais para conter a movimentação popular. Ao rei [Frederico Guilherme IV da Prússia](#) foi oferecido o título de [imperador](#), mas sem poder [absoluto](#).<sup>20</sup> Ele entretanto rejeitou a coroa e a proposta de [Constituição](#), o que conduziu a um revés temporário no movimento.<sup>37</sup>

O conflito entre o rei [Guilherme I](#) da [Prússia](#) e o parlamento cada vez mais liberal foi rompido durante a reforma militar em 1862, quando o rei nomeou [Otto von Bismarck](#) o novo [Primeiro-ministro da Prússia](#). Bismarck travou com sucesso uma [guerra com a Dinamarca](#), em [1864](#). A vitória prussiana na [Guerra Austro-Prussiana](#) de [1866](#) permitiu criar a [Confederação Norte-Germânica](#) (*Norddeutscher Bund*), que excluía a [Áustria](#), ex-líder dos estados alemães, dos assuntos dos estados alemães restantes.<sup>38</sup>

## Império alemão (1871-1918)

🔍 Ver artigos principais: [Unificação Alemã](#) e [Império Alemão](#)



Fundação da moderna Alemanha, em Versalhes, França, em 1871. [Bismarck](#) aparece no centro com um uniforme branco.

O estado conhecido como *Alemanha* foi [unificado](#) como um moderno Estado-nação em 1871, quando o [Império alemão](#) foi criado, tendo o [Reino da Prússia](#) como seu maior constituinte.<sup>38</sup>

Após a derrota francesa na [guerra franco-prussiana](#), o Império alemão foi proclamado no [Versalhes](#) em 18 de janeiro de 1871. A Dinastia de [Hohenzollern](#) da Prússia declarou o novo império, cuja capital era [Berlim](#), até então a capital prussiana.<sup>38</sup> O império era uma unificação de todas as partes da Alemanha com exceção da Áustria ([Kleindeutschland](#), ou "Alemanha Menor"). A partir do início de 1884, a Alemanha começou a estabelecer [diversas colônias](#) fora da Europa, primeiro pela iniciativa privada, depois com aval estatal.<sup>39 40</sup> Durante esse período, a Alemanha experimentou um grande crescimento econômico, com uma forte industrialização, especialmente das indústrias de [mineração](#), [metalúrgica](#) e derivadas das engenharias [elétrica](#), [mecânica](#) e [química](#).<sup>35</sup>

No período [Gründerzeit](#), seguinte à [unificação da Alemanha](#), a política externa do imperador [Guilherme I](#) garantiu a posição do Império Alemão como uma grande nação europeia por fazer alianças comerciais e políticas com outros países europeus, isolando a [França](#) por meios diplomáticos, através de intrincados acordos secretos. Bismarck objetivava, assim, consolidar a unificação, tendo a Rússia por principal aliada.<sup>41</sup>



A [Alemanha Imperial](#) (1871-1918), com o líder [Reino da Prússia](#) em azul.

Mas o imperador [Guilherme II](#), no entanto, [como outras potências europeias](#), tomou um curso [imperialista](#) devido ao atrito com os países vizinhos. A maior parte das alianças que a Alemanha fizera não foram renovadas, e as novas alianças das demais potências excluíam o país. Especificamente, a França estabeleceu novas relações com a assinatura da [entente cordiale](#) com o [Reino Unido](#) e garantiu os laços com o [Império russo](#). E embora ainda mantivesse seus contatos com a [Áustria-Hungria](#), a Alemanha tornou-se cada vez mais isolada.<sup>42</sup> Teve início o período armamentista, chamado de [Paz Armada](#).<sup>40 41</sup>

O Imperialismo Alemão ([Weltpolitik](#)) ultrapassou as fronteiras do seu próprio país e se juntou a muitos outros poderes na Europa, que [reivindicavam a sua quota na África](#). A [Conferência de Berlim](#) dividiu a África entre as potências europeias. A Alemanha obteve vários pedaços da África, incluindo a [África Oriental Alemã](#), o [Sudoeste Africano Alemão](#), a [Togolândia](#) e [Camarões](#).<sup>40</sup> A [partilha da África](#) causou tensão entre as [grandes potências](#), que contribuiu para as [condições que levaram à Primeira Guerra Mundial](#).<sup>41</sup>

O [assassinato do príncipe da Áustria](#) em 28 de junho de 1914 desencadeou a [Primeira Guerra Mundial](#). A Alemanha, como parte dos [Impérios Centrais](#), foi derrotada pelos [Aliados](#) num dos mais sangrentos conflitos de todos os tempos. A [revolução alemã](#) eclodiu em novembro de 1918, forçando o imperador alemão Guilherme II e todos os príncipes a concordar em [abdicar](#). Um [armistício](#) que pôs fim à guerra foi assinado em 11 de novembro, e a Alemanha foi forçada a assinar o [Tratado de Versalhes](#) em junho de 1919.<sup>43</sup> A sua negociação, ao contrário da tradicional diplomacia de pós-guerra, excluiu os derrotados dos Poderes Centrais. O tratado foi encarado na Alemanha como uma humilhante continuação da guerra por outros meios, e sua dureza é frequentemente citada como tendo mais tarde facilitado a ascensão do [nazismo](#) no país.<sup>43</sup>

### **República de Weimar (1919-1933) e Terceiro Reich (1933-1945)**

 Ver artigos principais: [República de Weimar](#), [Alemanha Nazista](#) e [Segunda Guerra Mundial](#)



[Adolf Hitler](#), o líder do [Partido Nazista](#) e do [Terceiro Reich](#), discursando no [Reichstag](#) em 1940.

Após o sucesso da [Revolução alemã](#) em novembro de 1918, uma [república](#) foi proclamada.<sup>44</sup> A [Constituição de Weimar](#) entrou em vigor com a sua assinatura pelo [Presidente Friedrich Ebert](#) em 11 de agosto de 1919. O [Partido Comunista Alemão](#) foi criado por [Rosa Luxemburgo](#) e [Karl Liebknecht](#) em 1918, e o

Partido dos Trabalhadores Alemães, mais tarde conhecido como Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães ou [Partido Nazista](#), foi fundado em janeiro de 1919.<sup>44</sup>

Sofrendo as consequências das duras condições ditadas pelo [Tratado de Versalhes](#) e uma longa sucessão de governos mais ou menos instáveis, faltava cada vez mais identificação às massas políticas na Alemanha com seu sistema político de [democracia parlamentar](#).<sup>44</sup> Isso foi agravado por uma ampla disseminação de um mito político pela direita ([monarquistas](#), [völkischs](#), e nazis), a [Dolchstoßlegende](#), que alegava que a Alemanha tinha perdido a Primeira Guerra Mundial devido à Revolução alemã, e não por causa da derrota militar.<sup>44</sup> Por outro lado, os radicais de esquerda [comunistas](#), tais como a [Liga Espartaquista](#), queriam abolir aquilo que eles entendiam como "[governo capitalista](#)" e estabelecer um [Räterepublik](#). [Tropas paramilitares](#) foram criadas por diversos partidos, e houve diversos assassinatos por motivos políticos. Os paramilitares intimidavam eleitores e semeavam a violência e a raiva entre o povo, que sofria de uma elevada taxa de [desemprego](#) e de [pobreza](#).<sup>44</sup> Depois de uma série de gabinetes frustrados, o presidente [Paul von Hindenburg](#), vendo poucas alternativas e empurrado pelos seus assessores de direita, nomeou [Adolf Hitler](#) como [Primeiro-Ministro da Alemanha](#) em [30 de janeiro de 1933](#).<sup>44</sup>

Em 27 de fevereiro de 1933, o [Reichstag foi incendiado](#). Alguns direitos democráticos fundamentais foram então rapidamente revogados sob um decreto de emergência. Uma [Lei de plenos poderes](#) deu a Hitler o governo e o legislativo. Apenas o [Partido Social-Democrata da Alemanha](#) votou contra ele; os comunistas não foram capazes de apresentar oposição, pois seus suplentes já haviam sido assassinados ou presos.<sup>45 46</sup> A centralização [totalitária](#) estadual foi criada por uma série de jogadas e de decretos políticos, tornando a Alemanha um [Estado de partido único](#). Houve [queima de livros](#) de autores considerados contra a nação e perseguição a artistas e cientistas,<sup>47</sup> sendo que muitos deles emigraram, principalmente para os [Estados Unidos](#). A indústria foi fortemente regulamentada com cotas e requisitos, a fim de mudar a economia para uma [base produtiva de guerra](#). Em 1936, as tropas alemãs entraram na desmilitarizada [Renânia](#), e as políticas de apaziguamento do [primeiro-ministro Neville Chamberlain](#) se revelaram insuficientes. Entusiasmado, Hitler, a partir de 1938, seguiu adiante com sua política de [expansionismo](#) e de estabelecimento da [Grande Alemanha](#), começando em março daquele ano pela [Anschluss](#), a anexação da Áustria.<sup>48</sup> Para evitar uma guerra de duas frentes, Hitler firmou o [Pacto Molotov-Ribbentrop](#) com a [União Soviética](#), um pacto que ele mesmo romperia mais tarde em 1941.<sup>49</sup>



Vídeo feito pela [Força Aérea dos Estados Unidos](#) de [Berlim](#) em ruínas após o fim da [Segunda Guerra Mundial](#), em 1945.

Em 1939, as [crescentes tensões de nacionalismo, militarismo e questões territoriais](#) levaram os alemães ao [lançamento](#) da [Blitzkrieg](#) ("guerra relâmpago") em 1 de setembro contra a [Polônia](#), seguido dois dias depois pelas declarações de guerra da Grã-Bretanha e da França, marcando o início da Segunda Guerra Mundial. A Alemanha rapidamente ganhou controle direto ou indireto da maioria da [Europa](#).<sup>38</sup>

Em 22 de junho de 1941, Hitler quebrou o pacto com a União Soviética, abrindo a [Frente Oriental](#) e [invadindo a União Soviética](#). Pouco tempo depois, o [Japão atacou a base americana em Pearl Harbor](#), e a Alemanha declarou guerra aos [Estados Unidos](#). Embora inicialmente o exército alemão tenha avançado de forma rápida sobre a União Soviética, a [Batalha de Stalingrado](#) marcou uma virada importante na guerra. Depois disso, o exército alemão começou a recuar a Frente Oriental. O [Dia-D](#) foi o marco de uma virada importante sobre a Frente Ocidental, quando as forças aliadas desembarcaram nas praias da [Normandia](#) e avançaram rapidamente sobre o território alemão. A derrota da Alemanha ocorreu em seguida. Em 8 de maio de 1945, [as forças armadas alemãs se entregaram](#) após o [Exército Vermelho](#) ocupar [Berlim](#).<sup>38</sup>

No que mais tarde ficou conhecido como o [Holocausto](#), o regime do Terceiro Reich elaborou políticas governamentais que subjugavam diretamente muitas partes da sociedade: [judeus](#), [comunistas](#), [ciganos](#), [homossexuais](#), [maçons](#), dissidentes políticos, padres, pregadores, [adversários religiosos](#), [deficientes](#), entre outros. Durante a era nazista, cerca de onze milhões de pessoas foram assassinadas, incluindo seis milhões de judeus e dois milhões de [poloneses](#).<sup>50 51 52</sup> A Segunda Guerra Mundial e o genocídio feito pelos nazistas foram responsáveis por cerca de [35 milhões de mortos](#) na Europa.<sup>53</sup>

### **Ocupação e divisão (1945-1990)**

 Ver artigos principais: [História da Alemanha após 1945](#), [Zonas ocupadas pelos Aliados na Alemanha](#), [Reunificação da Alemanha](#) e [Milagre econômico alemão](#)



[Ocupação da Alemanha pelos Aliados](#) em 1947, com os territórios a leste da [linha Oder-Neisse](#) sob administração [polaca](#) ou anexações [soviéticas](#), além do [protetorado de Sarre](#) e a [Berlim dividida](#). A [RDA](#) era formada pela Zona

Soviética, enquanto a [RFA](#) era formada pelas zonas ocupadas pelos aliados ocidentais.

A guerra resultou na morte de quase dez milhões de soldados e civis alemães; [grandes perdas territoriais, a expulsão de cerca de 15 milhões de alemães](#) dos [antigos territórios orientais](#) e de outros países e a destruição de várias grandes cidades. O restante do território nacional e [Berlim](#) foram divididos com a ocupação militar dos Aliados em quatro zonas.<sup>54</sup>

Os setores controlados pela [França](#), pelo [Reino Unido](#) e pelos [Estados Unidos](#) foram fundidos em 23 de maio de 1949 para formar a [República Federal da Alemanha](#) (RFA); em 7 de Outubro de 1949, a Zona Soviética criou a [República Democrática da Alemanha](#) (RDA). Eles foram informalmente conhecidos como "[Alemanha Ocidental](#)" e "[Alemanha Oriental](#)", e as duas partes de Berlim como "[Berlim Ocidental](#)" e "[Berlim Oriental](#)". As partes oriental e ocidental optaram por Berlim Oriental e [Bonn](#) como suas respectivas capitais. No entanto, a Alemanha Ocidental declarou que o *status* de Bonn como sua capital era provisório,<sup>55</sup> a fim de enfatizar a sua convicção de que a instituição de dois Estados alemães distintos foi uma solução artificial *status quo* que seria necessário superar.

A [Alemanha Ocidental](#), estabelecida como uma república federal parlamentar, com uma "[economia social de mercado](#)", tornou-se aliada dos [Estados Unidos](#), [Reino Unido](#) e [França](#). O país chegou a se beneficiar de um crescimento econômico prolongado a partir dos anos 1950 (em [alemão](#): [Wirtschaftswunder](#)). Ingressou na [OTAN](#) em 1955 e foi membro fundador da [Comunidade Econômica Europeia](#), em 1958.<sup>56</sup>

A [Alemanha Oriental](#) foi um estado do [bloco oriental](#) sob controle político e militar da [URSS](#), através de suas forças de ocupação militar e do [Pacto de Varsóvia](#). Enquanto dizia ser uma democracia, o poder político foi executado exclusivamente pelos principais membros ([Politburo](#)) do [Partido Socialista Unificado da Alemanha](#) (SED), controlado pelos comunistas. Seu poder foi assegurado pelo [Stasi](#), um [serviço secreto](#) de grande dimensão, e por uma variedade de sub-organizações do SED que controlava todos os aspectos da sociedade, tendo um grande número de informantes dentro da própria população.<sup>57 58</sup> Por sua vez, as necessidades básicas da população foram preenchidas a custos baixos pelo Estado.



O [Muro de Berlim](#) na frente do [Portão de Brandemburgo](#) logo após a sua abertura em 1989.



A [Alemanha Ocidental](#) foi um dos membros fundadores da [União Europeia](#).

A [economia planificada](#) pró-soviética foi criada, e mais tarde a RDA passou a ser um estado do [Comecon](#). Apesar da [propaganda da Alemanha Oriental](#) ter sido baseada nos benefícios dos programas sociais da RDA e na alegada ameaça constante de uma invasão por parte da Alemanha Ocidental, muitos dos seus cidadãos olhavam para o Ocidente em busca de liberdade política e de prosperidade econômica.<sup>59</sup> O [Muro de Berlim](#), construído em 1961 para impedir a fuga dos alemães do leste para a Alemanha Ocidental, tornou-se um símbolo da [Guerra Fria](#).<sup>60</sup>

As tensões entre as Alemanha do Leste e do Oeste foram ligeiramente reduzidas no início dos anos 1970 pelo Chanceler [Willy Brandt](#) *Ostpolitik*, que incluiu a aceitação *de facto* das perdas territoriais da Alemanha na Segunda Guerra Mundial.<sup>61</sup>

### **Reunificação e integração europeia (1990-2015)**

 *Ver artigo principal:* [Reunificação da Alemanha](#)

Em face de uma crescente migração de alemães do leste para a Alemanha Ocidental através da [Hungria](#) e de [manifestações em massa durante o verão de 1989](#), as autoridades do Leste alemão inesperadamente facilitaram as restrições nas fronteiras em novembro, permitindo que cidadãos do leste alemão pudessem viajar para o ocidente.<sup>62</sup> Originalmente concebida como uma válvula de pressão para manter a Alemanha Oriental como um Estado, a abertura da fronteira na realidade levou a uma aceleração do [processo de reforma](#) na Alemanha Oriental, que finalmente foi concluído com o [Tratado Dois Mais Quatro](#) um ano mais tarde, em 12 de setembro de 1990, resultando na [reunificação alemã](#), ocorrida em 3 de outubro de 1990. Segundo os termos do tratado, as quatro potências ocupantes renunciavam aos seus direitos sob o Instrumento da Renúncia, e a Alemanha recuperava a plena [soberania](#) do seu território.<sup>63</sup>

Com base na Lei Bonn-Berlim, aprovada pelo parlamento em 10 de março de 1994, [Berlim](#) foi escolhida como capital do Estado unificado, enquanto [Bonn](#) obteve o *status* único de *Bundesstadt* (cidade federal) e reteve alguns ministérios federais.<sup>64</sup> A mudança do governo foi concluída em 1999.<sup>65</sup>

Desde a reunificação, a Alemanha tem tido um papel de liderança na [União Europeia](#) e na OTAN. Participou do exército que garantiu a estabilidade nos [Balcãs](#) e enviou [tropas](#) para o [Afeganistão](#) como parte de um esforço da OTAN para proporcionar a [segurança no país](#) após expulsar o [Talibã](#).<sup>66</sup> Esses deslocamentos eram controversos, visto que, após a guerra, a Alemanha era obrigada por lei a manter tropas apenas para fins de defesa. As investidas em

territórios estrangeiros foram entendidas como não estando abrangidas pela lei de defesa; entretanto, a votação parlamentar sobre a questão legalizou efetivamente a participação em um contexto de manutenção da paz.<sup>67</sup>

## ALEMANHA

### Sob os Hohenstaufen

[Conrado III](#) subiu ao trono em [1138](#), sendo o primeiro da Dinastia [Hohenstaufen](#), que queria restaurar a glória do império mesmo depois das condições de [1122](#), a [Concordata de Worms](#). Foi [Frederico I "Barba Ruiva"](#) (rei [1152](#), imperador de [1155a 1190](#)) que primeiro chamou o império de "Sacro", com o qual ele pretendia mudar principalmente as leis e a legislação.



Adhemar de Moneta carrega a Lança Sagrada.

Ainda, sob [Frederico Barbarossa](#), a ideia da [romanização](#) do império surgia de novo, o que aparentava ser um esforço para justificar o poder do imperador independentemente do (agora fortalecido) papa. Uma assembleia imperial nos arredores de [Roncaglia](#) em [1158](#) explicitamente contestou os direitos imperiais durante o conselho dos *quattuor doctores* do emergente setor judicial da [Universidade de Bologna](#), citando frases como *princeps legibus solutus* ("o imperador não é coberto pela lei") da *Digestae* do [Corpus Juris Civilis](#). As leis romanas foram criadas para um sistema totalmente diferente e não cobria a estrutura do império que era obviamente secundária; o importante aqui foi que a corte do imperador fez um esforço para criar uma constituição *legal*.

Direitos imperiais foram referidos como *regalia* desde a Controvérsia da Investidura, mas foram citadas pela primeira vez em Roncaglia. Essa compreensível lista incluía estradas públicas, tarifas, tributos, taxas punitivas, e a investidura. Esses direitos eram agora explicitamente ditos na Lei Romana,

um importante ato constitucional; no norte dos [Alpes](#) ele era agora ligado à [lei feudal](#), a mudança mais significativa da dissolução dos feudos de [Henrique o Leão](#) em [1180](#), o que levou a sua excomunhão pública. Barbarossa então comandou por um tempo promovendo uma maior união dos duques germânicos para todo o império.

Outra importante mudança constitucional de Roncaglia foi o estabelecimento de uma nova paz ([Landfrieden](#)) para todo o império, num esforço para abolir hostilidades pessoais não apenas entre os diversos duques locais, mas por outro lado ligar os subordinados do imperador ao sistema legal de jurisdições e ao tribunal público de atos – um conceito primitivo do "[Estado de direito](#)", em termos modernos, que na época, não era ainda inteiramente aceito.

Para resolver o problema de que o imperador não era (depois da Controvérsia da Investidura) mais capaz de usar a igreja como mecanismo para manter o seu poder, o Staufer surgiu lentamente tornando-se o *ministerialis*, antigo "militar não livre", que Frederico esperava ser mais consistente do que os duques locais. Inicialmente usado principalmente para a guerra, essa nova classe de povo formaria a base para os posteriores [cavaleiros](#), outra base de poder imperial.

Outro conceito novo da época era a fundação sistemática de novas cidades, tanto pelo imperador como pelos duques locais. Isso acontecia parcialmente devido a explosão populacional, mas também para concentrar o poder econômico em locais estratégicos, no lugar de se ter apenas cidades sobre as fundações de antigas cidades romanas ou sob o poderio dos antigos bispados. Cidades que foram fundadas no [século XII](#) incluem [Friburgo](#), possivelmente o modelo econômico de muitas outras futuras cidades, e [Munique](#).

O reino do último imperador Staufer, [Frederico II](#), era em muitos aspectos diferente dos antigos imperadores. Ainda uma criança, ele primeiro foi o soberano do [Reino da Sicília](#), enquanto na Alemanha, o segundo filho de Barba Ruiva [Filipe da Suábia](#) e o filho de Henrique, o Leão [Oto IV](#) competiam com ele pelo título de Rei dos Alemães. Depois de finalmente ser coroado imperador em [1220](#), ele entrou em conflito com o papa quando clamou poder sobre Roma. Surpreendentemente para muitos, ele organizou a [Sexta Cruzada](#) para tomar Jerusalém em [1228](#) enquanto ainda estava excomungado pelo papa.

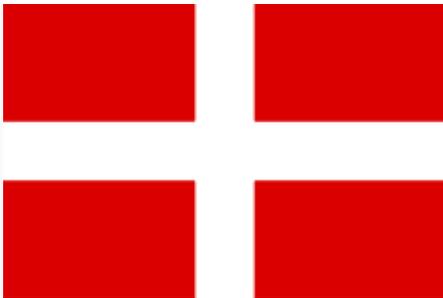
Enquanto Frederico trouxe a ideia mística do império até o último estágio, ele foi também o primeiro a dar o maior dos passos que levariam à fragmentação. De um lado, ele concentrou o poder ao criar um estado inovador na Sicília, com serviços públicos, finanças, e outras reformas. Do outro lado, Frederico foi o imperador que mais deu poderes aos duques alemães sob a forma de dois importantes privilégios que nunca mais seriam retirados pelo poder central. Em [1220](#), [Confoederatio cum principibus ecclesiasticis](#), Frederico deu um certo número de regalias em favor dos bispos, dentre eles as tarifas e o fortalecimento. No [Statutum in favorem principum](#) de [1232](#) ele estendeu esses privilégios aos outros territórios (não-clericais) (Frederico II foi forçado a dar esses privilégios devido à rebelião de seu filho, Henrique). Embora muitos desses privilégios tenham existidos antes, eles eram agora garantidos

globalmente, e de uma vez por todas, permitir aos duques alemães que mantivessem a paz no norte dos [Alpes](#) enquanto Frederico concentrava-se na sua terra natal na Itália. O documento de 1232 marcou a primeira vez que duques alemães foram chamados de *domini terræ*, donos de suas terras, uma grande mudança na terminologia.

Os [Cavaleiros Teutônicos](#) foram chamados para a [Prússia](#) pelo duque [Conrado de Masóvia](#) para cristianizar os [Prussianos](#) em [1226](#).

Durante o longo período dos imperadores da dinastia [Hohenstaufen](#) ([1138-1254](#)) na [península Itálica](#), os príncipes alemães se tornaram fortes e começaram, sucessivamente, a colonização majoritariamente pacífica das terras eslavas ocidentais, assim a influência do império cresceu fortemente e incluía a [Pomerânia](#) e a [Silésia](#).

[[editar](#)]**Crescimento territorial depois dos Staufen**



Bandeira do Sacro Império Romano Germânico 1200-1350

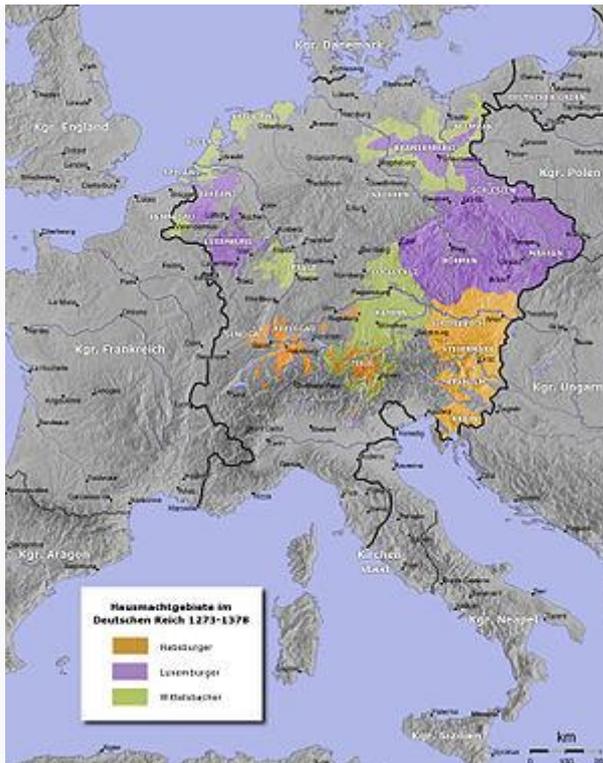
Depois da morte de Frederico II em [1250](#), nenhuma das dinastias nobres de produzir um rei provaram serem capazes de tal, e os duques líderes elegeram diversos reis para a competição a imperador. O período de [1246](#) (começando com a eleição de [Heinrich Raspe](#) e [Guilherme da Holanda](#)) até [1273](#), quando [Rodolfo I de Habsburgo](#) foi eleito rei, é geralmente referido como o [Interregno](#). Durante o interregno, muito do que restou da autoridade imperial foi perdido, assim como os príncipes tiveram tempo de consolidar seus territórios e se tornar cada vez mais independentes.



Os [Príncipes-eleitores](#)

Em [1257](#), uma dupla eleição gerou uma conjuntura que garantiu um longo interregno. Guilherme da Holanda tinha caído no ano anterior, e Conrado da Suábia tinha morrido três anos antes. Primeiro, três eleitores ([Eleitorado do Palatinato](#), [Colônia](#) e [Mainz](#)) (sendo a maioria da persuasão de Guelph) deram

seu veredito para [Ricardo de Cornwall](#) que era o sucessor de William da Holanda como rei. Depois de um tempo, um quarto eleitor, [Boêmia](#), aderiu a essa escolha. Entretanto, poucos meses depois, a Boêmia e os outros três eleitores [Trier](#), [Brandemburgo](#) e [Saxônia](#) votaram por [Afonso X de Castela](#), este tendo como base o partido de [Gibelino](#). O Conselho agora tinha dois reis. Era permitido ao rei da Boêmia de mudar o seu voto, ou a eleição estaria completa quando quatro eleitores escolhessem um rei? Seriam os quatro eleitores juntos capazes de depor Ricardo alguns meses depois, se a eleição tivesse sido válida?



☞ Sacro Império Romano Germânico de 1273-1378, e suas principais dinastias reais.

As dificuldades em eleger um rei eventualmente levaram ao surgimento de um colégio fixo de eleitores, o [Kurfürsten](#), cuja composição e procedimentos foram estabelecidos na [Bula Dourada de 1356](#). Esse desenvolvimento provavelmente simboliza o surgimento da dualidade entre *Kaiser und Reich* (imperador e reino), imperador e realeza, que não eram mais consideradas a mesma coisa. Isso foi ainda mais exposto quando os reis pós-Staufen tentaram sustentar seu poder. Antes, a força do império (e as finanças) era amplamente garantida pelas próprias terras do império, o chamado *Reichsgut* que sempre pertenceu ao respectivo rei (e incluía muitas cidades imperiais). Depois do [século XIII](#), sua relevância perdeu força (muito embora em algumas partes a situação continuou a mesma até o fim do império em 1806). Em vez disso, o *Reichsgut* estava cada vez mais sob as mãos de duques locais, algumas vezes para dar mais dinheiro ao império, mas mais freqüentemente, para recompensar a fidelidade

deles ou num esforço de civilizar alguns duques teimosos. A governança direta do *Reichsgut* não fazia parte mais nem do desejo do rei nem dos duques.

Em vez disso, os reis, começando com [Rodolfo I de Habsburgo](#), se baseavam nas terras de suas respectivas dinastias para dar suporte ao seu poder. Em contraste com o *Reichsgut*, que era mais esparso e difícil de administrar, esses territórios eram compactos e, portanto mais fáceis de controlar. Em [1282](#), Rodolfo I deu o comando da Áustria e a [Estíria](#) para seus próprios filhos.

Com [Henrique VII](#), a [Casa de Luxemburgo](#) entrava em cena. Em [1312](#), ele foi coroado como o primeiro imperador desde Frederico II. Depois dele todos os reis e imperadores fortaleceram as terras de suas próprias famílias (*Hausmacht*): [Luís IV de Wittelsbach](#) (rei 1314, imperador de [1328](#) a [1347](#)) fortaleceram suas terras na Baviera; [Carlos IV de Luxemburgo](#), neto de Henrique VII, deu mais força à sua terra natal na Boêmia.

O [século XIII](#) também foi palco de mudança estrutural geral em como as terras eram administradas. Em vez de deveres pessoais, o dinheiro se tornou cada vez mais comum o representante do valor econômico da agricultura. Camponeses estavam sendo obrigados a pagar tributos por suas terras. O conceito de "propriedade" estava substituindo formas mais antigas de jurisdição, embora eles estivessem intimamente ligados. Nas dependências (não no mesmo nível do Império), o poder se tornou cada vez mais enriquecido: Não importa quem tivesse a terra tinha jurisdição, de onde outros poderes se derivavam. É importante notar que, entretanto, dentro da jurisdição, nessa época, não incluía legislação, o que virtualmente não existia direito até o [século XV](#). A prática do tribunal foi fortemente misturada com costumes e hábitos tradicionais.

Foi durante esse tempo que essas regiões começaram a se transformar nos predecessores dos estados modernos que surgiram depois. Esse processo variou bastante entre os territórios e foi mais avançado nos territórios que eram mais semelhantes às terras das antigas tribos germânicas, como por exemplo, Baviera. Foi mais lento naqueles territórios mais esparsos e que foram fundados com privilégios imperiais.

### [\[editar\]](#) Reforma imperial

A "constituição" do império ainda estava desorganizada no começo do [século XV](#). Embora alguns procedimentos e instituições tenham sido criados, como por exemplo, a [Bula Dourada de 1356](#), as regras de como o rei, os eleitores, e os outros duques deviam cooperar dentro do império dependia mais da personalidade do respectivo rei. Isso foi provado ser fatal quando [Sigismundo de Luxemburgo](#) (rei 1410, imperador de [1433](#) a [1437](#)) e [Frederico III de Habsburgo](#) (rei 1440, imperador de [1452](#) a [1493](#)) ignorou as velhas terras do império e majoritariamente morou nas suas terras natais. Sem a presença do rei, a velha instituição do *Hoftag*, a assembléia dos homens da nobreza. O *Reichstag* como um órgão legislativo do império não existia ainda. Pior ainda, duques freqüentemente iam aos seus feudos para organizarem guerras locais contra outros duques.

Ao mesmo tempo, a igreja também estava em crise. O conflito entre diversos papas só foi resolvido no [Concílio de Constança \(1414-1418\)](#). Depois de [1419](#), muita energia foi gasta na luta contra a [heresia](#) dos [Hussitas](#). A ideia medieval de um [Corpus christianum](#) unificado, na qual o papado e o império eram as instituições líderes, começava a sucumbir.

Com essas mudanças dramáticas, muita discussão surgiu no [século XV](#) dentro do império. Costumes antigos não eram mais adequados para descrever a estrutura da época, e um reforço do antigo *Landfrieden* era necessário. Durante esse tempo, o conceito de "reform" surgiu, no senso original do verbo em Latim *re-formare*, para reganhar a antiga identidade que fora perdida.

Quando [Frederico III](#) precisou dos duques para financiar a Guerra contra o [Reino da Hungria](#) em [1486](#) e no mesmo tempo que seu filho, [Maximiliano I](#) foi eleito rei, ele foi confrontado com um pedido dos duques para a união de um conselho imperial. Pela primeira vez, a assembleia de eleitores e outros duques, agora chamada de *Reichstag*(que mais tarde ganhou a união das [Cidades Imperiais Livres](#)). Enquanto Frederico recusava-se a se unir ao conselho, seu filho, mais conciliatório, finalmente compareceu ao *Reichstag* em [Worms](#) em [1495](#), depois da morte de seu pai em [1493](#). Nisso, o rei e os duques concordaram em quatro propostas, geralmente referidas como [Reichsreform\(Reforma Imperial\)](#): um conjunto de decretos legais para dar ao Império em estado de quase-fragmentação a sua estrutura original. Dentre outros, esse decreto produziu os [Círculos Imperiais](#) e a [Reichskammergericht](#) (Câmara da Corte Imperial); estruturas que iriam — em certo nível — persistir até a queda do império em [1806](#).

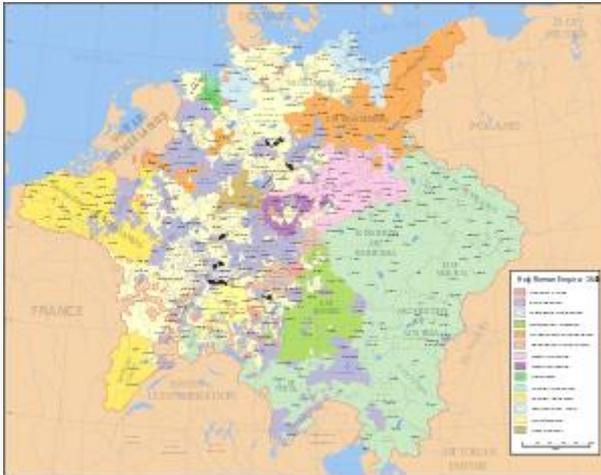
Entretanto, demorou mais algumas décadas até que as novas regulamentações fossem aceitas e a nova corte entrasse em funcionamento; apenas em [1512](#) que os [Círculos Imperiais](#) ficariam totalmente formados. O rei também deixou claro que a sua própria corte, o *Reichshofrat*, continuasse funcionando paralelamente ao *Reichskammergericht*. É interessante notar que nesse mesmo ano, o império recebeu o seu novo título, o *Heiliges Römisches Reich Deutscher Nation* ("Sacro Império Romano da Nação Germânica").<sup>[1]</sup>

### [\[editar\]](#)Crise depois da Reforma

Em [1517](#), [Martinho Lutero](#) iniciou o que seria depois conhecido [Reforma Protestante](#). Nessa época, muitos duques locais viram a chance para se opor à hegemonia do [Carlos V](#). O império então ficou dividido por linhas religiosas, com o Norte, o Leste e a muitas das grandes cidades — [Estrasburgo](#), [Frankfurt](#) e [Nuremberg](#)— tornando-se [Protestante](#) enquanto o Sul e o Oeste permaneceram [católicos](#). Conflitos religiosos emergiram em varias partes da Europa durante um século, embora a região alemã estivesse quieta desde a [paz de Augsburgo](#) em [1555](#) até a [Defenestração de Praga](#) em [1618](#). Quando os [Boêmios](#) rebelaram-se contra o imperador, o resultado imediato foi uma série de conflitos conhecidos como a [Guerra dos 30 Anos \(1618-1648\)](#), que devastou o império. Poderes externos, incluindo a [França](#) e a [Suécia](#), intervieram no conflito e fortaleceram o poder imperial, mas eles também

tomaram consideráveis partes de terra para eles mesmos. O longo conflito feriu o império de tal forma que ele nunca mais recuperaria sua força total de novo.

[editar]O longo declínio



O império depois da [Paz de Vestfália](#), 1648



O império em 1705, mapa "L'Empire d'Allemagne" de [Nicolas de Fer](#)

O fim do império veio em diversas etapas. A [Paz de Vestfália](#) em 1648, que acabou com a [Guerra dos 30 Anos](#), deu aos territórios [autonomia](#) quase que completa. A [Confederação Suíça](#), que já tinha conseguido uma quase-independência em 1499, e a [Holanda do Norte](#) deixaram o império. Embora os estados constituintes ainda tivessem algumas restrições — em particular, eles não podiam formar alianças contra o Imperador — o império a partir desse ponto foi uma entidade impotente, existindo apenas no nome. Os imperadores [Habsburgo](#) focaram-se em consolidar seus estados no [Império Austríaco](#) e outros lugares.

Com o avanço de [Luís XIV](#), os Habsburgos ficaram dependendo da ajuda dos [Arquiducados da Áustria](#) para conter o avanço do [Reino da Prússia](#), que estavam dominando alguns territórios dentro do próprio império. Durante o [século XVIII](#), os Habsburgos estavam envolvidos em vários conflitos pela

Europa, tal como a [Guerra da Sucessão Espanhola](#), a [Guerra da Sucessão Polonesa](#) e a [Guerra da Sucessão Austríaca](#). O [Dualismo alemão](#) entre [Áustria](#) e [Prússia](#) dominava a história do império desde [1740](#). A partir de [1792](#), a [França revolucionária](#) estava em Guerra com varias partes do Império interruptamente. O império foi formalmente dissolvido em [6 de agosto de 1806](#) quando o último sacro imperador romano-germânico [Francisco II](#) (a partir de [1804](#), imperador Francisco I da Áustria) abdicou, sendo seguido por uma derrota militar pelos franceses sob o comando de [Napoleão](#) (ver [Tratado de Pressburg](#)). Napoleão reorganizou muito do império na [Confederação do Reno](#), um [estado satélite francês](#). Francis da [Dinastia de Habsburgo-Lorena](#) sobreviveu ao desmanche do império, continuando a reinar como [Imperador da Áustria](#) e [rei da Hungria](#) até a dissolução final do Império dos Habsburgos em [1918](#) depois da [Primeira Guerra Mundial](#). Após, a [Confederação Napoleônica do Reno](#) foi substituída pela [Confederação Germânica](#) e depois pela [Confederação Norte-Germânica](#), até que os territórios que falavam o alemão, menos a Áustria, foram unidos sob a liderança do Reino da Prússia em [1871](#), no [Império Alemão](#), o Estado predecessor da atual [Alemanha](#).

#### [\[editar\]](#) Resquícios atuais

Às vezes é dito que o único atual sobrevivente do império é o pequeno principado de [Liechtenstein](#), localizado entre a [Suíça](#) e a [Áustria](#).

Ainda existe um [Habsburgo](#) reclamando o trono imperial, [Otto de Habsburgo](#). Entretanto, o trono do império nunca foi meramente hereditário, e títulos de nobreza não são mais oficiais na Alemanha e nas outras repúblicas da Europa Central.

#### [\[editar\]](#) Análise

Tem sido dito que a história moderna da Alemanha foi predeterminada por três fatores: o [Reich](#), a [Reforma Protestante](#), e depois o dualismo entre [Áustria](#) e [Prússia](#). Muitos esforços têm sido feitos para entender por que o *Reich* nunca formou um poder forte e centralizado sobre seus territórios, como aconteceu com a sua vizinha [França](#).<sup>[1]</sup> Algumas razões incluem:

- O império era um corpo federativo desde o início: ao contrário da França, que tinha feito parte do [Império Romano](#), na parte oriental do Reino Franco, as tribos germânicas que depois fizeram parte da nação germânica ([Saxões](#), [Turíngios](#), [Francos](#), [Bávaros](#), [Alamanos](#) ou [Suábios](#)) eram muito mais independentes e relutavam em ceder o poder a uma autoridade central. Todas as tentativas de fazer o reino uma monarquia hereditária falharam; em vez disso, o rei era sempre eleito. Depois, cada candidato para rei fazia promessas para o seu eleitorado, o chamado *Wahlkapitulationen* (Capitulações eleitorais), assim dando aos nobres mais e mais poder através dos séculos.
- Devido às conotações religiosas, o império era uma instituição duramente afetada pela disputa entre o [Papa](#) e os reis germânicos em suas

respectivas coroações como imperador. Nunca ficou claro sob quais condições o papa devia coroar o imperador e especialmente se todo o poder do imperador era dependente do poder clerical do papa. Muito debate aconteceu sobre isso, especialmente durante o [séclo XI](#), levando à [Controvérsia da Investidura](#) e a [Concordata de Worms](#) em [1122](#).

- Se o sistema [feudal](#) do império, onde o rei era formalmente o topo da chamada "pirâmide feudal", era a causa ou sintoma da fraqueza do império não é certo. Em qualquer caso, a obediência militar, que – de acordo com a tradição germânica – estava intimamente ligada à doação de terras aos tributários, sempre foi um problema: quando o império tinha que ir para a guerra, as decisões demoravam e eram tímidas.
- Até o [séclo XVI](#), os interesses econômicos do sul e do oeste divergiam daqueles do norte, onde a [Liga Hanseática](#) operava. A Liga Hanseática era muito mais ligada com a [Escandinávia](#) e o [Báltico](#) do que com o resto da Alemanha.
- A historiografia alemã de hoje vê o Sacro Império Romano-Germânico como um sistema balanceado de organizar uma multidão de estados (efetivamente independentes) sob um complexo sistema de regulamentos legais. Pequenos estados como os senhorios e as cidades imperiais livres sobreviveram por séculos como entidades independentes, embora eles não tivessem nenhum poderio militar. As cortes supremas, [Reichshofrat](#) e o [Reichskammergericht](#) ajudaram a diminuir os conflitos, ou ao menos mantê-los como guerras de palavras em vez de guerras verdadeiras.
- O grande número de territórios diferentes com diferentes línguas ([alemão](#), [francês](#), [italiano](#), [tcheco](#), [esloveno](#), etc.), denominações religiosas e diferentes formas de governo levaram a uma grande variedade de culturas, o que pode ser visto na atual Alemanha com as culturas regionais, costumes e dialetos que mudam às vezes no raio de poucos quilômetros.

[\[editar\]](#) Impérios sucessores

---

Depois do fim das [Guerras Napoleônicas](#) um nova [União alemã](#) foi criada em [1815](#). Ela sobreviveu até [1866](#) quando o [Reino da Prússia](#) dissolveu a Confederação germânica para formar a [Confederação Norte-Germânica](#) que se tornaria um [estado-nação](#) em [1871](#), o [Império Alemão](#).<sup>[6]</sup>

## **A Unificação da Alemanha**

Ricardo Bergamini

O Sacro Império Romano Germânico (fundado por Oto o Grande, em 962) foi dissolvido por Napoleão, em 1806. Os seus 300 e tantos Estados foram reduzidos a 40. E destes, 16 Estados formaram a Confederação do Reno, sob a autoridade de Napoleão.

O Congresso de Viena (1815) criou uma Confederação Germânica de 38 Estados, com a capital em Francfort. O presidente era o imperador da Áustria; o vice-presidente, o rei da Prússia.

“Era uma organização imperial de pouca eficiência, que reuniu os numerosos soberanos alemães e na qual tinham parte também de soberanos estrangeiros com possessões na Confederação, como o rei da Dinamarca e o rei dos Países Baixos. Fora dos limites da Confederação, soberanos alemães possuíam, por sua vez, territórios extensos que não faziam parte da Confederação” (Delgado de Carvalho).

Os partidários da Áustria desejavam a junção de todas as populações germânicas numa Grande Alemanha. Os partidários da Prússia preferiam uma Pequena Alemanha – com exclusão da Áustria.

O Zollverein foi um passo importante no sentido da unificação. Por iniciativa da Prússia (1819), começaram a abolirem-se as taxas alfandegárias entre os países alemães, o que lhes trouxe grandes vantagens económicas e a conseqüente prosperidade. Em 1836, todos os Estados da Confederação faziam parte do Zollverein. Somente a Áustria recusou-se a aderir, o que provocou a queda do seu prestígio entre os países alemães – em benefício da Prússia.

1848. A Assembléia de Francfort

Em 1848, os movimentos liberais da Europa repercutiram na Alemanha. Líderes políticos alemães – liberais e nacionalistas – sem consultar os respectivos soberanos nem lhes dar satisfação alguma, convocaram uma Assembléia Constituinte em Francfort.

A Assembléia redigiu uma declaração de direitos, escolheu o regime monárquico e ofereceu a coroa imperial ao rei da Prússia, Frederico Guilherme IV. Mas este, com receio da Áustria (e repugnando a origem “vergonhosa”, revolucionária, da coroa), rejeitou o oferecimento.

Por sua vez, a Áustria forçou a dissolução da Assembléia e a abolição das reformas liberais, que haviam sido concedidas em diversos Estados alemães.

Última Vitória da Áustria: Olmütz

Dissolvida a Assembléia, Frederico Guilherme tentou organizar uma Pequena Alemanha unificada e obteve a adesão de alguns soberanos. (Era a chamada “União restrita”).

Em vista disso, o imperador austríaco convocou uma Dieta Federal (representantes dos diversos Estados), que anulou essas decisões e exigiu a dissolução da incipiente União. Frederico Guilherme parecia disposto a resistir. A Áustria, então, ameaçou com a guerra. E o rei da Prússia, na conferência de Olmütz (1850), submeteu-se à humilhante imposição da Áustria.

Bismarck

Em 1861 subiu ao trono prussiano Guilherme I, que se empenhou, sobretudo numa enérgica reforma militar. Contou, para isso, com a colaboração do seu férreo primeiro-ministro, Bismarck. O exército – sob a direção do excelente chefe do Estado Maior, Moltke – foi reorganizado. Dobrou seu efetivo (passou a ter 400.000 homens) foi reequipado com os mais aperfeiçoados armamentos.

Coube a Bismarck levar a cabo a tarefa de unificar a Alemanha. A unidade alemã foi realizada em três etapas:

Guerra dos Ducados – contra a Dinamarca – em aliança com a Áustria (1864); Guerra da Prússia e da Itália – contra a Áustria (1866); Guerra franco-prussiana (1870-1871).

Após a rápida vitória contra a Áustria (Sadowa, 1866), Bismarck criou a Confederação da Alemanha do Norte, sob a hegemonia da Prússia. A Áustria renunciou definitivamente a formar parte da Alemanha. Estava vingada, assim, a humilhação de Olmütz.

Sobreveio, finalmente, a guerra franco-prussiana, habilmente provocada por Bismarck. Além de vencer a França e destruir o Segundo Império (Napoleão III), o chanceler prussiano conseguiu a unificação dos países alemães. Em janeiro de 1871, na Galeria dos Espelhos do palácio de Versalhes, Guilherme I foi proclamado imperador da Alemanha.

A Guerra Franco-Prussiana (1870-871)

1) A França declara a guerra (19 de julho de 1870).

2) Período imperial: derrota francesa de Sedan (2 de setembro de 1870).

a) Um exército francês derrotado na fronteira: perde-se a Alsácia. A Lorena é invadida. O melhor exército francês, comandado pelo marechal Bazaine, deixa-se encerrar em Metz.

b) Com novo exército, Mac-Mahon e Napoleão III marcham sobre Metz. São sitiados e massacrados em Sedan. O imperador se rende a 2 de setembro de 1870. Ao tomar conhecimento da derrota, os parisienses proclamam a República (4 de setembro de 1870).

3) Período republicano: a defesa nacional.

Gambetta organiza a resistência nacional, que dura seis meses. Constitui-se um governo provisório: o “Governo da Defesa Nacional”. Paris é sitiada pelos exércitos alemães. Gambetta foge em balão e se dirige a Tours, a fim de organizar a defesa nacional.

Bazaine, vergonhosamente, capitula em Metz com um exército de 150.000 homens (27 de outubro de 1870). A traição precipita a derrota final. “Metz foi entregue a Bismarck, diz Malet, por um ambicioso que esperava sobressair com a queda do império. O exército alemão pode, graças a esta infâmia, reforçar as outras frentes”.

Paris é bombardeada pelos alemães; mesmo assim, continua a resistir, em meio a terríveis sofrimentos.

A 28 de janeiro de 1871, o governo provisório concerta o armistício com Bismarck. Os franceses elegem uma Assembléia Nacional, que se reúne em Bordéus e decide negociar a paz. A Assembléia Nacional designa Thiers como chefe do poder executivo e translada-se a Versalhes. O governo de Versalhes entra logo em choque com Paris, que desencadeia a revolução – 18 de março de 1871 – e proclama a Comuna.

A paz franco-alemã é definitivamente estabelecida no Tratado de Francfort (10 de maio de 1871): a França cede a Alsácia (menos Belfort) e o norte da Lorena; além disso, compromete-se a pagar cinco bilhões de francos-ouro.

Ricardo Bergamini  
(48) 9636-7322  
(48) 9976-6974  
[ricardobergamini@ricardobergamini.com.br](mailto:ricardobergamini@ricardobergamini.com.br)  
[www.ricardobergamini.com.br](http://www.ricardobergamini.com.br)

## **O ano Alemanha-Brasil. Cuidados...**

**Paulo Timm -2013**

O encontro ontem, em São Paulo, dos Presidentes do Brasil e da Alemanha, selou a abertura do Ano Brasil Alemanha 2013/14 . Nada de novo. A cada ano autoridades brasileiras concertam-se com algum país estrangeiro para uma intensificação das relações culturais, políticas e comerciais entre seus países.

De acordo com o Itamaraty, os dois presidentes devem discutir a ampliação do fluxo bilateral de comércio e investimentos, o fortalecimento dos laços entre pequenas e médias empresas brasileiras e alemãs, as iniciativas de cooperação em ciência, tecnologia e informação e o apoio alemão ao Programa Ciência sem Fronteiras. Gauck e Dilma ainda devem discutir as negociações comerciais entre o Mercosul e a União Europeia e a crise financeira internacional.

## Grandes parceiros

Na pauta das conversas também estão parcerias na área de energias renováveis e a participação do Brasil como país homenageado da Feira do Livro de Frankfurt de 2013.

<http://www.dw.de/presidente-alem%C3%A3o-chega-ao-brasil-com-extensa-pauta-econ%C3%B4mica/a-16807975>

Falando no evento, a Presidente Dilma Rousseff destacou os fortes laços entre os dois países, mencionando a presença de mais de 2 mil estudantes brasileiros na Alemanha e de mais de 50 empresas brasileiras naquele país. A presença do Presidente J.Glauck inaugura, aliás, o 31º Encontro Econômico Brasil-Alemanha, organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Confederação da Indústria Alemã (BDI). O Brasil é o maior parceiro comercial da Alemanha na América Latina.

Só em São Paulo existem mais de 800 empresas alemãs. O intercâmbio comercial bilateral triplicou na última década, chegando a 21,5 bilhões de reais em 2012. O montante representa 22% do fluxo comercial do Brasil com a União Europeia.  
(idem)

As relações entre Brasil e Alemanha, apesar da presença brasileira junto aos Aliados tanto na I como na II Guerra, são antigas e estreitas, desde que o Governo Prussiano cedo reconheceu a nossa Independência (1825), abrindo-se, no ano seguinte, um consulado brasileiro em Hamburgo. Recorde-se que Dom Pedro I era casado com uma Princesa austríaca e que foi um de seus homens de confiança, o Cel. Schaeffer, que naquela cidade, em 1824 recrutou os primeiros imigrantes alemães que foram, primeiro para Friburgo, no Rio de Janeiro e depois, para S.Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Na primeira leva, que chegou a esta cidade no dia 25 de julho de 1824, estavam meus ancestrais, os irmãos Heinrich e August:

A situação das famílias de Heinrich Timm e de August Timm não era diferente das muitas famílias de colonos da região. Com muitos filhos, apenas o mais velho tinha o poder hereditário da terra (o chamado "Erbrecht"), os demais precisavam procurar ocupação nas cidades ou entrar para o exército. Mas, além das terras já exauridas por sua constante exploração, na cidade a revolução industrial já substituíra a mão de obra humana. Os colonos que dividiam suas tarefas nas lavouras e nos trabalhos como artesãos, não encontravam mais serviço e viram na imigração uma solução para seus problemas.

Pobres, sem nenhum futuro, as duas famílias Timm resolveram aceitar a oferta de terras e outras vantagens que fazia o governo brasileiro aos imigrantes e concordaram em tentar a sorte no Brasil. Assim, viajaram Heinrich, sua esposa Anna Margaretha e seus filhos Hans Heinrich, Anna Katharina, Katharina

Margaretha, Johann Georg e Johann Jacob. Da segunda família Timm vieram August, sua esposa Katharina Maria Magdalena e seus filhos Christopher e Jacob. Viajaram juntos, pois eram primos distantes.

Essas duas famílias Timm saíram do porto de Hamburgo, que era próximo de Holstein, em 05/04/1824, no veleiro “Anna Louise”, um barco de 3 mastros, que trazia 326 pessoas, sendo 126 colonos e 200 soldados. Estava no comando o Capitão Johann Heinrich Knaack. O “Anna Louise” chegou à cidade do Rio de Janeiro em 04/06/1824, sendo os imigrantes alojados na Praia Grande, em Niterói. A maior parte deles seguiu para Nova Friburgo e alguns vieram para o sul do Brasil, no dia 01/07/1824, a bordo do bergantim “São Joaquim Protector”, barco de dois mastros apropriado para navegar na Barra do Rio Grande.

Após três semanas de viagem, chegaram à Capital da Província de São Pedro, hoje cidade de Porto Alegre, em 18/07/1824, sendo então recepcionados pelo Presidente da Província, na época, Feliciano Fernandes Pinheiro. Foram então instalados na extremidade sul do porto, próximo à atual Usina do Gazômetro. Dali, transportados para o local, onde hoje é São Leopoldo, à margem esquerda do Rio dos Sinos, conhecido como “Passo do Courita”, pois morava ali um português natural de Coura. Nessa parte da viagem, o transporte foi feito por meio de lanchões toldados, movidos à vela e a remo ( ou longas taquaras ).

A chegada em “ Passo do Courita”, hoje São Leopoldo, aconteceu em 25 de julho de 1824, data comemorada até hoje como a chegada dos primeiros imigrantes alemães no Brasil.

Uma curiosidade é que a primeira pessoa a descer do lanchão foi uma das duas “Frau Timm”.

(Maria de Lourdes Timm – “Família Timm – Genealogia”)

O fluxo migratório que irmanaria as duas comunidades continuou até 1859, quando a Prússia promulgou o chamado "Rescrito de Heydt", proibindo a propaganda em favor da imigração para o Brasil, devido aos maus tratos sofridos pelos colonos alemães na província de São Paulo.

Este rescrito teve efeito desfavorável sobre os possíveis emigrantes na Prússia, e de 1871 em diante, em toda a Alemanha. O decreto só foi revogado em 1896.

Mas pouco tempo depois as relações seriam novamente turvadas pela declaração de Guerra do Governo de Venceslau Brás, em 27 de outubro de 1917, contra o já Império Alemão, fundado em 1871, com a incorporação da Prússia. Depois de um período de paz e boas relações entre os dois países, seguiu-se, em 1942 a declaração do Estado de beligerância contra a Alemanha de Hitler (III Reich) , supostamente responsável por vários torpedeamentos de nossos navios na costa atlântica . Com a divisão da

Alemanha nos pós-Guerra, as relações foram retomadas em dois momentos: Em 1951, com a República Federal Alemã, com capital em Bonn e mais tarde com a República Democrática Alemã (Zona Soviética) . Com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e a reunificação do país, nossas relações se incrementaram ainda mais.

A adequada compreensão das relações do Brasil com a Alemanha tropeça, muitas vezes, no entendimento do que é a Alemanha e como se constitui. O território do que é hoje este país esteve, durante séculos fragmentado em pequenos reinos, ducados e cidades. Só se constitui como um Estado centralizado em 1871. Muitos dos imigrantes que aqui chegaram, até esta data, não eram de nacionalidade alemã, então inexistente. Muitos, vindos do Schleswig eram dinamarqueses. Outros, austríacos. Outros, em grande maioria, de regiões autônomas. Mesmo o famoso Sacro Império Romano Germânico, fundado por Carlos Magno Carlos Magno em 25 de dezembro de 800, data de sua coroação jamais gozou de grande centralidade. Durou cerca de mil anos, sempre fragmentado e sem nenhuma capacidade de afrontar os países emergentes da Era das Navegações.

*O império foi formalmente dissolvido em 6 de agosto de 1806 quando o último sacro imperador romano-germânico Francisco II (a partir de 1804, imperador Francisco I da Áustria) abdicou, sendo seguido por uma derrota militar pelos franceses sob o comando de Napoleão (ver Tratado de Pressburg). Napoleão reorganizou muito do império na Confederação do Reno, um estado satélite francês. Francis da Dinastia de Habsburgo-Lorena sobreviveu ao desmanche do império, continuando a reinar como Imperador da Áustria e rei da Hungria até a dissolução final do Império dos Habsburgos em 1918 depois da Primeira Guerra Mundial. Após, a Confederação Napoleônica do Reno foi substituída pela Confederação Germânica e depois pela Confederação Norte-Germânica, até que os territórios que falavam o alemão, menos a Áustria, foram unidos sob a liderança do Reino da Prússia em 1871, no Império Alemão, o Estado predecessor da atual Alemanha.*

Várias razões são apontadas para a incapacidade histórica dos territórios alemães se unificarem em um só Estado.

Primeiro, pela maneira como se integrou à cultura ocidental . Depois, pela divisão entre o sul católico e o norte, protestante, que acabou fortalecendo uma divisão anterior entre o sul/sudoeste da região e o norte, conhecido como Liga Hanseática, na região Báltica . E finalmente, numa divisão interna insuperável - a famosa dualidade alemã, a partir do sec. XVIII -entre o Reino da Áustria,

fortemente centralizado e que teve em Viena, entre os anos 1815 e 1930 um dos principais centros culturais do mundo, e os territórios dispersos do que é hoje a Alemanha. Muito contribui, para tanto, o fato de que as tribos germânicas jamais ficaram atadas ao Império Romano. É célebre a afirmação de César, às margens do Reno, depois de havê-lo atravessado numa manobra assombrosa da engenharia militar da época, mas precavidamente retornado: "Aqui termina o Império Romano. A resistência dos germanos à dominação romana foi exaustiva. E permaneceram, depois de liquidação do Império Romano, com seus próprios reinos, mesmo depois da criação do Sacro Império Romano Germânico, o qual, apesar do nome jamais inclui Roma. Ali pululava grande número de territórios diferentes, diferentes línguas (alemão, francês, italiano, tcheco, esloveno, etc.), distintas referências religiosas e diferentes formas de governo, com uma grande variedade de culturas e dialetos regionais. .

- A historiografia alemã de hoje vê o Sacro Império Romano-Germânico como um sistema balanceado de organizar uma multidão de estados (efetivamente independentes) sob um complexo sistema de regulamentos legais. Pequenos estados como os senhorios e as cidades imperiais livres sobreviveram por séculos como entidades independentes, embora eles não tivessem nenhum poderio militar. As cortes supremas, Reichshofrat e o Reichskammergericht ajudaram a diminuir os conflitos, ou ao menos mantê-los como guerras de palavras em vez de guerras verdadeiras.

(...)

- O império era um corpo federativo desde o início: ao contrário da França, que tinha feito parte do Império Romano, na parte oriental do Reino Franco, as tribos germânicas que depois fizeram parte da nação germânica (Saxões, Turíngios, Francos, Bávaros, Alamanos ou Suábios) eram muito mais independentes e relutavam em ceder o poder a uma autoridade central. Todas as tentativas de fazer o reino uma monarquia hereditária falharam; em vez disso, o rei era sempre eleito. Depois, cada candidato para rei fazia promessas para o seu eleitorado, o chamado Wahlkapitulationen (Capitulações eleitorais), assim dando aos nobres mais e mais poder através dos séculos.
- Devido às conotações religiosas, o império era uma instituição duramente afetada pela disputa entre o Papa e os reis germânicos em suas respectivas coroações como imperador. Nunca ficou claro sob quais condições o papa devia coroar o imperador e especialmente se todo o poder do imperador era dependente do poder clerical do papa. Muito debate aconteceu sobre isso, especialmente durante o século XI, levando à Controvérsia da Investidura e a Concordata de Worms em 1122.
- Se o sistema feudal do império, onde o rei era formalmente o topo da chamada "pirâmide feudal", era a causa ou sintoma da fraqueza do império não é certo. Em qualquer caso, a obediência militar, que – de acordo com a

tradição germânica – estava intimamente ligada à doação de terras aos tributários, sempre foi um problema: quando o império tinha que ir para a guerra, as decisões demoravam e eram tímidas.

(Alemanha – Wikipédia)

Tais fatos debilitaram enormemente os povos germânicos diante do processo da Revolução Industrial em curso na França e Inglaterra, apesar do fortalecimento do Império Austro-Húngaro depois da convulsão napoleônica (Congresso de Viena, 1815). A Alemanha sempre se viu limitada em seu “espaço vital” para o fornecimento de matérias-primas e expansão de mercados para sua indústria nascente. Daí porque tenha se voltado, no final do século XIX para os países escandinavos, Rússia especialmente, da qual foi um decisivo suporte tecnológico até a Revolução Bolchevique, em 1917.

Frustrada em suas ambições imperiais, desenvolve um forte sentimento nacionalista interior, o qual a moverá para as duas grandes guerras mundiais do século XX. Desta última sai literalmente destrozada, dividida, mas jamais prostrada. A reunificação, no final do século deu-lhe novo alento e inspira veleidades de supremacia mundial. Muitos analistas admitem, inclusive, que até o final do século teremos num mundo globalizado, três centros tecnológico-industriais hegemônicos: Estados Unidos, Alemanha e China. Este impulso recente da economia alemã, já chamado de Milagre Alemão, tem, naturalmente, raízes históricas. O país já era competitivo mundialmente no final do século XIX. Alguns fatores somaram-se, entretanto, nesta nova fase:

*1. O superávit em conta corrente da Alemanha é o primeiro do mundo em relação ao PIB, superando a China. As exportações da Alemanha para China, Índia, Brasil e Rússia, somadas, eram 2,2% do total em 2000. Agora, em 2010, subiram para 20,7%, crescendo 366% nesse período. O aumento da produtividade foi de 20% entre 2000 e 2010. A chave de seu boom exportador é a potência competitiva de sua indústria manufatureira que é a primeira do mundo, em especial nos equipamentos e bens de capital, além da produção automotriz.*

*2. A Alemanha induziu o fechamento massivo dos setores incapazes de competir, como construção naval, consumo eletrônico, telefonia celular e vestuário. A taxa de juros real é negativa. O sistema financeiro internacional paga pelo “privilegio” de emprestar a Alemanha. O PBI industrial cresceu 9% em 2011 e os setores de maior expansão foram o automotor (+13,4%), engenharia (+13%) e produção metalomecânica (+12%).*

*3. A metade das exportações europeias a China são alemãs e recebe 25% das vendas da China a Europa. Na acumulação capitalista, na atual fase de globalização e hiperconexão, as políticas econômicas são pouco relevantes frente às mudanças de fundo.*

4. (BBC, 20) *Produtividade. Horas de trabalho por ANO: México: 2.250 / Chile: 2047 / Rússia: 1981 / EUA: 1787 / Itália: 1774 / Japão: 1728 / Espanha: 1690 / Reino Unido: 1626 / Alemanha: 1413 / Holanda: 1379. (Fonte OECD)*

5. *Mais importante ainda para a força industrial da Alemanha é seu sistema educacional. A metade dos jovens no ensino médio está em treinamento vocacional e a metade destes em estágio em empresas. Os estagiários entre 15 e 16 anos, passam mais tempo no lugar de trabalho que na escola. E depois de três anos tem garantido o emprego. Ninguém acha isso algo menor. Assim, o sistema educacional alemão é uma espécie de fábrica de trabalhadores altamente qualificados para suprir as necessidades específicas das empresas.*

(JorgeCastro – Clarín, cit por C.Maia NL)

Mas por que a Alemanha está “tão bem”, economicamente? E isto é importante para refletir as relações Brasil-Alemanha, neste ano que se inaugura em suas relações.

A reserva de pessoas disponíveis para trabalhar, na Alemanha está diminuindo. Actualmente, o número das pessoas que entra no mercado do trabalho é menor do que o número das pessoas que vão para a reforma. Ainda por cima, a população do país é madura e está diminuindo. Nos próximos 30 anos a Alemanha terá sete milhões de habitantes a menos. O ex-ministro da Economia da Alemanha, Wolfgang Clement, defendeu que os alemães se aposentem aos 80 anos, “se quiserem”, conforme destacou o jornal espanhol El Mundo. “Temos que aceitar o fato de que os alemães têm que trabalhar por mais tempo. É a consequência lógica da mudança demográfica. Quem quiser e puder deve seguir trabalhando até os 75 ou mesmo 80”, disse. O forte senso de humor negro dos alemães já admite que, assim sendo, não faltarão empregos para os velhinhos.

Este pano de fundo demográfico cria um ambiente de tensão e medo na população trabalhadora do país. Como poucos outros povos, eles se dispõem à medidas de extrema austeridade que se traduzem por acordos para diminuição dos salários e precarização dos regimes de emprego, com a quebra de antigas conquistas laborais. Ou seja, o mesmo mecanismo chinês de compressão salarial imposto na China e que lhe dá grande competitividade industrial, é copiado, livremente na Alemanha, gerando os piores salários da Europa, profunda segmentação do mercado de trabalho, onde só alguns ganham muito, e generalização dos chamados minijobs, que são trabalhos por semana, ou por hora, sem garantias, de baixíssima remuneração. Um estudo francês evidencia que estes “mini-trabalhos” com “mini-salários” cresceram vertiginosamente nos últimos anos (+47% entre 2006 e 2009), superada apenas pelo trabalho temporário (+134%, alcançando em maio de 2011 5 milhões de subempregados, aos quais se juntam os cerca de 3 milhões de desempregados oficiais. ( *Institut Français des Relations Internationales*, e pode ser descarregado [neste link](#) -Fonte: [Rischio Calcolato, IFRI](#) ). Em Agosto de 2010, outro relatório do Instituto do Trabalho da Universidade de Duisberg-

Essen estimava que mais de **6,55 milhões de Alemães recebiam menos de 10 Euros brutos por hora**, um total que tinha aumentado de 2,3 milhões quando comparado aos 10 anos anteriores. **Dois milhões de trabalhadoras** na zona do Reno **vivem** (ou melhor, sobrevivem) **com menos de 6 Euros por hora**, e muitos **na antiga Alemanha Oriental ficam com 4 Euros por hora**, ou seja 720 Euros por um mês de trabalho a tempo inteiro.

Tudo começou na Volkswagen:

*Em 2001, o governo Schroeder começa a implementar as ideias de Peter Hartz, chefe do pessoal (desculpem, "Gestor dos Recursos Humanos") da Volkswagen, convencido, não sem razão, que os recheados subsídios de desemprego e sociais em vigor no País tendem a criar uma camada de preguiçosos crónicos: por isso concebe um artifício que "força" os desempregados a encontrar trabalho.*

*Antes das reformas Hartz, os desempregados que tinham pago as contribuições tinham direito a um subsídio (ou Arbeitsgeld AG1) que durava dois e, em alguns casos, 3 anos. Após Hartz, a AG1 dura apenas um ano.*

*Antes da mesma reforma, os desempregados de longa duração que tivessem esgotado o direito ao AG1 começavam a receber o AG2, muito mais modesto, e havia também uma "ajuda social" (o Sozialhilfe) para as pessoas ainda mais afastadas do mundo do trabalho.*

*Hoje, AG2 e Sozialhilfe são fundidos num só subsídio e distribuídos através de centros especiais: nesses centros cada desempregado deve fazer "passos positivos", apresentando-se com cadência bi-mensal e aceitar qualquer emprego, também se muito menos remunerativo do que anterior, sob pena de perder os benefícios.*

*Que tem tudo isso a ver com a queda da taxa de desemprego?*

*O facto é que este sistema apagou milhões de pessoas da lista dos desempregados para fazê-las reaparecer na lista dos "trabalhadores pobres", aqueles que têm **menos de 15 horas de emprego por semana** e que são pagos com **menos de 400 Euros por mês** (400? Nem em Portugal, e está tudo dito...).*

(O Milagre Alemão : A história não contada -

<http://informacaoincorrecta.blogspot.pt/2012/02/o-milagre-alemao-historia-nao-contada.html>)

São precisamente estes fatos que levam a que os países membros da União Europeia se sintam ameaçados pela Alemanha, vez que, mercê da cultura de

defesa do trabalho, não teriam a mesma disposição de reprimir a força de trabalho como fez a Alemanha. Um artigo recente, de J. Torres López, foi retirado, à instâncias do Governo Alemão, do Jornal El País, de Madri, por afirmar que La Merckel estaria fazendo o mesmo que Hitler.

O economista respondeu [no seu blog](#):

*Diante da retirada do meu artigo “a Alemanha contra a Europa” do site do El País, quero manifestar o seguinte:*

*– Sem querer avaliar a decisão do diário, lamento que se interprete que a tese desse artigo é comparar a senhora Merkel com Hitler, tal e como algumas pessoas estão a dar a entender na rede. Lamento-o porque acho que é evidente que de forma alguma são pessoas comparáveis ou que as suas políticas sejam igualmente daninhas. E, sobretudo, porque acho que de forma alguma se pode deduzir isto do meu texto. E mais, acho que interpretá-lo assim só serve para desviar a atenção sobre a questão de fundo do meu artigo que é claramente outro.*

*– É verdade que no artigo afirmo que, na minha opinião, a Alemanha declarou guerra económica contra o resto de Europa e que comparo isso com a busca do espaço vital que levou Hitler a desencadear a guerra, mas acho que isto deve ser entendido como a comparação de dois factos históricos lamentáveis ainda que de fatura desigual, e não como a equiparação de dois líderes políticos.*

Assim, pois, cuidado com os exemplos do Milagre Alemão, como também, do Milagre Chinês. A continuarem pelo caminho que trilham vão acabar liquidando um século de conquistas de garantias do trabalho e instaurando no mundo globalizado uma guerra social sinistra. O Brasil pode estar, hoje, diante de grandes desafios em seu processo de desenvolvimento, eis que necessita urgentemente reorganizar seu setor industrial, de forma a que venha ganhar maior densidade tecnológica nas suas relações com o exterior. Mas, seja pela via Bacha, de inclinação neoliberal, seja pela via Belluzzo, menos propensa à abertura total, o que dependerá do resultado eleitoral de 2014, tenhamos presente a defesa das conquistas laborais.

**DANTZIG\_ O BIG BANG DO SÉCULO XX**

**Paulo Timm – Especial para sul21 – 11 de maio 2015**

**Publicado em [www.paulotimm.com.br](http://www.paulotimm.com.br)**

No dia 08 de maio passado, o mundo inteiro celebrou 70º aniversário do fim da II GUERRA MUNDIAL. O dia em que o Alto Comando Militar alemão assinou sua rendição aos Aliados, numa Berlim destruída que faria o cenário aberto e trágico do filme Alemanha Ano Zero, de Rossellini, abrindo o neo-realismo no cinema italiano. A Rússia, neste dia oito de maio, do ano da graça de 2015, então, deu um verdadeiro espetáculo cívico-militar, eis que seu Exército Vermelho, à época da URSS, teve decisivo papel no desenlace final do conflito contra a Alemanha. Foram os primeiros a chegar a Berlim a ponto de se apoderar do cadáver de Hitler, levando-o para Moscou. Putin, á frente do Estado russo aproveitou para dar um recado ao mundo ocidental de que, se a União Soviética sucumbiu, a Rússia está de pé na defesa de um papel estratégico na geopolítica mundial. Ao se rememorar o fim da II Guerra poucos, porém, se lembram do seu início, e, mais do que tudo suas razões. É comum, do lado ocidental concentrar-se todo o fogo do discurso contra HITLER, como se ele fosse o único responsável pela guerra. Esquece-se, ou oblitera-se a essência de Hitler, que era sua filiação ao nazi-fascismo, preferindo-se debitar os horrores do conflito, sobretudo o holocausto de 6 milhões de judeus, à sua loucura. Rigorosamente, entretanto, Hitler, o nacional-socialismo são partes da complexa questão alemã, ou seja, da afirmação do Estado Alemão na Idade Moderna. Esta se arrastou por mais de um século antes de desembocar no nazi-fascismo e na Guerra. A Alemanha atrasou-se, frente aos demais Estados Europeus na formação de seu Estado Nacional e encontrou pela frente não só as potências imperialistas que já se haviam apoderado dos mercados mundiais, como tinha uma equação interna ao mundo germânico, opondo a Prússia com um conjunto de pequenos reinos e até cidades-estado, como Dantzig, à tradicional e poderosa Áustria, ou Império Austro Húngaro.

Aproveitando a data, relendo alguns textos – que reúno em coletânea, reví, hoje, também, O TAMBOR, filme baseado na obra do mesmo nome de GUNTER GRASS, escritor alemão recentemente falecido. Ele foi uma espécie de consciência da Alemanha nas últimas décadas. Um dos poucos... O filme trata do episódio do bombardeio de Dantzig, então administrada pela Liga das Nações, no dia 01 de setembro de 1939, dando origem à forte reação da Inglaterra e França que os levaria à declaração de guerra. O estatuto institucional de Dantzig, cidade de maioria alemã e grande presença de poloneses e judeus, fora uma herança do Tratado de Versalhes, que assegurou, com a neutralização desta

cidade, sob comando da comunidade internacional, uma saída da Polônia para o mar. Tratava-se do famoso “Corredor Polonês”, jamais bem tragado pelos alemães. Depois da guerra a cidade passou ao domínio da Polônia sob o nome de Gdansk, por onde, aliás, começou a ruir o Império Soviético.. Os antecedentes e conseqüentes do ataque alemão a Dantzig ajudam muito a compreender o século XX. Dantzig ou Gdansk foi o epicentro de II Guerra Mundial e ao mesmo tempo o “elo mais fraco” do Império Soviético. A Teoria do Elo mais fraco foi desenvolvida nos anos 1970 por Z. Brzezinski, americano de origem polonesa, profundo conhecedor da alma e problemas de sua terra, então Secretário de Estado do Governo Carter. Afirmava ele que a “Cortina de Ferro” não era inabalável. Como toda cadeia, sempre tem um elo mais fraco e no caso soviético era a Polônia. Se caísse este país o Império viria abaixo. Poucos deram crédito a Brzezinski, hoje novamente conselheiro do Presidente americano. Mas um conjunto de “coincidências” , a partir de então fizeram da Polônia o ponto nevrálgico do mundo comunista. Em Gdansk surgiu o Movimento Solidariedade, que projetaria o líder Lech Valesa no vértice das mudanças que transformariam o país, refletindo-se no mundo soviético e um polonês foi guindado ao Papado... Em 1989 ruía o Muro de Berlim. Em 1991 desaparecia a URSS... .

*"A crise começou a alguns dias depois da vitória de Francisco Franco, seu aliado: 28 de abril de 1939, momento escolhido por Hitler para lançar um discurso no Reichstag (parlamento alemão), que exige a devolução de Danzig e uma ferrovia e uma estrada extraterritorial para atravessar o Corredor Polonês (que separava a Prússia Oriental do resto da Alemanha desde o fim da I Guerra Mundial após o Tratado de Versalhes). A Polónia aceita a construção da estrada, mas se recusou a transferência de soberania ou cláusula de extraterritorialidade.*

*Simultaneamente ao apoio diplomático francês e britânico, a URSS forneceu apoio militar à Polónia (como havia feito antes com a Tchecoslováquia durante a Crise dos Sudetos), a Polónia rejeita (como fez antes a Checoslováquia). O objectivo destas negociações infrutíferas em 21 de agosto levou Josef Stalin a acreditar em uma mudança radical de alianças: Viatcheslav Molotov e Joachim von Ribbentrop (da URSS comunista e da Alemanha nazista, respectivamente), assinaram o Pacto Germano-Soviético de não-agressão em 23 de agosto de 1939, que, na prática (e na cláusula da parte secreta do pacto) é uma nova partição da Polónia como nos séculos XVIII e XIX, que também deu a União Soviética*

*territórios antes czaristas perdidos em 1918: os Estados Bálticos (Finlândia, Estónia, Letónia e Lituânia) e parte da Romênia (região da Bessarábia).*

*Hitler tinha conseguido evitar a guerra em duas frentes que desde Otto von Bismarck era o maior temor dos estrategistas alemães, como evidenciado pela Primeira Guerra Mundial. As últimas negociações britânicas não poderiam dar qualquer resultado: era impossível apaziguar Hitler. A guerra começou com o bombardeio de Danzig e a invasão da Polônia em 1 de setembro de 1939. Em 3 de setembro, a França e a Grã-Bretanha responderam com uma declaração de guerra à Alemanha."*

*Há 70 anos começava a II Guerra Mundial*  
<http://www.blogdasegundaguerra.com.br/?cat=79>

## Batalha de Austerlitz

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

### Batalha de Austerlitz

#### Guerras Napoleónicas



Napoleão em Austerlitz, por François Gérard (Palácio de Versalhes)

<b>Data</b>	2 de dezembro de 1805
<b>Local</b>	Austerlitz, a 10 km a sudeste de Brno, Morávia
<b>Desfecho</b>	Importante vitória francesa
	<ul style="list-style-type: none"><li>• Abdicação de Francisco I</li><li>• Dissolução do Sacro</li></ul>

<p>Império Romano Germânico</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Criação da Confederação do Reno</li> </ul>															
<p><b>Combatentes</b></p> <table border="0"> <tr> <td> Império Francês</td> <td> Império Russo</td> </tr> <tr> <td></td> <td> Império Austríaco</td> </tr> </table>		 Império Francês	 Império Russo		 Império Austríaco										
 Império Francês	 Império Russo														
	 Império Austríaco														
<p><b>Comandantes</b></p> <table border="0"> <tr> <td> Napoleão I</td> <td> Alexandre I da Rússia</td> </tr> <tr> <td></td> <td> Mikhail Kutuzov</td> </tr> <tr> <td></td> <td> Francisco II</td> </tr> </table>		 Napoleão I	 Alexandre I da Rússia		 Mikhail Kutuzov		 Francisco II								
 Napoleão I	 Alexandre I da Rússia														
	 Mikhail Kutuzov														
	 Francisco II														
<p><b>Forças</b></p> <p>72 000 homens<sup>nota 1</sup>   85 000 homens<sup>nota 2</sup></p>															
<p><b>Baixas</b></p> <table border="0"> <tr> <td>1 305 mortos</td> <td>15 000 mortos ou</td> </tr> <tr> <td>6 940 feridos</td> <td>feridos</td> </tr> <tr> <td>573 capturados</td> <td>12 000</td> </tr> <tr> <td>1 <a href="#">bandeira</a> capturada<sup>1</sup></td> <td>prisioneiros</td> </tr> <tr> <td></td> <td>180 canhões e 50</td> </tr> <tr> <td></td> <td>bandeiras</td> </tr> <tr> <td></td> <td>capturadas<sup>1</sup></td> </tr> </table>		1 305 mortos	15 000 mortos ou	6 940 feridos	feridos	573 capturados	12 000	1 <a href="#">bandeira</a> capturada <sup>1</sup>	prisioneiros		180 canhões e 50		bandeiras		capturadas <sup>1</sup>
1 305 mortos	15 000 mortos ou														
6 940 feridos	feridos														
573 capturados	12 000														
1 <a href="#">bandeira</a> capturada <sup>1</sup>	prisioneiros														
	180 canhões e 50														
	bandeiras														
	capturadas <sup>1</sup>														
<p>[Expandir]</p> <p><b>Terceira Coligação</b></p>															

**Batalha de Austerlitz**, também conhecida como a **Batalha dos Três Imperadores**, foi uma batalha que resultou numa das maiores vitórias de [Napoleão Bonaparte](#), onde o [Império Francês](#) derrotou a [Terceira Coligação](#). No dia [2 de dezembro de 1805](#)<sup>nota 3</sup>, um exército francês, sob o comando de Napoleão, derrotou um exército austro-russo, liderado pelo czar [Alexandre I da Rússia](#) e pelo imperador [Francisco II](#), após uma difícil luta de cerca de nove horas. A batalha teve lugar perto de [Austerlitz \(Slavkov u Brna\)](#), a cerca de [10 km](#) a sudeste de [Brno](#) na [Morávia](#), na altura uma região do [Império Austríaco](#) (actualmente [República Checa](#)). A batalha é vista como uma obra-prima em termos tácticos.

A vitória francesa em Austerlitz acabou definitivamente com a Terceira Coligação. A 26 de dezembro de 1805, a Áustria e a França assinaram o [Tratado de Pressburg](#), que implicou a saída da Áustria tanto da guerra como da Coligação, enquanto reforçava os anteriores tratados de [Campoformio](#) e [Lunéville](#) entre as duas potências. O tratado obrigava a entrega de regiões na [península Itálica](#) e na [Baviera](#) à França e, na [Alemanha](#), aos aliados alemães de Napoleão; impunha uma indemnização de 40 milhões

de [francos](#) aos derrotados [Habsburgos](#) e permitia às tropas russas livre-passage, com armas e equipamentos, através de territórios hostis até sua casa. A vitória em Austerlitz também permitiu a criação da [Confederação do Reno](#), um conjunto de estados alemães que actuariam como uma zona de barreira entre a França e a [Europa Central](#). Uma consequência imediata destes acontecimentos foi o fim do [Sacro Império Romano-Germânico](#) quando, em 1806, o [sacro imperador romano Francisco II](#) abdicou do trono imperial, mantendo a designação de "Francisco I da Áustria" como o seu único título oficial. Todos estas alterações, no entanto, não mantiveram a paz por muito tempo no continente europeu. A crescente influência francesa na Europa Central, causava preocupações à [Prússia](#), o que acabou por dar origem à [Guerra da Quarta Coligação](#), em 1806.

### **Guerra e Paz**[\[editar\]](#) | [editar código-fonte](#)]

A Batalha de Austerlitz é um dos cenários principais da obra de [Liev Tolstói](#), [Guerra e Paz](#). Perto do início da guerra, o príncipe André, um dos personagens principais, pensa que o dia que se aproxima "[será] o seu [Toulon](#) ou a sua [Arcole](#),"<sup>51</sup> referência às anteriores vitórias de Napoleão. André espera a glória, mesmo pensando para ele, "Marcharei sempre para a frente e acabarei com tudo o que estiver à minha frente."<sup>51</sup> Mais tarde, na batalha, no entanto, André cai nas mãos do inimigo e chega a encontrar-se com o seu herói, Napoleão. Mas o seu entusiasmo inicial tinha sido deitado abaixo; ele já não pensa em Napoleão, "parecia-lhe tão mesquinho o seu herói, com aquelas miseráveis vaidades e alegria pela vitória, em comparação com o céu alto, justo e bondoso que tinha visto e finalmente compreendido."<sup>52</sup> Tolstói retrata Austerlitz como um teste para a Rússia, teste este que acaba mal pois os soldados lutaram por coisas irrelevantes como a glória ou o reconhecimento, em vez de lutarem pelas grandes virtudes que produzem, de acordo com Tolstói, uma vitória como a de [Borodino](#) durante a [a invasão da Rússia em 1812](#).<sup>53</sup>

### **Perspetivas históricas**[\[editar\]](#) | [editar código-fonte](#)]

Napoleão não conseguiu derrotar o exército aliado de forma mais consistente como desejava,<sup>49</sup> mas os historiadores reconhecem que o plano original forneceu uma vitória significativa. Por esta razão, Austerlitz é, por vezes, comparada a outras grandes batalhas tácticas como a de [Canas](#) ou [Blenheim](#). Alguns historiadores acham que Napoleão teve tanto sucesso em Austerlitz que perdeu a noção da realidade, e aquilo que era a "política externa francesa" tornou-se "a política de Napoleão" depois da batalha.<sup>54</sup> Na [História da França](#), Austerlitz é descrita como uma vitória militar impressionante e, no século XIX, quando o fascínio com o [Primeiro Império](#) atingia o seu auge, a batalha era venerada por aqueles que gostavam de [Victor Hugo](#), o qual "nas profundezas dos [seus] pensamentos" ouvia o "ruído de canhões pesados em direcção a Austerlitz".<sup>55</sup> No bicentenário da batalha, no entanto, instalou-se a controvérsia porque nem o presidente francês [Jacques Chirac](#) nem o primeiro-ministro [Dominique de Villepin](#), estiveram presentes na comemoração.<sup>56</sup> Por outro lado, alguns cidadãos dos [departamentos franceses](#) protestaram contra o que consideravam a "comemoração oficial de Napoleão", argumentando que

Austerlitz não devia ser celebrada pois achavam que Napoleão tinha cometido [genocídio](#) contra cidadãos coloniais.<sup>56</sup>

Depois da batalha, o czar Alexandre I responsabilizou M. I. Kutuzov, o comandante-chefe do exército aliado.<sup>57</sup> Contudo, é claro que o plano de Kutuzov consistia em retirar ainda mais para trás onde os aliados tinham mais vantagem logística. Nesse caso, as tropas aliadas poderiam ter sido reforçadas pelos homens do arquiduque Carlos em Itália, e os prussianos podiam ter-se juntado à coligação contra Napoleão. Um exército francês no final da sua linha de abastecimentos, num local onde não houvesse fornecimento de comida, teria ficado frente-a-frente com uma situação complicada, e o final da batalha poderia ter sido outro.<sup>58</sup>

## **Cidade Livre de Danzig**

A Cidade Livre de Danzig, foi uma cidade-estado portuária estabelecida em 10 de janeiro de 1920, sob os termos do Tratado de Versalhes. [Wikipédia](#)

**Capital:** [Gdańsk](#)

**Área:** 1.966 km<sup>2</sup>

**Fundação:** 10 de janeiro de 1920

**População:** [357.000 \(1919\)](#)

[Mais imagens para danzig cidade](#)





A **Crise de Danzig** foi uma crise diplomática que antecedeu imediatamente a Segunda Guerra Mundial. Tratou-se da última reivindicação irredentista que Adolf Hitler exigiu (e a única que a França e a Grã-Bretanha se opuseram à decisão), após ter obtido a remilitarização da Renânia e a anexação da Áustria e dos Sudetos. Além disso, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) testou com sucesso os elementos-chave da política expansionista de Hitler: tanto a eficácia das unidades de elite das suas aeronaves (Legião Condor), como a ineficácia dos mecanismos de manutenção da lei internacional (neste conflito, o princípio de não-intervenção, apenas respeitado pelas democracias ocidentais), uma nova demonstração da ineficácia da política de apaziguamento.



Localização de Danzig.

A crise começou a alguns dias depois da vitória de Francisco Franco, seu aliado: 28 de abril de 1939, momento escolhido por Hitler para lançar um discurso no Reichstag (parlamento alemão), que exige a devolução de Danzig e uma ferrovia e uma estrada extraterritorial para atravessar o Corredor Polonês (que separava a Prússia Oriental do resto da Alemanha desde o fim da I Guerra Mundial após o Tratado de Versalhes). A Polónia aceita a construção da estrada, mas se recusou a transferência de soberania ou cláusula de extraterritorialidade.

Simultaneamente ao apoio diplomático francês e britânico, a URSS forneceu apoio militar à Polónia (como havia feito antes com a Tchecoslováquia durante a Crise dos Sudetos), a Polónia rejeita (como fez antes a Checoslováquia). O objectivo destas negociações infrutíferas em 21 de agosto levou Josef Stalin a acreditar em uma mudança radical de alianças: Viatcheslav Molotov e Joachim von Ribbentrop (da URSS comunista e da Alemanha nazista, respectivamente), assinaram o Pacto Germano-Soviético de não-agressão em 23 de agosto de 1939, que, na prática (e na cláusula da parte secreta do pacto) é uma nova partição da Polónia como nos séculos XVIII e XIX, que também deu a União Soviética territórios antes czaristas perdidos em 1918: os Estados Bálticos (Finlândia, Estónia, Letónia e Lituânia) e parte da Romênia (região da Bessarábia).

Hitler tinha conseguido evitar a guerra em duas frentes que desde Otto von Bismarck era o maior temor dos estrategistas alemães, como evidenciado pela Primeira Guerra Mundial. As últimas negociações britânicas não poderiam dar qualquer resultado: era impossível apaziguar Hitler. A guerra começou com o bombardeio de Danzig e a invasão da Polónia em 1 de setembro de 1939. Em 3 de setembro, a França e a Grã-Bretanha responderam com uma declaração de guerra à Alemanha.

---

### **Dantzig -1SET/09: Há 70 anos começava a II Guerra Mundial**

<http://www.blogdasegundaqueria.com.br/?cat=79>

Hoje está fazendo um bonito dia de sol aqui em Curitiba. Os ipês amarelos da minha rua estão floridos e lindos. Em grande parte da Europa está fazendo calor típico do verão europeu. Muitos parques e lagos de diversas cidades europeias serão acometidos por dezenas de pessoas querendo aproveitar o horário de almoço. Há 70 anos, entretanto, essa liberdade de aproveitar os bons momentos da vida estava em xeque. Às 4h45 de Berlim em 1939, o encouraçado alemão *Schleswig-Holstein* disparou tiros contra uma guarnição polonesa na então denominada Cidade Livre de Danzig, administrada pela Liga das Nações (uma espécie de ONU da época). Hoje, este fato está sendo lembrado por inúmeros líderes mundiais já que é considerado o marco inicial da Segunda Guerra Mundial.

Danzig hoje se chama Gdansk e não é mais uma Cidade-Estado. Hoje, ela faz parte da Polónia. Em 1939, apesar de 95% de sua população ser étnicamente alemã, a cidade estava proibida de fazer parte da Alemanha como resultado do Tratado de Paris assinado pela Alemanha ao fim da Primeira Guerra Mundial. Neste tratado, a Alemanha cedeu grandes partes de seu território oriental para a criação do estado polonês, mas foi permitida a manter Königsberg como um

exclave no Báltico, conhecido como Prússia Oriental. Entre a Prússia Oriental e o resto da Alemanha ficavam a Cidade Livre de Danzig e uma estreita faixa de território conhecida como Corredor Polonês que pertencia à Polônia. O fato de Danzig ter sido excluída da Alemanha ao fim da Primeira Guerra foi motivo de revolta dentro da Alemanha no período entre Guerras e, desde 1920, diferentes governos alemães solicitaram uma revisão do Tratado de Paris solicitando a reincorporação de Danzig à Alemanha. A Liga das Nações, entretanto, sempre foi contra já que, para ela, a cidade precisava manter-se neutra para poder ser usada como porto pela Polônia. Danzig era, efetivamente, o único porto marítimo que a Polônia podia utilizar e foi importante para abastecer o país de armas durante os diversos conflitos travados por ela de 1918 a 1938 contra Ucrânia, Alemanha, Tchecoslováquia, União Soviética e Lituânia.

Menos de quatro meses após Hitler chegar ao poder na Alemanha, em 1933, o movimento nazista ganhou força em Danzig. Os alemães da cidade perderam o direito à nacionalidade alemã pelo Tratado de Paris. Pela Constituição da Cidade Livre de Danzig (criada pela Liga das Nações), caso um habitante solicitasse a cidadania alemã, ele perderia direito a toda e qualquer propriedade que possuísse na cidade. Isso fez o discurso nacionalista alemão dos nazistas muito atraente por lá. Os alemães de Danzig tiveram que esperar até 1939 já que Hitler preferiu expandir o território alemão em outras regiões antes de tentar Danzig. Nesse meio tempo, os habitantes da cidade foram se tornando dos mais radicais entre todos os alemães. Danzig forneceu grandes números de voluntários para a Juventude Hitlerista e organizou um grupo paramilitar que seria incorporado à Gestapo e à SS e foi responsável por algumas das maiores atrocidades cometidas por estes grupos sanguinolentos principalmente em relação a prisioneiros de guerra de origem polonesa.

Após anos de expansão alemã aceitas pelos ingleses e franceses sem ressalvas, Hitler deveria estar se sentindo confiante de que poderia ocupar Danzig e a Polônia sem ser incomodado. As incorporações da Áustria e dos Sudetos da Tchecoslováquia haviam sido aceitas pelos governantes europeus. Mas tanto a Áustria quanto os Sudetos haviam pedido para ser unificados à Alemanha durante as negociações do Tratado de Versalhes. A Polônia não tinha solicitado isso. Os ingleses sabendo que a Polônia seria o próximo alvo alemão haviam até informado que uma invasão alemã da Polônia seria uma declaração de guerra à Inglaterra. Entretanto, Hitler imaginava que essa posição inglesa era apenas um blefe.

Para invadir a Polônia, Hitler tinha que se preocupar com a opinião de Stalin. Para resolver este problema, alemães e soviéticos assinaram o Tratado Molotov-Ribbentrop em 24 de agosto. Por este tratado secreto, a União Soviética e a Alemanha dividiriam a Polônia em duas partes e cada país ficaria com uma parte. Para os poloneses, o tratado foi chamado de A Grande Traição Bolchevique. Eles consideram que, sem esse tratado, Hitler não teria invadido

a Polônia. No máximo, teria se contentado com a anexação de Danzig. Esse ponto de vista é tão forte que hoje, nas cerimônias para marcar a data, os líderes poloneses fizeram duros discursos contra Rússia e praticamente ignoraram as atrocidades alemãs que culminaram com o holocausto realizado nos grandes campos de concentração em território polonês. **Gdansk, a antiga Danzig, hoje é um símbolo da resistência ao comunismo e à violenta ocupação soviética na Polônia durante a Guerra Fria.** Este ano, comemora-se 20 anos que o Solidariedade, criado nos portos de Gdansk, chegou ao poder na Polônia e catalizou os fins do comunismo na Europa Central, da Guerra Fria e da União Soviética. A Polônia que surgiu, integrada à OTAN e à União Europeia, vê a Rússia como ameaça e a Alemanha como parceira. Isso talvez explique um pouco a amnésia polonesa atual em relação ao papel alemão durante a Segunda Guerra.

A história recente de Gdansk ofuscou um pouco a história de Danzig em 1o de setembro de 1939. Naquele dia, quando o velho encouraçado *Schleswig-Holstein* disparou seus tiros, o governo alemão anunciou que a Alemanha fora atacada na noite anterior e os disparos foram uma retaliação. **Realmente, uma torre de rádio em Gleiwitz tinha sido atacada por pessoas usando uniforme polonês. Mas essas pessoas eram alemães fantasiados e o único morto no ataque era um alemão simpatizante com a Polônia que havia sido preso e morto pela Gestapo no dia 30.** Com essa justificativa, aviões alemães iniciaram o bombardeio da cidade de Wielun e de bases aéreas polonesas praticamente no mesmo horário que os disparos foram ouvidos em Danzig. Às 5h, mesmo sem uma declaração de guerra formal, 1,5 milhão de soldados alemães iniciaram a invasão da Polônia. O Grupo de Exércitos Norte invadiu o Corredor Polonês pelo oeste com o IV Exército e com uma divisão de blindados do III Exército, baseado na Prússia Oriental, pelo leste. A maior parte do III Exército se dirigiu ao sul e o Grupo de Exército Sul se dirigiu ao norte com o objetivo de se encontrarem em Varsóvia. Ao mesmo tempo, o Grupo de Exército Bernolak, composto de 50 mil soldados eslovacos invadiram diversas cidades que a Polônia havia conquistado em conflitos contra a Tchecoslováquia em 1920 e 1938. O principal objetivo dos eslovacos era recuperar o território perdido e oferecer proteção ao flanco direito do Grupo de Exército Sul alemão em seu avanço pela Polônia.

Os poloneses foram pegos de surpresa e, como suas tropas estavam espalhadas pelo território, uma contra-ofensiva inicial foi difícil de ser organizada. Mesmo assim, a resistência gerada pelos 950mil soldados poloneses foi maior do que os alemães esperavam e mostraram algumas falhas táticas que teriam (e foram) de ser corrigidas no futuro. **Das diversas batalhas que ocorreram, uma ficou marcada na memória polonesa: a defesa do Correio em Danzig.** O correio, administrado pelos poloneses, estava ocupado por 57 pessoas quando a cidade foi invadida pelos alemães. Eles decidiram

defender o posto a todo custo e conseguiram fazê-lo por 15 horas. Duas divisões alemãs tentaram invadir o prédio e não conseguiram. Duas divisões de artilharia foram trazidas e o prédio foi bombardeado. Uma bomba de 600kg foi detonada junto ao prédio causando graves danos à sua estrutura. Mesmo assim, os poloneses continuaram a defender o porão do correio. Somente após o porão ter sido inundado com gasolina e os alemães o atacarem com lança-chamas que os poloneses se renderam. Todos os presos acabariam sendo condenados à morte por um tribunal militar e passaram a ser vistos como mártires pela Polônia. **Em 1995, a justiça alemã condenou o governo alemão pela realização deste julgamento militar que não seguiu as normas da Convenção de Genebra.**

Apesar da resistência polonesa no correio, Danzig foi tomada ao fim da tarde pela Alemanha e, no dia seguinte, seria declarada parte do território alemão pelo parlamento em Berlim. A Estônia, Lituânia, Latvia e Finlândia todas declararam neutralidade no conflito sendo realizado nas suas redondezas. Noruega e Suíça também se declararam neutras e a Inglaterra declarou mobilização geral. Estava nas mãos da Inglaterra decidir se a invasão alemã da Polônia iria ser a origem de mais uma guerra entre as potências europeias...

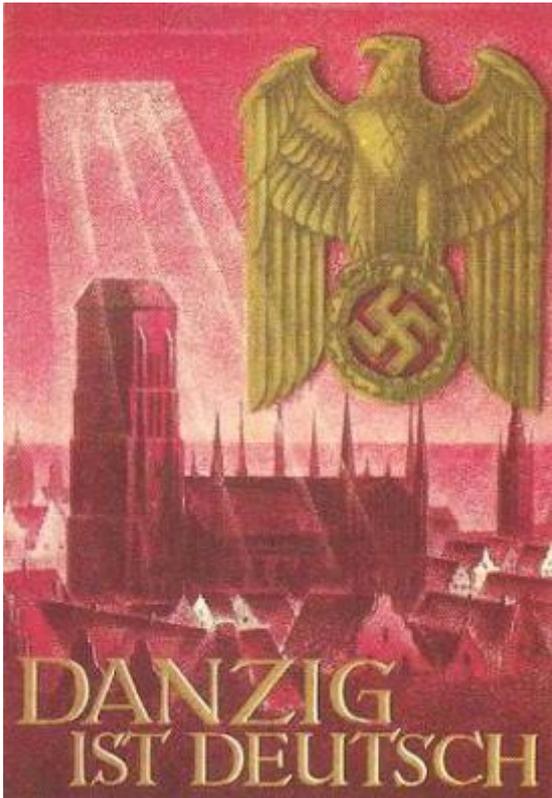
### **HITLER EM DANZIG**

<http://obomsensoartigo19.blogspot.com.br/2011/12/recepcao-hitler-e-discurso-deste-em.html>

*Em 19 de setembro de 1939 (do jornal Século de 20.9.39). Tratava-se, também, de um discurso de grande valor histórico, já que descreve toda uma situação reinante e possivelmente nunca divulgado na íntegra, no Brasil. A meio da tarde, Hitler chegou à fronteira polaco-danzigota e foi recebido na aldeia de Remberg pelo Gauleiter Forster, que o saudou em nome de Danzig. As ruas e casas de Danzig estavam vistosamente engalanadas. Aviões de caça sobrevoavam a cidade. Os sinos repicavam. Às 16 horas o cortejo atravessou lentamente a cidade, por entre estrepitosas manifestações. À sua chegada a banda tocou a marcha de Bandonvillers e o povo rompeu em grandes ovações. Hitler começou então o seu discurso:*

*“Falo-vos hoje pela primeira vez nesta terra que já pertencia aos colonizadores alemães meio século antes de chegarem os primeiros brancos ao território que forma hoje o Estado de Nova York. Depois esta terra foi alemã, continuou a ser alemã e, podeis estar convencidos disso, será alemã para sempre. A sorte desta cidade e deste belo país está ligada à sorte de toda a Alemanha. A guerra mundial (1914/18), a luta mais insensata de todos os tempos, incluiu ambos entre suas vítimas. Ao findar esta guerra, em que só houve vencidos, o mundo convencer-se de que a paz ia surgir e perdurar. Infelizmente a Grande*

*Guerra foi esquecida, especialmente por aqueles que, já NESSE MOMENTO, foram os excitadores e os principais especuladores de semelhante massacre dos povos. Quando a batalha encarnicada, em que a Alemanha entrou sem fins de guerra, chegou ao seu termo, deveria ter sido dado ao mundo uma paz que levasse ao restabelecimento do direito e pusesse fim à miséria. Mas em Versalhes a paz não foi apresentada ao nosso povo em terreno de franca libertação. Foi-lhe ditada e imposta. Talvez muitos homens tenham vislumbrado assistir à liquidação de problemas graves. Iludiram-se. Os autores dessa paz apenas criaram novas e graves perturbações. Até nisso os fomentadores da guerra se enganaram: não resolveram nenhum problema. Só suscitaram a aparição de novos problemas que não existiam. E foi apenas questão de tempo o levantamento da nação alemã, para solucionar, por seu lado, as situações dessa maneira. Na verdade, os especuladores da guerra e da paz tinham esquecido esta realidade essencial que é a existência dos povos. Mas, se recordá-la não convinha a um ou outro excitador britânico, a verdade é que 82.000.000 de alemães estão agora unidos neste espaço vital. São 82 milhões de seres que querem viver e viverão, apesar de também isso não convir aos fomentadores da guerra. A paz de Versalhes foi a maior injustiça praticada contra a Alemanha. Se hoje aparece um homem de Estado de outro povo a manifestar falta de confiança na palavra dos dirigentes alemães e no povo germânico, então, temos nós, alemães, o direito de proclamar que não temos nenhuma confiança nas garantias que nos foram dadas da forma solene e quebradas de maneira inacreditável. Eu não quero considerar, como suprema, a injustiça de Versalhes. O pior para a vida dos povos não é talvez a injustiça, mas a mentira, a comédia, a insensatez com que se outorgou a paz ao mundo, sem considerações históricas e econômicas e sem respeito pelos fatos nacionais e políticos, passando, depois, à "Ordem do Dia". Fizeram-se regulamentos que nos levam a duvidar de que os homens que nos ditaram estivessem sãos dos cinco sentidos. Destituídos de todo o conhecimento da evolução histórica destes territórios, destituídos de toda a compreensão econômica, os homens de Versalhes passaram como uma tempestade pela Europa: desfizeram Estados, separaram e oprimiram povos e destruíram civilizações. O Estado polaco era também um produto dessa falta de senso.*



*Talvez o mundo não saiba o que a Alemanha teve de sacrificar para que surgisse o Estado polaco. Todas as regiões que, então, foram incorporadas na Polônia, devem a sua evolução à energia e ao espírito criador dos alemães, como devem a sua importância cultural ao povo alemão. A separação duma província do Reich e a anexação de outras regiões pela Polônia foram, nessa altura, baseadas em motivos étnicos. No entanto, mais tarde, os plebiscitos demonstraram que as populações não queriam ser incorporadas no Estado polaco, que se alargou à custa da colonização alemã, dilatando-se contra toda a razão prática, contrariando todas as possibilidades económicas. Os polacos que não tinham fundado esta cultura, sem sequer serem capazes de mantê-la. Cinquenta anos mais bastariam para que voltassem à barbárie os territórios que os alemães tinham civilizado. Em toda a Polónia a degenerescência cultural começava a aparecer. Era um Estado formado por nacionalidades diferentes. Tinham feito dele aquilo de que, antigamente acusavam a Áustria. Um grupo de degenerados dominou as nacionalidades estrangeiras e os próprios compatriotas por meio de um regime policial e militar. E a vida dos alemães, dentro desse Estado, tornou-se terrível. Existe grande diferença de situação entre um povo pouco culto que tem a desgraça de ser governado por um povo de cultura elevada e um povo de alta cultura que tem a sorte trágica de ser submetido a um povo inculto. No povo inferior nascerão complexos de inferioridade e o dominado será maltratado de modo bárbaro. Os alemães que viviam sob o domínio polaco experimentaram isto durante quase vinte anos. Apesar de tudo, tentei aqui, como em toda parte, encontrar um regulamento justo. Tentei fixar as fronteiras ao Reich a oeste e mais tarde, no Sul, arrancar estas regiões da insegurança e garantir a paz para o futuro. Fiz idênticos*

esforços junto da Polônia, em que havia, então, um homem enérgico e com sentido das realidades. Consegui entender-me com o Marechal Pilsudski e obter um acordo capaz de abrir caminho para o entendimento pacífico dos dois países, acordo que não aprovava as criações do Tratado de Versalhes e que devia, deixado de lado este problema, criar bases para uma vizinhança razoável e suportável. Enquanto viveu o marechal, parecia que esta tentativa nos levaria a uma situação melhor, mas, logo após a sua morte, começou a luta contra a Alemanha. E esta luta aumentou e obscureceu, cada vez mais, as relações dos dois países. Era muito difícil observar pacientemente como num país vizinho - que cometera grandes injustiças para com a Alemanha - uma minoria alemã sofria perseguições bárbaras. O mundo que derrama lágrimas quando um judeu polaco, instalado na Alemanha há algumas dezenas de anos, é posto na fronteira, ficou mudo e surdo perante a infelicidade de milhares de alemães, que tiveram de deixar a sua pátria por causa da imposição de Versalhes. É que o mundo revela especial incapacidade de ouvir ou falar quando se trata da sorte de alemães. Ora, sendo a Alemanha uma grande potência, devia ver como um povo menos cultivado e um Estado com uma civilização muito mais baixa maltratava os seus filhos. Havia, especialmente, duas situações intoleráveis: impediam que uma cidade cujo caráter alemão por ninguém é negado regressasse ao Reich e tentava-se colonizá-la, pouco a pouco, por milhares de métodos; uma província separada do Reich alemão não possuía nenhuma via direta de ligação com ele, e as comunicações de tal província dependiam de toda a espécie de chicanas ou de caprichos do Estado polaco. Nenhuma potência do mundo suportaria semelhante estado de coisas tanto tempo como a Alemanha. Eu não sei o que a Inglaterra teria feito em caso idêntico, nem como teriam agido a França ou os Estados Unidos. O que sei é que, sob a forma de propostas verbais, propus aos dirigentes polacos uma solução suportável deste problema. As propostas eram modestas: Dantzig regressaria ao Reich e uma auto-estrada extra-territorial seria construída, à nossa custa, entre o Reich e a Prússia Oriental. A Polônia, pelo seu lado, teria em Dantzig direitos de porto livre e servir-se-ia da mesma via extra-territorial para o mar. Estava pronto a garantir assim as fronteiras - quase insuportáveis - entre o Reich e a Polónia e a deixar que esta participasse na garantia da Eslováquia. Ignorava quais eram as intenções do governo polaco que recusou a minha oferta, mas sei que milhões de alemães julgaram, então, que ofereci demasiado. Em resposta, a Polónia deu a ordem de mobilização. Ao mesmo tempo, desetiudeou uma formidável campanha de terror anti-alemão. O meu pedido ao Ministro dos negócios estrangeiros para conferenciarmos em Berlim, mais uma vez, sobre esta questão foi recusado. E, em lugar de vir a Berlim, este Ministro dirigiu-se a Londres... Seguiram-se semanas e meses de ameaças que aumentavam de dia para dia e que se tornavam insuportáveis. Os polacos já falavam e discutiam sem peias como iam aniquilar o exército alemão em frente ou para além de Berlim... Um marechal polaco (puf - puf grita a multidão com ironia) acaba de abandonar lastimavelmente o seu exército,

mas declarava então que ia esmagar as tropas alemãs... Tratava-se, nas revistas polacas, da conquista da Prússia Oriental, da Pomerânia, das fronteiras do Oder e mesmo do Elba. O mesmo marechal polaco (o auditório grita de novo puf - puf) falou em retalhar o povo alemão. Quem pode atirar assim poeira aos olhos do povo polaco? Para os alemães residentes na Polônia a situação transformou-se em martírio sem igual. Milhares deles foram presos, maltratados e mortos de maneira cruel. Mas o mundo inteiro nem tugia nem mugia. Talvez pensasse que o povo alemão deixaria proceder assim, eternamente, um Estado tão ridículo como a Polônia, apenas porque certos elementos estrangeiros assim o julgaram. Ora esses elementos são os que, desde há séculos, incitam à guerra. Foi semelhante gente quem afirmou à Polônia a sua assistência e inspirou aos polacos a decisão de desencadear a guerra. A verdade é que, para tais homens, a Polônia era apenas o meio de atingirem os seus fins. De resto, eles próprios declaram hoje, friamente, que não se trata de salvar a Polônia, mas sim de atacar o regime alemão. Sempre chamei a atenção para o perigo que reside no fato de haver num país homens que possam livremente fazer a guerra, apontando-a como uma necessidade. Refiro-me aos Srs. Churchill, Eden, Duff Cooper, etc. E chamo-lhe perigo por tratar-se de um país onde nunca se sabe, exatamente se esses senhores não farão parte do governo dentro de pouco tempo. Diziam-me que isso nunca aconteceria. Em meu critério eles representam hoje o governo britânico. Nunca deixei subsistir dúvidas de que a Alemanha jamais capitularia perante ameaças, nem perante a força desses senhores. Atacaram-se, então, violentamente. Vê-se que, nas democracias, foi adotado um sistema: pode-se incitar à guerra, podem ser atacados regimes e homens de Estado e Chefes de Estado estrangeiros porque nelas reina a LIBERDADE DA PALAVRA E DA IMPRENSA. Nos Estados autoritários não há o direito de se lhes responder porque, aqui, reina a disciplina. Apenas nos Estados indisciplinados existe, pois, o direito de incitar à guerra. Resolvi-me, então, a levar ao conhecimento do povo do Reich as manobras dessa gente criminosa. E o povo tomou, assim, pouco a pouco, esta posição necessária de defesa para um dia não ser surpreendido. Creio que, nos fins de agosto, teria sido ainda possível encontrar uma solução pacífica se a Inglaterra não interviesse e não aumentassem as campanhas de ódio desses provocadores. Em certos momentos, a própria Grã-Bretanha tentou organizar uma conversação direta entre nós e os polacos. Tanto eu como o governo alemão esperamos por eles, em Berlim, durante dois dias. Entretanto, elaborei outra proposta. Li-a, palavra por palavra, ao embaixador britânico na manhã do primeiro dia. O ministro dos negócios estrangeiros deu-lhe ainda explicações adicionais. Nada se passou até o dia seguinte, excetuando se a mobilização geral na Polônia, novos atos de terrorismo e um ataque contra o território do Reich (posto de Gleiwitz). No domínio internacional, como em qualquer outro, não deve confundir-se paciência com fraqueza. Durante anos, assisti com paciência ilimitada a provocações contínuas. O que nestes longos anos sofreu poucas pessoas,

apenas, poderão calculá-lo. Não se passava um mês e muitas vezes uma semana, sem que se nos apresentasse uma delegação, vinda destes territórios, a dizer que a situação dos alemães era insuportável e a implorar uma intervenção. Renovei sempre a minha promessa de resolver o assunto. E assim passaram anos. Mas, durante todo este tempo, também avisei que isso acabaria e, depois de muito esperar, depois de formular sucessivas propostas, resolvi falar aos polacos a linguagem que eles julgavam poder empregar contra nós. Mesmo nesse momento a paz poderia ainda ser salva. A Itália amiga, o Duce, fez propostas de mediação. A França declarou-se de acordo com elas. Eu dei também a minha aquiescência. Mas a Inglaterra recusou e entendeu poder enviar ao povo alemão um ultimatum de duas horas contendo exigências absurdas. Ora os ingleses enganaram-se redondamente (aclamações). Confundiram o regime de hoje com o regime de novembro de 1918. Julgaram que a nação alemã de hoje é a de outrora. A Alemanha de hoje não se enviam intimidações desse gênero. Se a Polônia escolheu a guerra foi porque os outros a incitaram, dizendo-lhe que era forçoso fazê-la. Os fomentadores pensavam realizar assim um grande negócio político e financeiro. Afirmo lhes, porém, que a guerra não será para eles o sonhado negócio e que lhes dará a maior das decepções. A Polônia escolheu a luta porque certos homens de Estado do Oeste lhe tinham garantido que possuíam dados precisos sobre o mau estado do exército alemão, a inferioridade do nosso material e do moral das nossas tropas. Falavam-lhe da queda do moral no interior do Reich e da separação existente entre o povo alemão e os seus dirigentes. Fizeram crer aos polacos que seria coisa fácil repelir os nossos exércitos. Foi nesta contingência que a Polônia baseou o seu plano de campanha, seguindo o conselho dos estados maiores ocidentais. Afinal, passados 18 dias, já nós podemos dizer com verdade: O inimigo foi completamente batido. As nossas tropas ocupam a linha Brest - Lemberg. Mais ao longe, no norte, nestes instantes, as nossas colunas estão fazendo prisioneiros aos polacos que marcham no espaço de Kutno. Esta manhã, fizemos setenta mil prisioneiros. O que resta do exército polaco, a oeste daquela linha, deve capitular dentro de alguns dias. Ou deporá as armas, ou será aniquilado. Desta forma, o exército alemão deu aos homens do Estado do oeste os esclarecimentos necessários... Sobre isto o marechal Smigly Ridz enganou-se também. Em lugar de chegar a Berlim, chegou a Czernowitz. E com ele foi todo o seu governo e todos os que seduziram o povo polaco e que o arrastaram para o abismo. Os soldados alemães dos exércitos de terra, mar e ar cumpriram o seu dever por forma extraordinária. A nossa infantaria de novo mostrou a sua superioridade incomparável. Muitas vezes tentaram atingir a ela no que diz respeito à sua bravura e à sua coragem, mas nunca o conseguiram. As novas armas e as nossas tropas motorizadas prestaram as suas provas. Os soldados da nossa marinha cumpriram o seu dever de modo admirável e a aviação germânica vela no espaço aéreo alemão. Aqueles que quiserem esmagar a Alemanha e pôr

em ruínas as suas cidades podem estar certos de que o Reich responderá na proporção de dez bombas por cada uma que cair sobre uma cidade alemã. Eles mostram querer resignar-se a fazer a guerra com sentimentos humanitários. Não é o caso. Trata-se do medo de sofrer represálias. O soldado polaco combateu muitas vezes com bravura. A direção inferior fez dos seus esforços uma inutilidade. A direção foi pouco inteligente, mas a direção superior esteve abaixo de toda a crítica. A sua organização foi verdadeiramente polaca... Até agora fizemos prisioneiros 300.000 soldados, cerca de 2.000 oficiais e muitos generais. A par da bravura de grande parte das tropas polacas, registraram-se as bestialidades mais atrozes. Como soldado que só combateu no oeste, nunca tive ocasião de ver estes fatos terríveis. Milhares de alemães foram massacrados. Mulheres, crianças, raparigas, os soldados e oficiais alemães, que caíram nas mãos dos adversários, foram torturados da forma mais bestial e massacrados. A muitos deles até os olhos foram arrancados (O livro *Atrocidades polonesas contra grupos étnicos alemães na Polónia*, editado nas oficinas gráficas ALBA, do Rio de Janeiro, em poder do autor, tem 215 páginas, com fotografias e depoimentos deste horror). O governo polaco admitiu abertamente que os pára-quedistas alemães foram assassinados. Deveria perguntar-se se nessas circunstâncias, poderíamos ainda fazer uma ou outra restrição. Ora, até aqui, ainda não tive conhecimento de que qualquer homem de Estado democrático se desse ao trabalho de protestar contra semelhantes barbaridades. Dei ordem à aviação militar de só fazer a guerra contra tropas combatentes. O governo polaco e o commando do exército deram aos civis a ordem de fazer a guerra como franco-atiradores. Eu queria frisar, no futuro e agora, que não deve haver ilusões nos Estados democráticos de que isto continuará eternamente assim. Se quiserem ter a guerra de outra forma, tê-la-ão de outra forma. A minha paciência também tem limites. Apesar desta guerra bárbara dos polacos, os nossos exércitos derrotaram o inimigo com rapidez fulminante. Um jornal inglês escreveu há dias, que eu teria demitido um general porque contava com uma "Guerra relâmpago" e estava desiludido com a lentidão destas operações. O artigo foi, sem dúvida, escrito por um dos estrategistas que deu conselhos de tática aos polacos... Procuramos criar na Polónia uma situação que permita negociar, talvez com calma e bom senso, com os representantes deste povo. Entretanto, a Rússia soube intervir para proteger os interesses dos grupos étnicos dos russos brancos e ucranianos da Polónia. Agora a Inglaterra e a França vêem no entendimento germano-soviético um crime horrível. Um inglês declarou que era uma perfídia! De perfídia os ingleses sabem mais do que ninguém. Penso que a Inglaterra considera perfídia o fato de o entendimento entre a Grã-Bretanha democrática e a Rússia bolchevista se ter tornado impossível, enquanto o entendimento entre a Alemanha nacional-socialista e a Rússia soviética se tornou uma realidade. Devo dar-vos algumas explicações. A Rússia fica o que é; a Alemanha igualmente, se mantém tal qual é. Mas os governos alemão e russo proclamaram uma coisa: nem o Reich, nem a Rússia

sacrificarão um só homem pelos interesses das democracias ocidentais. As experiências de 4 anos de guerra são suficientes para os dois Estados e para os dois povos. Ora temos o propósito de atendermos aos nossos próprios interesses e vimos que a melhor possibilidade para isso era o entendimento dos dois povos, das duas maiores nações. Isto é tanto mais fácil quanto é certo que a afirmação britânica dos fins ilimitados da política externa alemã é uma mentira. Regozijo-me por poder provar praticamente que esta afirmação é baseada numa mentira dos homens de Estado britânico. Aqueles que pensam que a Alemanha tem a intenção de dominar a Europa até os Urais ficarão felizes ao saber o fim limitado das intenções da política alemã. Penso que lhes eliminamos um motivo de guerra porque declaram que fazem a guerra precisamente contra as "intenções e pretensões ilimitadas" do regime alemão. Pois bem, senhores do império mundial da Grã-Bretanha: os fins da Alemanha são muito limitados ! Falamos com os russos sobre esses fins e eles são os vizinhos interessados mais próximos. Os senhores imaginavam que poderíamos entrar em conflito com os russos por causa desses interesses. Tranquilizem-se: não faremos isso. O acordo germano-soviético assenta na eliminação deste pesadelo, que não deixava dormir os homens de Estado britânicos por causa dos desejos de "dominação mundial" do regime alemão. Podereis agora estar calmos porque sabeis que a Alemanha não tenciona conquistar a Ucrânia. Temos interesses muito limitados ! Todavia, estamos resolvidos a defender estes interesses contra toda a ameaça, venha ela donde vier. Os 18 dias passados devem ter sido suficientes para fazer compreender ao mundo inteiro que não permitiremos que nos ditem o que havemos de fazer. Qual será o regulamento definitivo neste vasto território? Isto depende, em primeiro lugar, dos dois países que aqui têm que defender os seus principais interesses vitais. A Alemanha faz valer aqui reivindicações limitadas, mas inalteráveis. Realizará tais reivindicações de uma maneira ou de outra. A Alemanha e a Rússia substituirão este foco de infecção por uma situação que possa considerar-se como significando apaziguamento. Se o Oeste pensa que isto seria irrealizável em qualquer caso e se, principalmente a Inglaterra diz estar resolvida a opôr-se com uma guerra de três anos, darei a seguinte resposta: A Alemanha aceitou a oeste e ao sul do seu império fronteiras definitivas, fazendo grandes renúncias. A Alemanha quer uma paz definitiva por meio destas renúncias. Teríamos conseguido essa finalidade se certos formentadores DA GUERRA não perturbassem a paz européia. Não tenho qualquer intenção guerreira contra a Inglaterra ou a França e a nação alemã também não a tem desde que eu subi ao poder e me foi possível restabelecer relações de confiança com os nossos antigos adversários. Esforcei-me por liquidar as tensões que existiam outrora entre a Itália e a Alemanha e posso verificar com satisfação que isto foi possível graças à minhas relações pessoais com Mussolini. Tentei a mesma coisa com reiação à França. Logo após a liquidação do problema do Sarre, renunciei solenemente a toda a revisão das fronteiras do Oeste. Coloquei toda a propaganda ao serviço

desta idéia e fiz desaparecer tudo quanto pudesse inquietar a França. As minhas propostas dirigidas à Inglaterra são conhecidas. Quis uma amizade sincera com o povo britânico, mas a Inglaterra rejeitou tudo e pensou dever fazer a guerra ao Reich. À Inglaterra respondo isso: A Polónia nunca ressuscitará sob a sua forma de Versalhes. Garantem-no tanto o Reich, como a Rússia. Se, apesar disto, a Inglaterra quiser continuar a guerra, provará assim as suas intenções reais, isto é, o seu propósito de fazer a guerra contra o regime da Alemanha. Em princípio, eduquei o povo alemão de forma a que todo o regime que nos queiram impor os nossos adversários seja rejeitado por nós. Se o regime alemão encontrasse o aplauso dos senhores CHURCHILL, DUFF COOPER e EDEN, este regime tornar-se-ia insuportável para os alemães. Por mim, sinto-me lisonjeado por não merecer a aprovação destes senhores. Posso afirmar-lhes que os seus aplausos me vexariam Profundamente! Se estes senhores pensam que podem afastar de mim o povo alemão, é porque supõem que este povo tem as suas qualidades, isto é, que é constituído por IMBECIS ou TRAIADORES como eles próprios. O nacional-socialismo educou homens, durante vinte anos, para alguma coisa. Fomos sempre atacados pelos nossos adversários e o que estes fizeram teve como consequência, um aumento considerável dos nossos partidários. Esta unidade é baseada numa fidelidade indissolúvel. E, tal como o nacional socialismo, que se meteu na luta e saiu vitorioso, o Reich alemão igualmente se abalançou ao combate. Esses senhores podem ficar convencidos de que, pela propaganda ridícula, não poderão levar o povo alemão ao desalento. Quando chegar a haver povos em decomposição, não se encontrará entre eles o nosso, que LUTA PELO SEU DIREITO, QUE NÃO QUER A GUERRA E QUE FOI ATACADO. Os povos em decomposição compreenderão, lentamente, a pouca razão dos seus maus dirigentes para fazerem a guerra e que o único motivo que os arrastou para ela foram os INTERESSES MATERIAIS E POLITICOS DE UM PEQUENO GRUPO. Ao ouvir que esta guerra durará 3 anos, só posso manifestar a minha pena pelo nobre povo francês. Ele próprio não o sabe ! Só sabe que deverá bater-se durante três anos ! Dependerá apenas de um pequeno número de pessoas que a guerra dure três anos. Mas a palavra capitulação não será usada por nós nem no terceiro, nem no quarto, nem no décimo! O povo alemão não será batido nesta luta. Tornar-se-á cada vez mais forte. Se algo se quebrar, isso sucederá nos países das chamadas plutocracias, nos impérios mundiais que só são construídos sobre o domínio dos povos. Nós não nos deixaremos impressionar por quaisquer propagandistas que declaram só querer bater-se contra o regime e não contra o povo alemão. O que se diria de nós se declarássemos que o regime, na França e Inglaterra não agradava à Alemanha e que, por isso, fazíamos a guerra? Com este fim, milhões de homens serão lançados para a morte. Ver-se-á por quanto tempo esses senhores, que nunca na sua vida estiveram na frente, saberão continuar. Todavia uma coisa é certa: nós responderemos e aplicaremos os mesmos métodos que o adversário. A Inglaterra já encetou a

*luta contra as mulheres e as crianças. Os ingleses, com sua força marítima, pensam ter o direito de fazer a guerra às mulheres e crianças, dos seus inimigos e até dos neutrais. Se os ingleses se julgarem invulneráveis no mar, é muito possível que chegue o momento em que apliquemos uma arma em que somos também invulneráveis. Espero que, então, ela não reclame, repentinamente, considerações de humanidade. (Refere-se à frota alemã de submarinos). Nós alemães, queremos poupar as populações civis e dei ordem para não serem atacadas cidades abertas. No entanto, se uma coluna militar atravessar a praça principal de uma cidade e se for atacada pelos aviadores, é possível que uma ou outra pessoa civil seja vítima do ataque. Observaremos sempre o princípio de poupar cidades abertas, a não ser que elementos criminosos oponham resistência. Abstraindo da estação ferroviária e do aeroporto, nenhuma bomba caiu sobre uma cidade como Cracóvia. Mas, se, por outro lado, em Varsóvia os civis começaram a fazer a guerra em todas as ruas e em todas as casas, é muito natural que toda a cidade venha a sentir os efeitos da guerra. É aos ingleses que compete resolver se querem prosseguir o bloqueio sob formas que correspondam, ou não, ao direito das gentes. Adaptaremos os nossos métodos à sua atitude. Contudo, hoje, não resta nenhuma dúvida sobre os intuitos dos ingleses. Não combatem contra o regime, mas sim contra as mulheres e as crianças alemãs. A reação não tardará e uma coisa é certa: A Alemanha, esta Alemanha, não capitulará! Nós sabemos qual seria a sorte do Reich em caso de capitulação. King-Hall informou-nos em nome dos seus superiores: Um segundo tratado de Versalhes ainda pior que o primeiro ! Este pretende extirpar vinte milhões de alemães, o segundo visaria o mesmo fim e iria dividir o Reich em parcelas, como nos foi dito. O povo alemão toma boa nota destas intenções e saberá defender-se.No decurso das últimas semanas provou não só a sua união, mas o seu moral, e a sua coragem. O povo alemão tem muito mais entusiasmo do que em 1914. Este entusiasmo não é um patriotismo superficial, mas uma resolução firme. É o entusiasmo de homens que conhecem a guerra, que não começaram esta guerra inconscientemente, mas que o farão porque lhes foi imposta, como o antigo exército a fez. Conhecemos os horrores da guerra, mas estamos resolvidos a levá-la a bom termo, suceda o que suceder!*

**TEMOS UM SÓ DESEJO: QUE DEUS, QUE ABENÇOOU AS NOSSAS ARMAS, ESCLAREÇA OS OUTROS POVOS E LHES FAÇA VER QUE ESTA LUTA NENHUMA VANTAGEM TRARÁ ! QUE OS FAÇA REFLETIR SOBRE OS FRUTOS DUMA PAZ QUE SÓ ABANDONARAM PORQUE UM PEQUENO NÚMERO DE FOMENTADORES DA GUERRA QUIS ARRASTAR OS POVOS. Sejam quais forem as dificuldades que cada alemão tenha que vencer durante os próximos meses ou nos anos seguintes, suportá-la-emos facilmente se tivermos a consciência da comunidade indissolúvel que une o nosso povo. Meus queridos dantzigotas, recebo-vos nesta comunidade, firmemente resolvido a nunca mais vos deixar. E esta decisão é, simultaneamente, uma ordem para todo o movimento nacional-socialista, para todo o povo alemão.**

*Dantzig foi alemã, continua a ser alemã e, desde agora manter-se-á alemã enquanto houver um povo e um Reich alemães, pelos quais nos bateremos até a morte".*

## **A derrota na II Guerra e a Dívida Alemã**

Marcos Romão, jornalista e sociólogo.

Para que a memória não se apague... (Adaptado ao ano de 2015)

<http://www.leituras.eu/out.php?url=http%3A%2F%2Fponteeuropa.blogspot.pt%2F2015%2F02%2Fpara-que-memoria-nao-se-apague-adaptado.html>

Faz no hoje, dia 27 de Fevereiro, 62 anos! Acordo de Londres sobre as Dívidas Alemãs | Entre os países que perdoaram 50% da dívida alemã estão a Espanha, Grécia e Irlanda.

O Acordo de Londres de 1953 sobre a dívida alemã foi assinado em 27 de Fevereiro, depois de duras negociações com representantes de 26 países, com especial relevância para os EUA, Holanda, Reino Unido e Suíça, onde estava concentrada a parte essencial da dívida. A dívida total foi avaliada em 32 biliões de marcos, repartindo-se em partes iguais em dívida originada antes e após a II Guerra. Os EUA começaram por propor o perdão da dívida contraída após a II Guerra. Mas, perante a recusa dos outros credores, chegou-se a um compromisso.

Foi perdoada cerca de 50% (Entre os países que perdoaram a dívida estão a Espanha, Grécia e Irlanda) da dívida e feito o reescalonamento da dívida restante para um período de 30 anos. Para uma parte da dívida este período foi ainda mais alongado. E só em Outubro de 1990, dois dias depois da reunificação, o Governo emitiu obrigações para pagar a dívida contraída nos anos 1920. O acordo de pagamento visou, não o curto prazo, mas antes procurou assegurar o crescimento económico do devedor e a sua capacidade efetiva de pagamento. O acordo adotou três princípios fundamentais:

1. Perdão/redução substancial da dívida;

2. Reescalonamento do prazo da dívida para um prazo longo;

3. Condicionamento das prestações à capacidade de pagamento do devedor.

O pagamento devido em cada ano não pode exceder a capacidade da economia. Em caso de dificuldades, foi prevista a possibilidade de suspensão e de renegociação dos pagamentos. O valor dos montantes afetos ao serviço da dívida não poderia ser superior a 5% do valor das exportações. As taxas de juro foram moderadas, variando entre 0 e 5 %. A grande preocupação foi gerar excedentes para possibilitar os pagamentos sem reduzir o consumo. Como ponto de partida, foi considerado inaceitável reduzir o consumo para pagar a dívida. O pagamento foi escalonado entre 1953 e 1983. Entre 1953 e 1958 foi concedida a situação de carência durante a qual só se pagaram juros. Outra característica especial do acordo de Londres de 1953, que não encontramos nos acordos de hoje, é que no acordo de Londres eram impostas também condições aos credores - e não só aos países endividados. Os países credores, obrigavam-se, na época, a garantir de forma duradoura, a capacidade negociadora e a fluidez económica da Alemanha. Uma parte fundamental deste acordo foi que o pagamento da dívida deveria ser feito somente com o superavit da balança comercial. O que, "trocando por miúdos", significava que a RFA só era obrigada a pagar o serviço da dívida quando conseguisse um saldo de divisas através de um excedente na exportação, pelo que o Governo alemão não precisava de utilizar as suas reservas cambiais. EM CONTRAPARTIDA, os credores obrigavam-se também a permitir um superavit na balança comercial com a RFA - concedendo à Alemanha o direito de, segundo as suas necessidades, levantar barreiras unilaterais às importações que a prejudicassem. Hoje, pelo contrário, os países do Sul são obrigados a pagar o serviço da dívida sem que seja levado em conta o défice crónico das suas balanças comerciais.

## **A questão alemã**

Berlim Ano Zero - video

[hromadske.tv](http://hromadske.tv)

Унікальні кадри: Берлін влітку 1945 року

**Por Pepe Escobar | Via Janela do Abelha**



Setenta anos depois do final da 2ª Guerra Mundial, e 25 anos depois da queda do Muro de Berlim, a Alemanha está outra vez em surto de ‘sturm und drang’ [lit. tempestade e ímpeto], mas dessa vez sem que praticamente ninguém, nem no leste, nem no oeste, dê-se conta do que está acontecendo.

Sem esforço sério de detonação de mitos, é impossível discernir o que pode ser interpretado como nova tentativa, discreta, de alcançar a hegemonia.[1]

Ao contrário de um mito atualmente muito propagandeado pela “think-tankelândia” norte-americana, a Berlim política, sob a chanceler Merkel, não é mediadora entre EUA ainda hegemônicos e uma Rússia dita “agressiva”.

A realidade é que Berlim, pelo menos por enquanto, dá mais a impressão de cantar pela música de Washington – com mínimas variações – enquanto açoitava a Rússia. É o caso, mesmo que se considerem os sólidos laços de energia/comércio/negócios com Moscou (a Alemanha importa 1/3 de todo o gás natural que consome; e empresas/indústrias/conglomerados alemães investiram pesadamente na Rússia).

Diferente também de um segundo mito muito difundido, a Berlim política não está interessada em “estabilidade” nas fronteiras orientais da Europa, mas, isso sim, quer ali a mais incontestável vassalagem. A incansável integração da Europa Oriental à União Europeia, liderada por Berlim, foi estratégia para abrir novos mercados para as exportações alemãs, assim como para erguer uma proteção intermediária entre Alemanha e Rússia. Quanto aos estados do Báltico, já são vassalagos; a Alemanha é a principal parceira comercial dos três.

Também nada há que comprove mais um mito, de que Berlim não poderia levantar as sanções – contraproducentes – que impôs a Moscou, enquanto a ‘segurança’ da Europa Central e da Europa Oriental não estiver ‘garantida’. A verdade é que a Alemanha, se pudesse, preferiria ter total controle político/econômico sobre toda a periferia do que foi a URSS.

Quanto à União Europeia, agora afundada em ambiente tóxico, varrida pela 'austeridade', pós-democrática e anti-igualitarista, sem saída à vista, a Alemanha já reina ali, politicamente e economicamente.

### **Deutschland sob controle?**

Nas brumas do atual pântano intelectual em que se debate a União Europeia, para citar Yeats "aos melhores falta convicção, e os piores estão cheios da mais apaixonada intensidade". – Considerados os esquálidos ideólogos neoliberais, que se escafedem pelos cantos, agarrados às suas sinecuras naquele kafkiano templo de mediocridade que é Bruxelas – até um Diógenes moderno teria dificuldade para encontrar observador bem informado, capaz de dar conta do jogo alemão.

Daí a luminosa exceção que é o historiador e antropólogo Emmanuel Todd, autor do ensaio seminal Depois do Império, de 2002, onde faz sua impiedosa cartografia do declínio dos EUA. Em longa entrevista em 2014 a Les Crises-interview, sobre a Alemanha, Todd manda a bolinha geopolítica à estratosfera.

Todd preocupa-se profundamente com a disfunção do ocidente – manifesta, para ele, em a Europa estar "virtualmente em guerra com a Rússia". Vê a fixação ansiosa, doentia, do ocidente, contra a Rússia, como a tentativa de encontrar um bode expiatório, ou, melhor, "a criação de um inimigo, necessário para o ocidente poder mostrar alguma, qualquer, mínima racionalidade, coerência. A União Europeia foi criada contra a URSS; não vive sem a Rússia no papel de inimigo inventado."

Mas, por trás da UE, lá está o negócio verdadeiro: o projeto alemão, que Todd identifica como um projeto de poder, levado adiante para "comprimir a demanda na Alemanha, escravizar os países do sul, devorados pela dívida, pôr a trabalhar os europeus do leste, atirar uns poucos amendoins ao sistema bancário francês." E esse projeto de poder só abrir a escandalosa porta que dá passagem ao "imenso potencial da Alemanha para irracionalidade política" – tema muito proeminente agora, com todos aqueles plágios de queda do Reich.

Todd identifica o que Lacan chamaria de o grande não dito europeu ("não enunciado"): "A chave para que os EUA controlem a Europa, herança da vitória de 1945, é controlarem a Alemanha."

Mas atualmente esse controle vem-se dissolvendo, embora caoticamente, e isso significa "o começo da dissolução do império norte-americano." E o declínio imperial – visível em incontáveis declinações – leva Todd a conclusão explosiva: a verdadeira ameaça contra os EUA, muito mais perigosa que a Rússia – "que é externa ao império" – é a Alemanha.

E quanto à ameaça da Alemanha contra a Rússia? Para Todd não há dúvida alguma de que as populações de idioma, cultura e identidade russos estão sendo atacados no Leste da Ucrânia com "aprovação e apoio" da União Europeia – o que é fato. Ao mesmo tempo, interpreta o "silêncio" russo sobre isso, "como no caso do que fazem a França e os EUA [no leste da Ucrânia],

recusa a ver a realidade”, mas como ato de boa diplomacia: “os russos precisam de tempo. O autocontrole dos russos, o profissionalismo, são dignos de admiração.” Agora, tente encontrar esse tipo de leitura na empresa-mídia europeia infestada pela CIA.

### **Sai a “Europa”, entra em cena a Alemanha**

Por tudo isso, o que Todd está dizendo aqui, em essência é que “está emergindo um novo cara-a-cara entre dois grandes sistemas: o do continente-nação EUA, e esse novo império alemão, império político-econômico cujo povo chama o próprio país de ‘Europa’, por força do hábito.” Ah, sim, o que Todd diz faz perfeito sentido.

Servindo-se de um conceito de ciência política cunhado pelo antropólogo belga Pierre van den Berghe, Todd qualifica o sistema alemão como “dominação não igualitária”; qualquer igualdade que reste ali concerne exclusivamente aos dominantes, por exemplo, aos cidadãos alemães. Bem-vindos, pois, à democracia Herrenvolk – “democracia para o povo dos senhores”. [2]

Todd argumenta a favor de sua hipótese destacando que o dinamismo da economia alemã baseia-se nos ex-satélites da URSS: “Parte do sucesso de nossos vizinhos alemães repousa sobre a evidência de que os comunistas sempre cuidaram muito bem a educação popular. Deixaram atrás de si não só sistemas industriais obsoletos, mas também populações notavelmente bem educadas.”

Por isso, ao “anexar” as populações de Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Hungria etc., significou que a Alemanha reorganiza sua base industrial servindo-se de trabalho barato. Mas, sim, há um imenso “se”: Todd acredita que a Alemanha pode também “anexar” uma população ativa de 45 milhões na Ucrânia, “com seu bom nível de formação e treinamento herdado ainda do período soviético.”

Nada sugere que possa acontecer assim. Moscou já deixou perfeitamente claro que aí há uma linha vermelha inultrapassável. Além do mais, “Ucrânia” é estado fracassado, em desintegração terminal, hoje, na verdade, colônia de facto do FMI, que tem, como único “atrativo” para o “ocidente”, suas ricas terras agricultáveis a serem saqueadas por Monsanto & comparsas.

Íntegra em: <http://www.desenvolvimentistas.com.br/blog/blog/2015/05/11/a-questao-alema/>

## **O Brasil atual e a Alemanha de 1930**

**Atenágoras Oliveira Duarte**

Respeito e admiro Atílio Boron como um dos grandes intelectuais da América Latina. Isso não significa dizer, obviamente, que concordo com tudo o que ele diz.

Comparar o Brasil de 2014 com a Alemanha da década de 30 do século passado é completamente inapropriado. A advertência final dele “guardadas as devidas proporções”, se atendida, altera completamente as conclusões, exatamente porque não me parece uma boa analogia. Ele cria uma subjetividade (de medo) que afeta a leitura, e que o óbvio comentário “*Aécio não é Hitler, e o PSDB não é o partido nazista*” não elimina. Tudo bem: é uma analogia, mas que neste caso atrapalha. Por isso mesmo, permita-me detalhar o óbvio.

Da parte da Alemanha:

1) A Alemanha nos anos 30 enfrentou uma hiperinflação e uma alta taxa de desemprego, vinculadas às indenizações da primeira guerra mundial e à crise mundial iniciada em 1929;

2) A Alemanha de então tinha poderosos fatores para se temer a ascensão do extremismo político pela direita:

a) A recente derrota na primeira guerra mundial de uma nação particularmente orgulhosa de seu “Império”, circunstância que favorecia a ascensão da xenofobia, entre outros males;

b) A tentativa de revolução socialista na Alemanha em 1919, conjugada com o relativo fracasso de quase meio século de combate político e de repressão aos socialistas/comunistas na Alemanha por parte da elite germânica (que inclui tanto as famosas leis anti-socialistas, quanto as concessões trabalhistas do final do século XIX e início do século XX na tentativa de conter o avanço da influência socialista);

c) O fracasso continuado dos governos, desde os anos 20, em recuperar a economia alemã e conter a superinflação e o desemprego. O fato do Partido Social Democrata da Alemanha estar nestes governos o desmoralizou como alternativa. Entendo que, em períodos de crise intensa, o “centro” político costuma perder espaço para as soluções mais extremas (pela esquerda ou pela direita).

3) A existência da URSS. Há evidências, indicadas por historiadores, da ambição da parte de elites internacionais de jogar a Alemanha contra a URSS, em uma guerra de destruição mútua. A mobilização social necessária para uma guerra destas proporções exige governos muito fortes.

4) A natureza do projeto nazista já tinha sido tornada pública pelo livro de Hitler.

Fiquemos nisso, o suficiente para indicar um imenso potencial de avanço da extrema direita alemã, naquela época, e da violência contida neste ameaça, com amplo apoio da classe capitalista alemã e internacional.

O grande mito que eu particularmente vejo nesta história é a crença que o apoio do PC da Alemanha ao PSD seria suficiente para barrar Hitler (nem mesmo depois da eleição, pois a soma dos deputados do PC e do PSD, em 1932, foi inferior à bancada nazista). Esta interpretação demonstra, no meu entender, uma profunda incompreensão quanto às razões da ascensão do

nazismo. A extrema direita cresceu pelo fracasso da direita tradicional e do PSDA em enfrentarem a grave crise que vivia a Alemanha. O apoio do PC da Alemanha ao PSD seria um apoio a uma política recessiva de elevado desemprego e hiperinflação. Só uma agenda econômica heterodoxa poderia mudar esta realidade. Sendo assim, acho mais provável que o apoio do PC a esta política resultasse no aumento da rejeição também ao PC, e não um reforço a posição do PSD. Seria um “abraço dos afogados”.

Não digo que a opção do PC da Alemanha tenha sido a melhor. Não foi. O correto seria buscar uma frente antinazista simultaneamente a defesa de um programa heterodoxo de enfrentamento da crise (e só o sucesso desta defesa é que poderia fazer frente a ascensão nazista). Só lembro que o todo pode ser menor que a soma das partes.

Quanto ao Brasil:

1) Embora em crise, o Brasil está muito longe da situação dramática da Alemanha dos anos 30. Além disso, a história do povo brasileiro inclui um componente de adaptação (o “bico” do trabalho precarizado) muito maior que a experiência alemã. Em um governo do PSDB, o aprofundamento da crise levaria (como levou no governo FHC) a uma desmoralização deste partido e de seus aliados (que inclui a versão brasileira de fascismo), e não ao seu fortalecimento;

2) Acredito (e isso é uma aposta que precisa de mais evidências científicas) que a maioria de nosso povo rejeite uma nova ditadura militar (embora existam muitas pessoas do povo que defendam isso). Por outro lado, a alta classe capitalista sabe muito bem que o PT não tem nada de revolucionário (vejam o apoio apaixonado de setores do agronegócio aos governos do PT), assim como não houve nada parecido com a Revolução Alemã de 1919, no Brasil. Os revolucionários aqui representam uma parcela extremamente pequena da população, enquanto que na Alemanha eles tinham muito mais força.

3) Não há um projeto internacional de fazer o Brasil uma potência militar para jogar contra quem quer que seja. Não há uma URSS na América Latina.

4) Comparar Aécio a Hitler... perdoe, mas já acho que seja pura apelação. E nem o PSDB é o partido nazista. O próprio Atilio Boron admite esta obviedade. Como o mundo não é preto e branco, nem digital (0 ou 1), isso não isenta o PSDB de ser uma desgraça para o povo. Apenas tenta restabelecer “as devidas proporções históricas”.

No que se refere à América Latina: o governo de FHC foi muito ruim para o Brasil, mas isso não impediu que a Venezuela avançasse com Chavez. Quando os parentes políticos do PSDB na Venezuela tentaram o golpe contra Chavez, em 2001, o submisso governo pró-imperialista tucano não deixou de contribuir para barrar o golpe contra Chavez (claro, foi o povo da Venezuela junto com as forças armadas que conseguiu detê-lo). E o governo FHC também fez negócios com Cuba.

O que eu quero dizer é que, se Aécio fosse repetir (não vai porque deve perder a eleição) a política externa de FHC, o governo federal iria se aproximar mais dos EUA, mas a própria lógica dos negócios manteria limites na postura pró-imperial. Até a ditadura militar brasileira, no governo Geisel, apresentou pontos de distanciamento dos EUA. Nossa classe capitalista é carcomida,

escravocrata, culturalmente colonizada, subserviente aos EUA, mas ela também tem seus próprios interesses de negócios. E no momento, com a política do PT, muitas empresas brasileiras estão lucrando na América Latina.

Um eventual governo do PSDB seria de fato muito ruim. Como também será o novo governo do PT. Olhando de uma forma multidimensional, concordo que o PSDB tenderia a conseguir ser pior em muitas dimensões consideradas, mas não seria um governo nazista e não seria o fim do Brasil. Além disso, insisto: o próximo governo será tão pior quanto menor for a conscientização política, organização e mobilização popular. O propósito do voto nulo é tentar travar este embate já de agora, tentando evitar uma contribuição ao fortalecimento do projeto petista (uma renovação das ilusões), cuja natureza avaliamos que não mudará no próximo governo, e que ainda trará graves mazelas ao nosso povo.

Em síntese: a analogia adotada por Atílio Boron me parece inadequada. E, por consequência, suas conclusões.

Esta questão merece uma avaliação mais extensa e aprofundada, mas de momento, fico por aqui.

### **A Alemanha assusta-se e isso é bom**

Por **Ana**

**Sá**

**Lopes**

publicado em 27 Maio 2013 - 05:00

<http://www.ionline.pt/iOpinioao/alemanha-assusta-se-isso-bom>



## **Berlim só muda quando lhe forem ao bolso. Felizmente para nós, está a acontecer**

Na semana passada, Vítor Gaspar pediu para tomarmos “nota” – este era o “momento do crescimento”. É difícil acreditar no credo de Gaspar, porque inverter a queda da economia e restaurar a confiança é muito difícil nesta fase, com esta taxa de desemprego. As medidas anunciadas por Gaspar (o famoso supercrédito do IRC) dificilmente servirão de corda segura para resgatar a economia do fundo do poço onde chegámos.

A única alegria que pode vir dos lados de Berlim é ver o governo Merkel a começar a ficar assustado. Segundo a “Der Spiegel”, o mood alemão mudou substancialmente desde o mês passado, quando o Bundesbank avançava com previsões optimistas, acreditando numa rápida recuperação da economia alemã e no aumento do investimento. Mas isso não aconteceu. Os exportadores alemães começaram a tornar-se mais pessimistas e na quinta-feira, a câmara de comércio e indústria alemã apresentou um estudo em que admite que as empresas exportadoras estão agora muito menos optimistas do que o estavam há pouco tempo atrás. “Previsivelmente, a dinâmica das exportações será menor nos próximos meses”, escreve a câmara do comércio e indústria, baseada num inquérito a 25 mil empresas. A recessão na zona euro e a estagnação prevista pelo Eurostat estão a alarmar a Alemanha – três anos depois do início da crise na zona euro, a iminência da chegada da crise a Berlim é paradoxalmente uma boa notícia. As políticas europeias só poderão mudar quando Berlim for atingido no coração exportador – e Berlim só muda quando lhe forem ao bolso. Uma perspectiva cinzenta para a economia alemã (em derrocada por falta de europeus em condições de lhe comprar produtos) é uma excelente notícia para os portugueses e para todas as periferias a braços com os programas de austeridade.

A câmara que junta os comerciantes e industriais alemães admite que a incerteza nunca foi tão grande desde 2010 – enquanto 41 por cento das empresas inquiridas apontam como o maior risco para os seus negócios a fraca procura externa.

Não foi por causa dos bons ofícios de Gaspar – nem da sua veneração face a Berlim – que o banco KfW, o banco de fomento alemão, se prepara para fornecer crédito barato a Portugal. Vai fazê-lo a todos os países da periferia, incluindo a Grécia – de que Portugal se quis distanciar – e Espanha. Para se salvar a si própria, naturalmente e não para premiar “o bom aluno” graxista e totó.

# Comment l'Allemagne a su s'imposer

L'ALLEMAGNE est le premier partenaire commercial européen de la Chine. En 2012, les échanges entre les deux pays ont représenté 143,9 milliards d'euros selon l'office fédéral des statistiques allemand. Deux fois plus qu'en 2006. « Nous voulons atteindre un volume d'échanges de 280 milliards de dollars [214 milliards d'euros] en 2015 », promettait en avril 2012 le premier ministre Wen Jiabao, avant de quitter le pouvoir.

Si le commerce entre les deux pays croît d'environ 15% par an, il est de moins en moins déséquilibré : le déficit commercial de l'Allemagne avec Pékin, après avoir atteint le record de 26,8 milliards d'euros en 2008, n'était plus que de 10,7 milliards en 2012.

Comme le relève dans une note Hans Kundnani et Jonas Parello-Plesner, du European Council on Foreign Relations, « la symbiose est presque parfaite entre les économies chinoise et allemande : la Chine a besoin de technologies et l'Allemagne des marchés ». La Chine est le troisième partenaire économique de l'Alle-

magne (derrière la France et les Pays-Bas), son deuxième fournisseur et son cinquième client.

Ces six dernières années, Angela Merkel s'est rendue à six reprises en Chine, dont deux fois en 2012. Aucun pays hors de l'Union européenne n'a eu droit à autant de visites. De plus chaque voyage dure au moins cinq jours et la chancelière allemande se rend non seulement à Pékin mais aussi dans les provinces. Le président François Hollande, lui, restera moins de deux jours sur place.

## Une vision à long terme

Pour la Chine, l'Allemagne est devenue la porte d'entrée en Europe, tant sur le plan économique que diplomatique. D'ailleurs, pour la foire d'Hanovre d'avril 2012, quelque 460 entreprises chinoises avaient fait le déplacement. Jamais le « made in China » n'avait réalisé une telle opération de séduction à l'étranger.

Sur les 77 milliards d'euros d'exportations allemandes vers la Chine en 2012, l'automobile (véhicules et pièces détachées) se taille

la part du lion (environ 30%), devant les machines et biens d'équipement (25%).

Les industriels d'outre-Rhin se félicitent d'avoir su s'implanter en République populaire avec une vision de long terme et en rangs serrés. Elles « ont travaillé le marché pendant plusieurs décennies avec l'aide de la Chambre de commerce de manière bien plus cohérente que les Français », note Joerg Wuttke, ancien président de la Chambre de commerce européenne en Chine et conseiller de l'Organisation de coopération et de développement économiques, qui invoque aussi le soutien appuyé des banques allemandes aux PME dans leur aventure chinoise.

Cet homme d'affaires au contact de l'empire du Milieu depuis le début des années 1980, prend l'exemple de la réussite de Volkswagen en Chine. « Volkswagen [VW] est arrivé en 1985, Peugeot-Citroën est venu un peu plus tard, s'est retiré, puis a mis en scène son retour. Mais ils avaient déjà perdu leur élan dans les années 1990. Et la stratégie du long terme

de VW a payé pour de nombreuses PME allemandes en tant que fournisseurs », relève M. Wuttke.

VW a écoulé 2,81 millions de véhicules en Chine en 2012, et compte en vendre 4 millions en 2018, comme l'a annoncé le groupe vendredi 19 avril. Au programme : sept nouvelles usines en Chine et 25 000 embauches.

Avec les automobiles les plus réputées du monde, un savoir-faire incontournable dans l'industrie lourde, des exportations concentrées sur le haut de gamme, l'économie allemande ressemble à ce que la Chine rêve de devenir. De sorte que l'empire du Milieu se lance à son tour dans les acquisitions en Allemagne. Mais alors qu'en 2010, 5 000 entreprises allemandes étaient présentes en Chine et que leurs investissements se montaient à 26,6 milliards d'euros, on ne comptait que 800 entreprises chinoises en Allemagne, essentiellement des PME dont l'investissement ne représentait que 800 millions d'euros. ■

**FRÉDÉRIC LEMAÎTRE (À BERLIN)  
ET HAROLD THIBAUT (À SHANGHAI)**

## Una canciller made in RDA

Richard Herzinger - Welt am Sonntag, Berlín

**¿De dónde viene Angela Merkel? ¿Cómo se formó su pensamiento político? Estas preguntas se las plantean muchos alemanes, al igual que los demás europeos. Unos meses antes de las elecciones al Bundestag, dos biógrafos alemanes analizan su pasado en la República Democrática Alemana (RDA).**

Un libro que se publica esta semana, escrito por los periodistas Ralf Georg Reuth y Günther Lachmann, y que lleva por título "La primera vida de Angela M.", pone al día lo que se sabe de la relación de Merkel con la dictadura de la RDA. En contra de la aseveración de la propia Merkel de que en su fuero interno siempre rechazó el sistema del Partido Socialista Unificado (SED), los autores creen estar en condiciones de establecer que su papel en la RDA y en los años del Cambio fue más complejo, y resulta menos halagüeño para la canciller, de lo que cuenta la leyenda imperante.

---

Según ésta, Angela Merkel, a la que no habría afectado el adoctrinamiento ideológico, siempre habría aspirado a una democracia como la de la República Federal y los años de la República Democrática Alemana (RDA) los habría vivido en una especie de exilio interior. Esta leyenda se apoya en buena medida en la presunción de que el protestante entorno familiar de Merkel, al ser hija de un pastor, la habría protegido de las seducciones e ilusiones de la doctrina de Estado socialista. Si se mira más de cerca ese entorno familiar, sin embargo, se descubre un panorama bien distinto, el de la implicación de los teólogos evangélicos, entre ellos el padre de Merkel, en el sistema de la RDA.

Merkel nació en Hamburgo el 17 de julio de 1954, con el nombre de Angela Kasner. Su padre, Horst Kasner, cuya profesión era la de párroco [y que en 1954 se trasladó a la Zona de Ocupación Soviética], pertenecía al círculo de teólogos con el que el Gobierno de la RDA, controlado por la Unión Soviética, quería llevar a cabo la política para las Iglesias que había concebido. Y así, unos teólogos que veían en el socialismo una verdadera alternativa al capitalismo occidental fundaron en Praga la Conferencia de Paz Cristiana (CFK).

Kasner no solo participó en la CFK, sino también en el Círculo de Trabajo del Weißensee, cuyo director, Hanfried Müller, un hombre de la CFK, contaba con excelentes contactos en el Politburó del SED

## **La cooperación como deber Cristiano**

Cuando en 1961, en el punto álgido de la Guerra Fría, la Conferencia del Este de las Iglesias Evangélicas de la RDA declaró, con la conformidad de la Iglesia Evangélica en Alemania, que los cristianos no podían acatar las exigencias absolutas de una ideología, el Círculo de Trabajo del Weißensee formuló una posición opuesta. Sus "Siete proposiciones sobre la libertad de la Iglesia para servir" elevaron la colaboración con el "poder del Estado antifascista" a deber cristiano. Se puede considerar que las "siete proposiciones" son el núcleo ideológico de la idea de "Iglesia en el socialismo". En esos años, el padre de Angela Merkel estaba claramente a favor del Estado del SED.

A partir de 1970, no cabe duda de que Kasner se fue distanciando paulatinamente de la línea oficial de la RDA. En cualquier caso, Angela Merkel creció en una casa paterna donde política y teología se fundían y lo político se anudaba al empeño por alcanzar el ideal socialista.

Angela Merkel perteneció a esa décima parte de los jóvenes de su edad que podía aprobar el Bachillerato Superior Ampliado. A diferencia de muchos otros hijos de pastores, no evitaba las organizaciones de masas del Estado del SED: formó parte de los Jóvenes Pioneros. Sería más tarde vicesecretaria en su instituto de bachillerato de las Juventudes Libres Alemanas (FDJ). La reválida se la salvó su cercanía y la de su padre al sistema. Tras la revalida, estudió física en la Universidad Karl Marx de Leipzig. Para quien, para empezar, había logrado llegar hasta allí, una carrera de ciencias naturales era lo más seguro. Especialmente cuando, como era el caso de Angela Merkel, se desempeñaban también tareas directivas en las FDJ. En la Universidad de Leipzig entró por primera vez en contacto con círculos de comunistas reformadores.

## **Subiendo peldaños**

En 1981 ascendió a Secretaria de Agitación y Propaganda de la Organización de Base del Instituto Central de Química Física de la Academia de Ciencias de Berlín, que, con más de seiscientos colaboradores, no era precisamente un instituto pequeño. Merkel, sin embargo, sigue negando que fuera Secretaria de Agitación y Propaganda. Así, decía en 2005, en el libro de entrevistas *Mi camino*: "¿Agitación y propaganda? No recuerdo haber agitado de ninguna forma. Era la encargada de cultura".

En el otoño del año del cambio, 1989, [el padre de Angela Merkel organizó] en la Escuela Pastoral un encuentro de físicos de la RDA sobre "¿Qué es el ser humano?". Al padre de Angela Merkel le habría gustado que su hija se inclinase por el Partido Socialdemócrata; sin embargo, el gran influjo que había tenido sobre su hija se había disipado en los años pasados, y ella optó por el recién fundado Despertar Democrático (DA).

Sin embargo, pese a lo que le quería atribuir la creencia hasta ahora común, Merkel no entró en Despertar Democrático en diciembre, cuando este incluía ya en su programa la unidad alemana como visión para el futuro. Hay muchos indicios de que Angela Merkel era partidaria en un principio de un socialismo democrático en una RDA independiente, y no contemplaba la posibilidad de la reunificación. No obstante, al final Angela Merkel fue miembro del consejo de DA en la Alianza por Alemania, la coalición que ganó en marzo de 1990 las elecciones a la Cámara del Pueblo (el Parlamento) en nombre de Helmut Kohl.

### **Rasgos pragmáticos**

El dirigente de la RDA se llamaba entonces Lothar de Maizière, hijo de un antiguo camarada de Kasner, Clemens de Maizière. Nombró a Angela Merkel segunda portavoz del Gobierno. Su actuación en ese puesto sería enseguida reconocida públicamente. Le valió para "ganarse, gracias a su inteligencia y fiabilidad, una reputación que la recomendaba para mayores empeños", según escribió el "Neue Deutschland". No se pasaría por alto. Una vez se integró DA en el Partido Cristianodemócrata (CDU), De Maizière y su Secretario de Estado, Günther Krause, atrajeron hacia Merkel la atención de Helmut Kohl, quien también se quedó encandilado con ella.

En conjunto, el nuevo libro sobre Merkel contiene nuevas y más precisas facetas de la biografía de Merkel en los tiempos de la RDA, si bien, aunque resultan esclarecedoras, no aportan ninguna revelación que descubra perspectivas inéditas y obligue a una reconsideración radical del papel de Merkel en la RDA. En la semblanza de la "primera vida" de Merkel se reconocen los familiares rasgos de la pragmática que con frialdad calcula y maniobra tácticamente. Ya en los tiempos de la RDA, según todas las apariencias, Merkel actuaba libre de la menor traza de entusiasmos utópicos y teniendo siempre presente su progreso personal dentro de y con las estructuras preexistentes, siempre que ningún camino llevase por la misma dirección. Cuando se volvieron obsoletas, se abrió paso enseguida, y con la misma solvencia, en las nuevas estructuras de la República Federal. 15 mayo

2013

---

*Este artículo y todos los otros envíos de "other news" están disponibles en <http://www.other-news.info/noticias/>*

'Other news' es una iniciativa personal, que tiene el fin de proporcionar material que tendría que estar en los medios, y no esta por los criterios comerciales de la informacion. Esta abierta a recibir contribuciones de todos. Su area de trabajo es informar sobre temas globales, relaciones norte-sur, y gobernabilidad de la globalizacion. Roberto Savio

*//Reproducción prohibida, nota enviada a título informativo//*

[Join Our Mailing List!](#)

## **A Alemanha engana-se e engana a Europa**

por Juan Torres López 

Nos últimos meses foi atribuída grande importância às eleições alemãs de domingo 22, sendo consideradas precursoras de uma mudança de políticas na Europa mas creio que não as vão ter, pois parece-me que a situação política e económica não se alterará muito ali nem na Europa, seja qual for o resultado.

Uma nova vitória dos conservadores não só não modificará a política de Merkel como inclusive é possível que leve a enfraquecer o impulso que o seu governo havia dado à economia nos últimos meses a fim de melhorar sua imagem diante do eleitorado e reforçar o seu fundamentalismo. E não é possível esperar nem sequer alguma tímida reformulação do discurso europeu se não for endurecida com firmeza a posição de outros sócios da eurozona.

Tão pouco mudariam muito as coisas com uma vitória social-democrata, pouco previsível, ou inclusive de Os Verdes. Ainda que nos seus programas tentem sempre diferenciar-se dos democrata-cristãos e agora proponham o arranque de uma espécie de novos planos Marshall para reactivar as economias, se chegassem de novo a governar não se afastariam do que fez e tornará a fazer Angela Merkel.

Será assim porque os partidos políticos governantes na Alemanha são materialmente escravos desde há muito da classe empresarial e financeira que é quem na verdade marca o passo da política naquele país. Não se esqueça que foram os sociais-democratas que puseram em andamento as reformas reaccionárias que provocaram o grande incremento da desigualdade e a actual deterioração das classes trabalhadoras alemãs, e é bem sabido que suas

posições sobre a Europa, o Euro ou a estratégia do Banco Central Europeu não diferem praticamente em nada das que são mantidas pela direita mais recalcitrante.

Não haverá mudanças porque o que os grandes poderes económicos puseram na mesa aproveitando a crise económica e o que agora se ilustra na Alemanha e em toda a União Europeia não é outra coisa senão a mudança radical do modelo social, ou seja, uma alteração profunda do equilíbrio de forças sociais e, portanto, uma redefinição dos direitos económicos e inclusive políticos dos cidadãos.

É um objectivo muito diferente das preferências maioritárias dos cidadãos, tal como demonstram todo tipo de inquéritos, e isso faz com que as instituições representativas onde possam reflectir-se tornam-se cada dia mais incómodas para os grandes poderes económicos. É por isso que estes últimos vêm impulsionando por todos os meios ao seu alcance o desmantelamento da democracia em toda a Europa, como denunciou entre outros o grande filósofo alemão Jürgen Habermas, pois só assim podem ser impostas as políticas que levam a essa mudança de modelo e que são tão contrárias às que desejam que se apliquem a imensa maioria da população.

Não cabem, pois, grandes mudanças após a competição eleitoral na Alemanha

Os grupos de pressão tiveram muito cuidado em impedi-las, sobretudo generalizando um discurso político carregado de mentiras que pouco a pouco penetra toda a Europa, e particularmente na Alemanha, para ir conformando uma cidadania submissa e convencida de que o que os grandes grupos financeiros propõem em seu benefício é justamente o que mais interessa aos de baixo.

As eleições gerais celebradas na Alemanha têm muito a ver com tudo isso porque são precisamente as grandes corporações e grupos financeiros desse país os que mais combativamente impulsionam essa mudança de modelo social e porque a população alemã foi especialmente bombardeada e convencida pelas mentiras e enganos em que foram envolvidas pela sua colocação em andamento.

**TEIA**

**DE**

**ENGANOS**

Se há europeus que estão a ser especialmente enganados são os alemães e se alguém engana os demais europeus são os dirigentes políticos e económicos alemães.

- Engana-se aos alemães ao fazer-lhes crer que é a Alemanha a que financia o resto da Europa, quando se verifica que suas grandes empresas e bancos foram desde há anos os grandes beneficiários de uma construção europeia e do Euro mal concebidos por ter sido feito à sua medida. A Alemanha não é generosa, aproveita-se sim do seu imenso poder para tratar de submeter os demais, outra vez, num

espaço económico que seus grandes grupos económicos consideram seu em toda a Europa.

- São enganados quando se lhes faz acreditar que o desperdício e a irresponsabilidade dos cidadãos de outros países foram o que produziu a crise e os males que se sofrem, quando a verdade é que foram os bancos alemães aqueles que financiaram espontaneamente e sem medida as bolhas e os excessos que destroçaram as economias para engordar, durante anos, suas contas de resultados.
- São enganados quando se lhes faz acreditar que são outros países que se aproveitam do esforço e dos rendimentos dos trabalhadores alemães quando na realidade são seus próprios grupos de poder económico e financeiro os que impuseram em seu favor políticas que criam desigualdade crescente e mais pobreza e o que colocaram fora da Alemanha o colossal excedente que obtiveram seus trabalhadores nos últimos anos.
- Engana-se os alemães quando se lhes diz que seu modelo social é insustentável por culpa da Europa e do custo da solidariedade com outras nações, quando na realidade se há problemas de financiamento é pela cada vez menor contribuição dos proprietários de capitais alemães ao financiamento dos interesses colectivos e pela colocação dos excedentes que obtêm fora da Alemanha.
- São enganados quando se lhes diz que hão de trabalhar mais que os trabalhadores de qualquer outro país, quando as estatísticas mostram que apesar de serem mais produtivos nos sectores de vanguarda, pelo maior avanço das suas economias, trabalham menos, felizmente para ele, ainda que certamente com condições de trabalho e de rendimento cada vez piores.
- Engana-se os alemães e os dirigentes alemães estão a enganar os cidadãos europeus quando se lhes diz que as políticas de austeridade são a melhor forma de avançar e que além disso são necessárias pela dívida de outros países, quando a Alemanha a teve sempre mais elevada que muitos deles e quando é uma evidência clamorosa que estas políticas empobrecem toda a Europa e, por fim, os próprios trabalhadores alemães e quando só estão a servir para justificar a privatização e o desaparecimento de serviços públicos e direitos sociais.
- Engana-se os alemães e os dirigentes alemães enganam toda a Europa quando se lhes diz que a dívida que há que reduzir deriva do excessivo gasto público destinado ao bem estar social, quando na realidade decorre dos juros gigantescos que se pagam aos bancos privados ao impor um banco central na Europa que não o é e que só serve para apoiar e salvar os bancos privados.
- Engana-se os alemães e os dirigentes alemães enganam os europeus normais e comuns quando se lhes diz que países como Grécia, Portugal ou Espanha exigem ajudas ou resgates multimilionários para levá-los em frente, quando na realidade esses resgates só servem para salvar os bancos alemães ou as grandes empresas que vivem de fazer investimentos imperiais no resto da Europa, em muitos casos promovendo e financiando todo tipo de práticas corruptas.

- Engana-se os alemães e os dirigentes alemães enganam os europeus quando se lhes diz que há que rebaixar salários para criar emprego e dessa forma só se consegue que aumente o lucro empresarial e a pobreza; ou que há que flexibilizar os mercados laborais, quando isso só se traduz em maior poder de negociação dos grandes empresários mas não em mais e sim em pior emprego; ou que há que reduzir a despesa pública quando são cada vez maiores suas aventuras e despesas militares ou as despesas financeiras que graciosamente se pagam aos bancos privados.
- Engana-se os alemães e os dirigentes alemães enganam todos os cidadãos quando se apresentam como justos e eficientes reclamando estritas condições de pagamento aos agora devedores. Ocultando que países como a Grécia foram generosos com a Alemanha quando era esta quem tinha que pagar sua dívida.

Não cabe esperar grandes mudanças destas eleições alemãs porque são celebradas em meio a um cinismo institucional gigantesco, no âmbito de um colossal roubo intelectual e político que não se pode combater no seio de instituições que deixaram de ser democráticas ou por governos que são marionetas dos grupos financeiros e grandes empresários.

**A estratégia da mentira triunfa, e desgraçadamente de forma muito particular na Alemanha, graças ao poder imenso que acumularam as classes mais ricas. A riqueza dos 10% mais ricos da Alemanha, por exemplo, passou dos 45% do total em 1998 para 53% em 2008; as dos 40% seguintes dos 46% para 40% e a dos 50% mais pobres dos 4% para 1%. (grifo meu, CJ)**

Isso é o que explica que apesar de 70% dos alemães afirmarem estarem conscientes e reprovarem a injustiça que implicam as actuais políticas económicas e laborais voltem a votar, na sua grande maioria, nos partidos que as executam.

Na Alemanha, como nos demais países europeus, conseguiram converter cidadãos e cidadãs titulares de direitos nos "súbditos dóceis" dos quais dizia o grande Thomas Mann, em *A montanha mágica*, "que demonstram em todo escritório e em todos local de trabalho o respeito devido à autoridade".

Quando os eleitores tiverem deixado de ser dóceis e ingénuos, como vêm sendo a maioria dos alemães e europeus em geral, e quando enfrentarem com decisão as autoridades corruptas e totalitárias que nos governam, as eleições começarão a ter outro significado e então sim abrirão caminho para verdadeiras mudanças políticas.

**[\*] Catedrático no Departamento de Teoria Económica e Economia Política da Universidade de Sevilla.**

O original encontra-se no Público.es de 22/Setembro/2013 e em [juantorreslopez.com/...](http://juantorreslopez.com/...)

Este artigo encontra-se em <http://resistir.info/>

## **E se o eleitorado alemão também fosse contrariado?**

<http://www.leituras.eu/out.php?url=https%3A%2F%2Frcag1991.wordpress.com%2F2015%2F02%2F11%2Fe-se-o-eleitorado-alemao-tambem-fosse-contrariado%2F>

*(Daniel Oliveira, in Expresso Diário, 11/02/2015)*



As manchetes do tabloide “Bild” não costumam chegar a Portugal. Se chegassem talvez percebêssemos um pouco melhor o que pensa o eleitorado alemão. A partir daí, talvez fosse mais fácil compreender a dificuldade em convencermos a Alemanha a comportar-se de forma diferente. A narrativa que os alemães compraram desta crise é mais ou menos a mesma que foi vendida a todos os europeus: uma crise das dívidas soberanas, resultado da irresponsabilidade de Estados gastadores – e não, como de facto aconteceu, uma crise financeira para a qual a zona euro, feita ao gosto alemão, não estava preparada. E que acabou por ser transferida para os Estados.

Como acontece sempre nestes momentos, a narrativa costuma ter uma versão mais simples para consumo popular. Para os alemães é esta: os poupados e conscienciosos contribuintes alemães estão a pagar as despesas dos estroinas da Grécia e de Portugal. As suas irresponsabilidades. É a eles que estes países devem o facto de ainda sobreviverem. E por isso a Alemanha não aceita pagar nem mais um cêntimo. E quer o dinheiro de volta. De nada vale tentar explicar aos alemães que isto é falso. Que, apesar da arquitetura do euro que impuseram aos seus parceiros ter deixado todo o resto da Europa desprotegida, não são eles que estão a pagar, são todos os europeus. E que não salvaram gregos e portugueses, salvaram a sua própria banca. É por isso mesmo que aqueles que se têm oposto à austeridade foram os mesmos que foram contra estas operações de resgate. Porque não éramos nós que estávamos a ser resgatados. Eram os credores privados que se conseguiram livrar das nossas dívidas.

A contribuição alemã para os resgates foi a normal, tendo em conta a sua população e a dimensão da sua economia. É até provável que, em termos relativos, tenha pesado menos ao contribuinte alemão do que ao italiano,

português ou grego. A Alemanha foi responsável por 27% dos fundos de resgate, como o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEDE). A França ficou com 20,3%. A Itália com 17,9%, a Espanha com 11,9%. Se medirmos per capita, cada cidadão alemão contribuiu com 3,34€, o francês com 3,10€, o italiano com 2,92€, o espanhol com 2,53€. Se tivermos em conta a dimensão de cada economia, veremos que a Alemanha está muito longe de ser a que mais sofreu com estes resgates. E, no entanto, está absolutamente convencida que está sozinha a pagar tudo isto.

**Os contribuintes alemães acham que estão a sustentar gregos e portugueses. Não são eles que estão a pagar, são todos os europeus. Pesa menos ao contribuinte alemão do que ao italiano, português ou grego.**

Na realidade, a Alemanha foi a principal beneficiária da forma como a Europa lidou com a crise. Já o era, quando foi, de longe, o país que mais lucrou com uma moeda única feita à imagem e semelhança do marco, desenhada para a prender ao projeto europeu, graças a um Mitterrand que sabia tudo de política mas foi incapaz de prever as consequências económicas das enormes cedências que fez. Voltou a ser durante esta crise, quando os seus excedentes comerciais batem recordes todos os anos, levando ao endividamento das restantes economias. É de novo, quando a crise rebenta e, para salvar a banca alemã e francesa, a Alemanha obriga as instituições europeias e, com elas, todos os cidadãos europeus (alemães incluídos) a assumir-se como credores de dívidas a privados. O preço de limitar a capacidade negocial grega e portuguesa foi exatamente este: institucionalizar a dívida, transformando as instituições europeias em cobradoras e destruindo assim o pouco que sobrava da democracia europeia.

Em 2008, antes de rebentar a crise, cerca de 80% da nossa dívida era detida por bancos e investidores estrangeiros privados. Tal como na Grécia e noutros países, com especial presença da banca alemã e francesa. Em 2012, já só tinham 23,5%. A troika ficou com 32% (ou 42,1%, se contarmos com a dívida adquirida pelo BCE através do Securities Market Programme). Em 2008, a banca nacional tinha 4% da dívida, outras instituições nacionais 8,3% e as famílias menos de 5%. Em 2012 a dívida em mãos nacionais duplicava, para 34,4%. Desde o início da intervenção do BCE e depois de forma mais rápida com a intervenção da troika, houve uma substituição dos credores privados não portugueses por entidades oficiais internacionais. O “resgate a Portugal” correspondeu a este processo de concentração da dívida nas mãos de instituições políticas com poderes extraordinários, salvando os credores privados europeus, mais dispersos e com menos poder, de qualquer reestruturação futura. E essa é a razão porque se diz o resgate foi à banca alemã e francesa. Entre 2009 e 2011, em plena crise financeira e do euro, o Deutsche Bank, teve lucros extraordinários e crescentes.

É difícil criticar o povo alemão. A lavagem ao cérebro não lhe foi dirigida apenas a ele. Até nós nos convencemos que andamos mesmo a ser sustentados pelos alemães. E partilhamos com eles todos os preconceitos em relação aos gregos (José Rodrigues dos Santos é sempre um bom barómetro do “vox populi” desinformado) e, coisa mais extraordinária, até alguns preconceitos falsos em relação a nós próprios. O síndrome de Estocolmo, que faz o refém apaixonar-se pelo sequestrador, foi, nos últimos anos, um elemento central do nosso comportamento político.

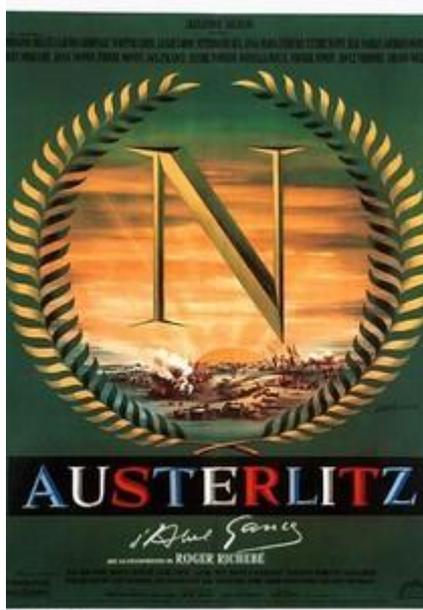
Quando todos os outros argumentos falham, o último que é usado contra qualquer mudança na Europa tem sido a indisponibilidade do eleitorado alemão mudar de posição. E como Merkel até é moderada quando comparada com o sentimento do seu povo. Como o SPD não tem, nesta matéria, posições muito diferentes da CDU. Esta posição é, ela própria, digna de um colonizado. A Alemanha é um dos 28 Estados Europeus. Os alemães representam 16% da população europeia e cerca de 20% do PIB europeu. Há Europa para lá da Alemanha. E há quem a pague para lá dela.

O problema é que Europa não só permitiu que o populismo fácil tomasse conta do discurso político na Alemanha – por vezes a roçar o racismo, em muitas apreciações que se fazem sobre os povos do sul da Europa – como aceitou a ideia de que o eleitorado alemão tem direito de veto sobre o futuro da Europa. Não tem. E ao ter dado este poder à Alemanha poupou a chanceler de qualquer esforço negocial. Olhando para os últimos quatro anos, o resultado político está à vista. Enquanto os governos dos vários países europeus caem como tordos, Merkel ganha popularidade interna.

Cometido o erro, nada mais podemos esperar que não seja um braço de ferro que termine, para nosso bem e para a salvação do projeto europeu, com uma derrota alemã. Isso incomodará o eleitorado alemão? De certeza. Mas convenhamos que os terramotos eleitorais a que assistimos na Grécia, em Itália, em Espanha, em França ou no Reino Unido são suficientemente claros quanto ao desgaste que as democracias europeias sofreram nos últimos anos. A Alemanha foi protegida de grande parte dos efeitos económicos e sociais desta crise. São os países mais fracos que estão a pagar a fatura de uma moeda mal planeada e feita à vontade alemã. E agora, enquanto as democracias de vários países são sujeitas a um enorme teste de esforço, anda tudo preocupadíssimo com a hipersensibilidade do eleitorado alemão. Todos fomos contrariados neste processo. Talvez tenha chegado a altura de também a Alemanha conhecer as desvantagens de andar acompanhado. Às vezes perde-se.

**FILMES IMPORTANTES PARA SE ENTENDER A ALEMANHA**

## AUSTERLITZ – A grande batalha dos três imperadores



A Batalha de Austerlitz - Poster / Capa / Cartaz - Oficial 1



TRAILER

### A Batalha de Austerlitz

1960

[Austerlitz](#)

[Outros títulos](#)

Dirigido por: Abel Gance

MÉDIA GERAL **3.8**

baseado em 14 votos

Sua avaliação:



Quero Ver

Indicar

165 minutos

Mais uma das aventuras de Napoleão Bonaparte é mostrada neste épico do diretor Abel Gance, que reconstrói neste filme a célebre batalha de... [Mais](#)

Estreia Brasil:

## **ANO ZERO – Roberto Rossellini – 1948**

**Neo Críticas - <http://neocriticas.blogspot.com.br/2011/05/alemanha-ano-zero.html>**

Berlim, pós Segunda Guerra Mundial. Edmund tem 12 anos e tenta ajudar a família, vendendo objetos nas ruas. O pai do garoto está doente e não pode trabalhar, a irmã é acusada por todos de se prostituir para os soldados estrangeiros. Em meio ao cenário desesperador, Edmund se envolve com um grupo de jovens delinquentes, que o desamparam no momento em que ele mais precisa.

Apesar de se passar na Alemanha do pós-guerra, o filme está inserido no contexto do cinema italiano dos anos 40: o neo-realismo. Roberto Rossellini, Vittorio De Sica e Luchino Visconti são os principais nomes do movimento que inspirou cineastas de todo o mundo - inclusive os cinemanovistas brasileiros. No neo-realismo, os diretores retratavam o sofrimento da sociedade europeia que morava nas cidades devastadas pela Segunda Guerra Mundial. Eles exploravam todos os lados possíveis da tragédia: relações sociais, culturais, econômicas, de poder etc. O neo-realismo se propôs a revelar as mazelas deixadas pelas grandes potências da maneira mais verdadeira possível. Para isso, os diretores abriam mão dos caros cenários, dos famosos atores, dos sofisticados recursos de câmera da época e do perfeccionismo da edição. No lugar de todos esses recursos, eles utilizavam atores não-profissionais, filmagem em locação - ou seja, todas as cenas dos filmes eram feitas nas próprias ruas das cidades -, aproveitavam a luz natural do ambiente... A intenção era transmitir tudo da maneira mais real possível.

Em "Alemanha, Ano Zero" Rossellini não deixa passar nenhuma crítica ao nazismo. Todos os personagens são uma espécie de retrato da sociedade da época: o pai doente pelo cansaço que a vida lhe causou, a irmã é vista como prostituta porque de algum jeito precisava arranjar dinheiro para ajudar a sustentar a casa e Edmund é a criança que cresce vendo o sofrimento da família e abrindo mão da juventude para ajudar nas tarefas de casa. Mas apesar de Edmund ser o personagem principal do filme, a figura do professor Sr. Enning é a mais crítica da história. Ele é retratado pelo diretor como um pedófilo, de crenças nazistas, que se aproveita de Edmund para ganhar algum dinheiro. O modo como ele acaricia o aluno e a maneira como se mostra tão

interessado nas atividades do garoto, fica claro que o interesse do professor não é só profissional. Quando Edmund percebe que seu pai não consegue melhorar da doença, resolve pedir ajuda ao "amigo" e professor, mas não adianta nada: Enning diz ao aluno, em um discurso extremamente nazista, que só os mais fortes conseguem sobreviver no período difícil em que estão vivendo.

O peso de viver em um Estado falido, sem o amparo da família, sem relações verdadeiras de afeto, levam Edmund a pensar em atitudes jamais imaginadas por uma criança de 12 anos. É incrível ver a maneira com que os diretores italianos pensavam nas tramas de seus filmes no período do neo-realismo. Enquanto o cinema americano filmava "A Noviça Rebelde" e "Dumbo", os cineastas europeus exploravam as consequências da Segunda Guerra sem fechar os olhos para a realidade e sem medo de mostrar aos espectadores de todo mundo, a dificuldade das sociedades que viviam assoladas pelas consequências da Guerra.

"Alemanha, Ano Zero" é um filme muito importante para o cinema. Ele fez parte de um movimento que inspirou várias gerações de cineastas e que propôs que o mundo voltasse os olhos para o que realmente estava acontecendo na Europa na metade dos anos 40.

Ficha Técnica:

Alemanha, Ano Zero (Germania Anno Zero)

Itália - 1948

Direção: Roberto Rossellini

Produção: Salvo D'Angelo, Alfredo Guarini e Roberto Rossellini

Roteiro: Roberto Rossellini, Carlo Lizzani e Max Kolpé

Fotografia: Robert Juillard

Trilha Sonora: Renzo Rossellini

Elenco: Edmund Moeschke, Ernest Pittchau, Ingetraud Hinze, Erich Gühne, Fanz-Otto Krüger

Duração: 78 minutos

**BERLIN ALEXANDERPLATZ – Diretor – Fassbinder** Berlin Alexanderplatz: a obra-prima de Fassbinder

<http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/berlin-alexanderplatz-a-obra-prima-de-fa/>

LUIZ ZANIN - 25 Outubro 2008 | 15:21

Há quem diga que se trata do maior filme de Rainer Werner Fassbinder. E sempre aparece alguém para comentar: é mesmo o maior, dura quase 16 horas! Piadas à parte, Berlin Alexanderplatz, tirado da obra de Alfred Döblin, é mesmo um monumento. Um painel gigantesco da Alemanha nos anos 20, visto pelos olhos do malandro Franz Biberkopf, interpretado de maneira magistral por Gunther Lamprecht.

Esse monumento da cultura alemã será apresentado na Mostra em episódios, tal como foi concebido. São 13 episódios e um epílogo. Aliás, a própria Mostra já o havia exibido, em 1985, em cópias em 16 mm. Anos atrás, o Instituto Goethe chegou a promover a apresentação do filme de uma vez só, em maratonas que atravessavam a noite. Nos anos 80, a TV Cultura passou-o em episódios semanais. E a Versátil está lançando a obra agora, na íntegra, em seis DVDs, a obra maior (com aspas ou sem) desse cineasta visceral que foi Fassbinder. Tanto a cópia apresentada pela mostra quanto a versão em DVD provêm do negativo restaurado. É filme para ver e rever. Ver na tela e ter em casa. Mas o cinéfilo não pode perder a oportunidade de apreciar essa obra na cópia em 35 mm trazida pela Mostra. Deve ser oportunidade única de conferir o tom obscuro, a luz expressionista empregada por Fassbinder na adaptação do romance.

A história começa com Biberkopf saindo da prisão onde permaneceu por quatro anos. O ambiente é o da depressão econômica que se segue à derrota alemã na 1ª Guerra Mundial. As dificuldades econômicas, a humilhação, a incapacidade de pagar a reparação de guerra, são fatores que criam um clima propício à ascensão de aventureiros, como se veria depois. No entanto, no romance, e no filme, essa perspectiva histórica é observada entre os habitantes do submundo. Lá onde Biberkopf, que não tem grande talento para coisa nenhuma a não ser os biscates, trava suas relações eletivas com a marginalidade. Nesse ambiente, tudo é risco: ele mantém caso com uma prostituta, mas com isso desperta a rivalidade de um rufião enciumado, que se finge de amigo.

Deve-se entender que adaptar o romance de Döblin era um desafio e tanto para Fassbinder. Publicado em 1929, o livro valia-se de uma multiplicidade de vozes e pontos de vista, incorporando até mesmo notícias de jornais na narrativa, tudo para falar daquela fauna reunida em torno da praça Alexander em Berlim. No filme, essa explosão narrativa, de certa forma, é concentrada em uma figura única, o protagonista Biberkopf, através do qual passam os fios da história. Mas é claro que toda as tramas se espriam em narrativas secundárias, e em uma multidão de personagens.

Enfim, é a Alemanha do entreguerras fertilizando em surdina seu ovo de serpente, fato insuspeitado por esses personagens secundários que vivem à margem da vida. O lúmpen, levado pela necessidade única de sobreviver, que agride e entredévora-se para manter-se à tona. Não existe retrato mais complexo e comovente daquele país que poucos anos depois tentaria tornar-se

o senhor do mundo. Um retrato expressionista, belo como cabaré decadente, doloroso como ressaca de steinhägger.

## **OS DEUSES VENCIDOS – Diretor E. Dmytryk**

### **Resultados da pesquisa**

[Os Deuses Vencidos - Filme 1958 - AdoroCinema](#)

[www.adorocinema.com](#) › Filmes › Todos os filmes › Filmes de Drama

Um filme de Edward Dmytryk com Marlon Brando, Montgomery Clift : Baviera, Alemanha. No último dia de 1937 Christian Diestl (Marlon Brando), um instrutor .

## **OS DEUSES MALDITOS – Diretor Luchino Visconti**

[Os Deuses Malditos - Filme 1969 - AdoroCinema](#)

[www.adorocinema.com](#) › Filmes › Todos os filmes › Filmes de Drama

Um filme de Luchino Visconti com Dirk Bogarde, Ingrid Thulin : Alemanha, 1933. O barão Joachim Von Essenbeck (Albrecht Schoenhals) comunica que está ...

**ALEMANHA NO OUTONO** (Deutschland im Herbst, ALE, 1977/1978) De Alf Brustellin, Rainer Werner Fassbinder, Alexander Kluge, Beate Mainka-Jellinghaus, Maximilliane Mainka, Edgar Reitz, Katja Rupé, Volker Schlöndorff, Peter Schubert e Bernhard Sinkel

**A** **política** **das** **imagens**



“Quando se chega a um determinado grau de crueldade pouco importa quem a cometeu: ela simplesmente tem de parar”. Identificada como a frase de uma senhora com cinco filhos em 8 de abril de 1945, a citação

aparece no início e no final do longa-metragem coletivo *Alemanha no Outono* (*Deutschland im Herbst*), realizado no final dos anos 70. É uma frase que não só revela o interesse político do filme, como também apresenta o esforço de seus diretores em compreender o tempo presente à luz do passado alemão.

Completando 35 anos de realização em 2012, *Alemanha no Outono* foi um filme pensado e gestado no calor de acontecimentos que irromperam em 1977: a morte de três integrantes do movimento Facção Exército Vermelho (RAF) e o assassinato do empresário Hanns Martin Schleyer, que fora sequestrado por militantes da RAF. Com a repercussão de tais fatos na mídia, dez diretores do Novo Cinema Alemão decidiram se reunir para concretizar um filme coletivo, que fosse uma resposta urgente àquela crise política.

De certa maneira, *Alemanha no Outono* aparenta ser uma costura de episódios realizados pelos cineastas Alf Brustellin, Rainer Werner Fassbinder, Alexander Kluge, Beate Mainka-Jellinghaus, Maximilliane Mainka, Edgar Reitz, Katja Rupé, Volker Schlöndorff, Peter Schubert e Bernhard Sinkel. No entanto, tais micro-filmes (que não são separados por títulos) engendram interesses comuns, que representam um coletivo: a crítica à violência, tanto do Estado quanto dos militantes de esquerda, no final dos anos 70; a compreensão de que esta atmosfera de repressão tem suas origens no nazismo; a vontade de apresentar outras versões dos acontecimentos, sem a comprometida mediação dos meios de comunicação de massa e o descontentamento em relação à passividade do cidadão comum.

Tais elementos são apresentados de forma mais direta e com maior força no momento em que Fassbinder conversa com sua mãe sobre os atos de guerrilha da RAF. Enquanto a mãe do cineasta diz defender a democracia e, ao mesmo tempo, apoiar o uso da violência pelo Estado contra as ações dos guerrilheiros, Fassbinder questiona: “Você disse que, por cada pessoa assassinada, queria ver um terrorista fuzilado. E isso é democrático?” A mãe balbucia e mal consegue responder às críticas do filho.

Outro trecho emblemático de *Alemanha no Outono* mostra um grupo de diretores que tentam vender uma adaptação moderna de *Antígona* para produtores de televisão. Os produtores vetam a exibição, por considerar que ela possa servir de estímulo a ações subversivas de jovens terroristas. Os diretores conformam-se em apresentar outro programa “sobre guerra, mas não sobre o terrorismo”. O desfecho aponta a crítica à influência do controle ideológico do Estado sobre o conteúdo dos meios de comunicação, naquele período em que eclodiram os atentados.

Em entrevista publicada no livro *A Anarquia da Fantasia*, Fassbinder falou sobre a necessidade de fazer o filme de forma imediata, para não perder a urgência dos acontecimentos. “Quando nos reunimos, no início, um dos motivos que nos levaram a concluir pela necessidade de fazer o filme era enfrentar o medo. Era necessário que as pessoas que não têm nenhum meio de produção, e estão talvez ainda mais amedrontadas do que nós, não se deixassem intimidar pelo sentimento que reinava então na Alemanha, ou seja, de que a crítica era inoportuna em qualquer de suas manifestações e deveria ser calada”, comentou. Diante do medo generalizado, os cineastas de *Alemanha no Outono* não se calam. Trata-se de um exemplo de

enfrentamento político visceral, que parece ter se diluído ao longo dos anos e que raras vezes é encontrado no cinema atual.

### Saiba mais

A Facção do Exército Vermelho (*em alemão*, Rote Armee Fraktion ou RAF) é também conhecida como Grupo Baader-Meinhof. Foi uma organização guerrilheira alemã de extrema-esquerda, fundada em 1970, na antiga Alemanha Ocidental. Seus integrantes se autodescreviam como movimento de guerrilha urbana comunista e anti-imperialista, em luta armada contra o que definiam como um "Estado fascista". Em setembro de 1977, Hanns-Martin Schleyer, presidente da Federação de Empregadores da Alemanha e da Confederação das Indústrias alemã, foi sequestrado num atentado por integrantes do RAF. Em 18 de outubro de 77, o empresário é assassinado. No mesmo dia, três integrantes da RAF - Gudrun Ensslin, Andreas Baader e Jan-Carl Jaspe - são encontrados mortos em sua cela na prisão de Stammheim.

### SERVIÇO

#### Alemanha no Outono (2109va0670)

(*Deutschland im Herbst*, ALE, 1977/1978)

De Alf Brustellin, Rainer Werner Fassbinder, Alexander Kluge, Beate Mainka-Jellinghaus, Maximilliane Mainka, Edgar Reitz, Katja Rupé, Volker Schlöndorff, Peter Schubert e Bernhard Sinkel. 124 minutos.

Disponível para compra em DVD na Amazon.com

**Preço médio:** U\$ 24

[O Casamento de Maria Braun - Cinecartaz](#) - Wim Wenders

[cinecartaz.publico.pt/Cinematoca/35847\\_o-casamento-de-maria-braun](http://cinecartaz.publico.pt/Cinematoca/35847_o-casamento-de-maria-braun)

### Asas do Desejo – Wim Wenders

#### No Decurso do Tempo

<http://www.cineplayers.com/comentario/no-decurso-do-tempo/33946>

(*Im Lauf der Zeit*, 1976)

Por **Patrick Corrêa**

**Avaliação:** ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ 9.0

★ Este comentário é recomendado pela equipe Cineplayers.

O fascínio de Wim Wenders pela estrada é tamanho que rendeu uma trilogia intitulada **On the Road**. Ela foi aberta com *Alice nas cidades* (*Alice in den Städten*, 1974) e continuada com *Movimento em falso* (*Falsche Bewegung*,

1975). *No decurso do tempo* (Im Lauf der Zeit, 1976), o mais longo dos três, encerra a trilogia com muita propriedade e, a exemplo de seus predecessores, narra uma bela história de amizade e traz Rüdiger Vogler em um dos papéis principais. Do começo ao fim, a trama é conduzida com muito despojamento, e sua beleza brota dos improvisos e das pequenas ocorrências do cotidiano, evidenciando a habilidade do diretor em abordar seus temas prediletos com verossimilhança. No foco da narrativa, estão Bruno Winter (Vogler) e Robert Lander (Hanns Zischler). O primeiro é um projetor itinerante cuja habitação é o mundo e que faz questão de se manter assim. O segundo acabou de se separar da esposa e não parece muito inclinado a superar tão rápido o episódio.

Antes que ambos se conheçam, Wenders oferece uma espécie de prólogo para a história ao colocar na tela o diálogo entre Bruno e um senhor que já exerceu a mesma profissão que ele no passado. Em breves palavras, eles debatem sobre o futuro do cinema e as perspectivas do idoso são bem pouco otimistas. Desde então, o componente multilinguístico está plenamente inserido na obra, algo que o realizador tornaria a fazer anos mais tarde em filmes como *O estado das coisas* (Der Stand der Dinge, 1982) e *O céu de Lisboa* (Lisbon story, 1994) e que firmaria como uma de suas temáticas recorrentes. Ao diálogo inicial dos personagens na sala de projeção, segue-se o encontro entre Bruno e Robert, que se dá em circunstâncias inusitadas e forma uma sequência muito bem pensada. Em seu caminhão, Bruno desperta para mais um dia na estrada e olha o horizonte distante à sua frente. Ele desce do veículo e continua contemplando a natureza completamente despido. Por mais gratuita que pareça, a nudez do projetista é altamente simbólica, pelo que traz de expressão de sua liberdade para ir, vir e ser como bem entende.

Então, um carro em alta velocidade avança em direção ao rio situado em frente ao local onde Bruno estacionou seu caminhão, e o motorista submerge nas águas juntamente com o automóvel para, em seguida, voltar à superfície e abandoná-lo. Bruno percebe que se tratava de uma tentativa frustrada de suicídio e então conhece Robert, que vem ao seu encontro e, dali em diante, compartilhará com ele momentos prosaicos na estrada. A amizade entre os dois é fruto de uma pequena e importante casualidade, e floresce em meio aos acontecimentos simples do dia a dia, bem como à falta delas. De um modo geral, as conexões interpessoais inesperadas de Wenders são bem arquitetadas e esculpidas com toques de cotidiano e leves obliterações, assim como acontece em *No decurso do tempo*. A tal grandeza presente no título é também uma protagonista da história. O roteiro, concebido pelo próprio diretor, é pródigo em examinar o tempo que esvai, o tempo que cura as feridas antigas e produz novas, o tempo que permite a meditação e a maturidade, o tempo que sedimenta relacionamentos, o tempo que transcorre por causa da nossa própria insistência em medi-lo e tomá-lo como algo inerente à natureza, quando, na verdade, é uma mera convenção. Esses pensamentos pulsam a partir da convivência consentida entre Bruno e Robert, talhada com base em uma brilhante fotografia em preto e branco.

As viagens dos protagonistas pelas estradas também traz à tona a questão da incomunicabilidade que tanto aflige os seres humanos, da qual os personagens

não escapam. Os pequenos ruídos de comunicação entre ambos responde pela oscilação na sua proximidade, assim como acontece com amigos cuja relação sofre ranhuras, ainda que imperceptíveis a olho nu, a cada vez que uma dissonância importante se concretiza. Nesse sentido, a abrangência de *No decurso do tempo* é enorme, por nos deixar entrever na lenta caminhada de Bruno e Robert algumas das nossas idiossincrasias mais veladas, ainda que, mesmo no filme, elas não apareçam escancaradamente. Wenders aposta nos silêncios e nos olhares que comunicam em parte e sublinham a angústia da procura por um interlocutor. A amizade entre Bruno e Robert é como um pálio de luz que se abre sobre eles e está circunscrita a um arco de tempo específico. Enquanto o tempo não finda, eles conhecem um pouco sobre o outro e um pouco sobre si mesmos. Trata-se de um vínculo que surge tão de improviso quanto se fortalece em pouco tempo, o que nos leva a considerar que uma amizade nem sempre demanda longos anos para ser construída. E, em meio ao percurso espaço-temporal dos protagonistas, o diretor apresenta alguns dos ícones mais recorrentes dos road movies, corroborando sua proposta de apropriação de conceitos e práticas cinematográficas tipicamente americanas que caracteriza boa parte de sua filmografia.

*No decurso do tempo* é permeado por uma trilha sonora vibrante e memorável, composta de muitas baladas de rock, que evoca lembranças, ponderações e aspectos banais da realidade, perfeitamente assimiláveis pela narrativa, que é capaz de produzir enlevo e incômodo ao longo de suas quase 3 horas de duração. É realmente lamentável que boa parte das plateias não esteja mais disposta a investir todo esse tempo diante de uma tela de cinema. Entretanto, aqueles aos quais essa característica do filme não gera intimidação ou enfado, está assegurada uma bela experiência. Wenders extrai beleza da banalidade, é um vate do cotidiano, e não se furta de inserir até mesmo a vulgaridade que o compõe. Fatos simples ganham dimensões épicas aqui e a história vai se formando a partir de pequenos achados, como a cena em que os protagonistas encenam uma briga desastrada para um grupo de crianças que não tem a que assistir depois de um problema na projeção de um dos filmes. Elas veem apenas as sombras dos dois e ouvem o som de uma canção, formando um espetáculo sonoro e visual equivalente a um filme de verdade. Em seus contatos, os personagens vivenciam o encontro, a separação, o reencontro e uma nova separação.

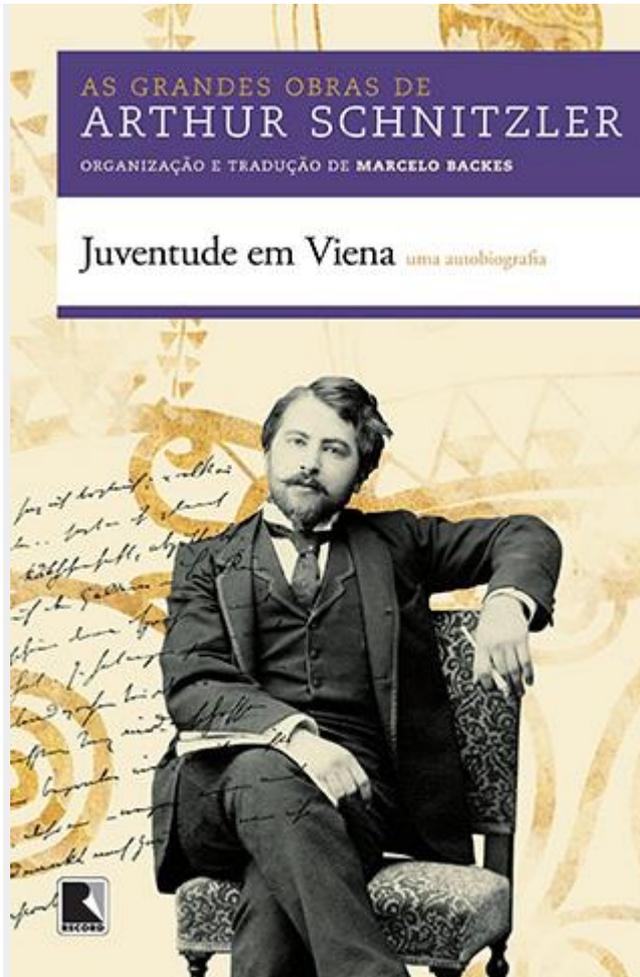
Em determinado momento, Robert se dá conta de que a estrada nunca será um local de permanência, enquanto Bruno prefere seguir reafirmando a sua condição de andeje, levando o filme para perto de seu epílogo. O realizador, mesmo que se valha de insígnias um tanto surradas devido ao tempo, consegue manter o filme com uma levada autoral e despojada, concebendo as suas próprias garatujas através dos personagens, que ganham vida graças aos seus intérpretes, cujo trabalho demonstra o quanto são inegavelmente talentosos. E os grandes coadjuvantes dessa odisseia são o Tempo e o Cinema, espargidos em Bruno, Robert e nas estradas de mil bifurcações, interseções, paralelos e círculos.

## **Anexo - Viena e os vienenses**

## Arthur Schnitzler e a virada do século XX

15/fev/2015, 13h07min

### Arthur Schnitzler e a virada do século XX refletida refletida em *Juventude em Viena*



A edição da Record de 'Juventude em Viena' com tração e notas de Marcelo Backes

*Apesar de ter sua obra em grande parte traduzida no Brasil, Arthur Schnitzler (1862-1931), ainda é pouco conhecido em nosso país. O grande escritor é conhecido por referências, digamos, laterais. As mais comuns são duas. Ou se fala no fato de Stanley Kubrick ter adaptado **Breve Romance de Sonho** em seu filme **De Olhos Bem Fechados**, ou a referência gravita em torno da admiração que Freud tinha pelo autor.*

*Mesmo vivendo na mesma Viena, os dois pouco se encontraram. Em uma carta enviada a Schnitzler em 14 de maio de 1922, Sigmund Freud faz algumas observações sobre a obra do escritor e confessa ter evitado, durante muito tempo, ser apresentado a ele,*

*pois, ao ler seus textos, acreditava que se tratava de seu “duplo”. “Sempre que me deixo absorver profundamente por suas belas criações, parece-me encontrar, sob a superfície poética, as mesmas suposições antecipadas, os interesses e conclusões que reconheço como meus próprios. Ficou-me a impressão de que o senhor sabe por intuição – realmente, a partir de uma fina auto-observação – tudo que tenho descoberto em outras pessoas por meio de laborioso trabalho.”*

*Além escritor prolífico, Schnitzler era médico e judeu como Freud. Mas sua obra é profundamente original e sobrevive facilmente sem o aval do criador da psicanálise. Numa sociedade de grandes progressos científicos e técnicos, numa época de tantas agitações e mudanças, era necessário que tal ambiente se refletisse nas artes e na literatura. E Schnitzler foi do tamanho de sua época.*

*Neste mês, a Editora Record está publicando o volume autobiográfico **Juventude em Viena**, com tradução de Marcelo Backes. Solicitamos permissão ao tradutor para publicar no **Sul21** o posfácio do livro, de autoria do próprio Backes, o qual também é escritor e ensaísta. Aqui está. (Milton Ribeiro)*

.oOo.

### **Marcelo Backes**

Num tempo em que o gênero estava longe de alcançar a divulgação que tem hoje em dia, Arthur Schnitzler escreveu uma autobiografia de suma importância. *Juventude em Viena* é um documento central no sentido de compreender tanto uma época decisiva da história da humanidade, quanto a vida e a obra de um dos maiores autores da língua alemã. De quebra, ainda assinala a relevância que todo um gênero literário viria a adquirir apenas várias décadas depois.

Schnitzler já se encontra às voltas com a ideia de escrever uma autobiografia em 1901. Em suas anotações, aponta sempre para a “necessidade profunda” de ser “verdadeiro”, de “registrar suas recordações de modo completamente fiel à verdade”. Mas ao sentir as dificuldades do retorno ao passado, as falhas na memória, os enganos da recordação, já questiona em que medida a verdade é possível, apesar da inclinação reafirmada de ser “verdadeiro”, inclusive “*contra si mesmo*”.(1)

Desde o princípio, Schnitzler reconhece que não é necessária nenhuma coragem de caráter especial para registrar todas as piores oscilações nem as ações mais sórdidas das quais alguém se sabe culpado quando esse mesmo alguém está convencido de que antes de sua morte ninguém tomará conhecimento do que foi dito. Ele também logo se pergunta – autocrítico – se sua necessidade de verdade não viria, em parte, de uma característica radicada no

sentimento patológico da ideia obsessiva, na tendência a um certo pedantismo exterior que no decorrer dos anos se desenvolveu de forma cada vez mais decidida como um corretivo ao desleixo interior.

Quando fala do antissemitismo – um dos assuntos essenciais de *Juventude em Viena* – nas mesmas anotações, diz ter sentido a necessidade de reagir, pois manifestar impassibilidade diante do assunto seria mais ou menos como ficar indiferente depois de mandar anestesiarem a pele, mesmo vendo, de olhos arregalados, como facas sujas nos rasgam a carne até fazer o sangue jorrar.



Viena no início do século XX

### **Uma capital, um autor**

Schnitzler compartilha seu destino com Viena, a capital em que nasceu, viveu e morreu.

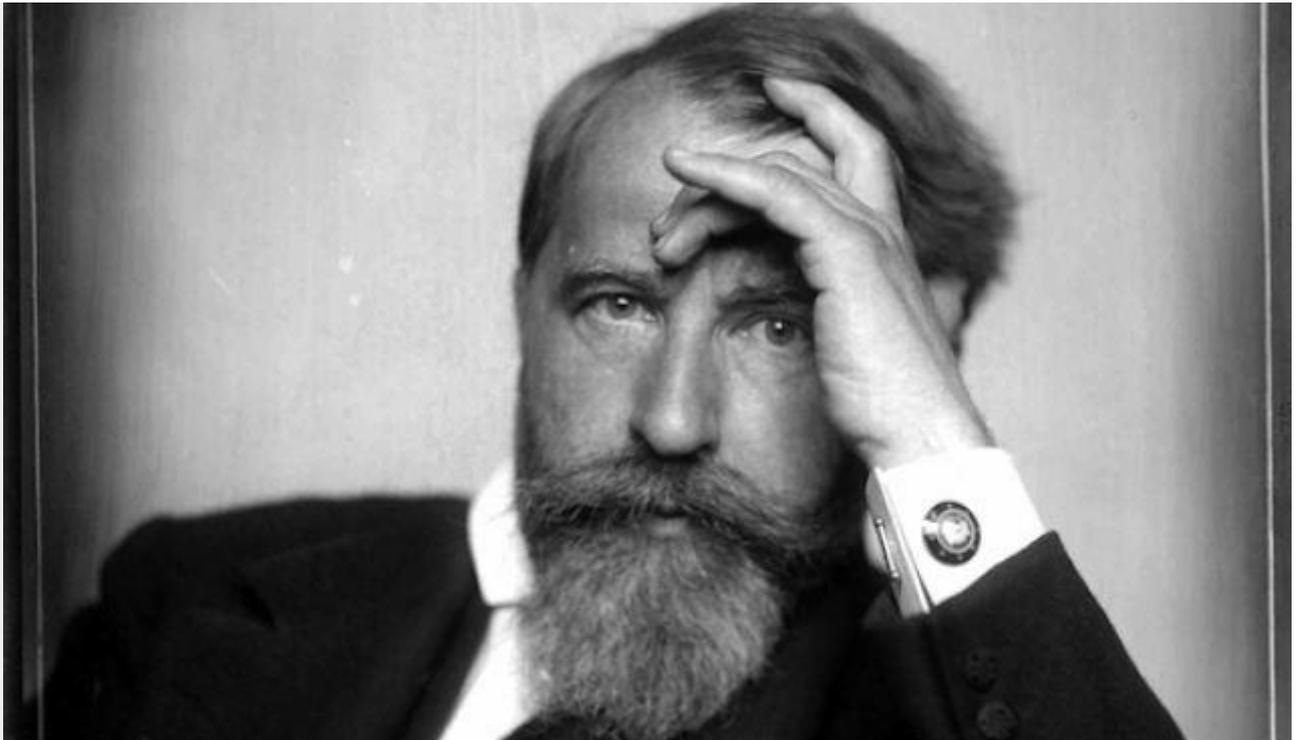
Seu mundo é um dos maiores centros da arte, do pensamento e até mesmo do poder na época. A capital do império austro-húngaro é o universo de Robert Musil e Karl Kraus na literatura, de Gustav Mahler e Arnold Schönberg na música, de Oskar Kokoschka e Gustav Klimt na pintura – o mundo de Sigmund Freud na psicologia e o de Theodor Meynert na psiquiatria.

E não há escritor que melhor caracterize esse universo do que Arthur Schnitzler. Ele foi chamado de “Maupassant austríaco” por Alfred Kerr (o maior crítico alemão da época) e de “Tchekhov vienense” por Friedrich Torberg (um dos grandes autores austríacos do século XX). Torberg diz ainda que Schnitzler antecipou James Joyce com *O tenente Gustl*, e que a peça *A cacatua verde* já contém Pirandello inteiro.

Que Arthur Schnitzler é capaz de mergulhos profundos na alma humana em sua literatura, fica claro também em sua autobiografia. Na obra – quando a literatura ainda nem era de fato, já que

Schnitzler conclui o relato de sua vida no momento em que começa a gozar os louros de sua escrita, mas a escreve bem mais tarde – o elemento erótico já mostra ser muito mais do que um passatempo social e Eros já evidencia querer muito antes expulsar a morte do que passar o tempo; exatamente como na ficção. Se a consciência da morte é onipresente – ainda que latente –, o autor mostra um sentimento quase amistoso em relação a ela, um ceticismo ameno que o leva a se entender com o fim definitivo. Nas memórias de Schnitzler fica claro mais uma vez que só podia ser ele o autor que veio a anotar já em uma de suas primeiras peças: “A alma é uma terra vasta”, referendando seu tantas vezes repisado parentesco com o já citado Freud. Mas Schnitzler vai ainda mais longe, por exemplo quando antecipa Fernando Pessoa, ao dizer, na peça *Paracelso*: “Não existe segurança em lugar nenhum. Não sabemos nada dos outros, nada de nós. Estamos sempre fingindo; quem sabe disso, é sábio.” Que é isso se não o “poeta fingidor” do poeta português?

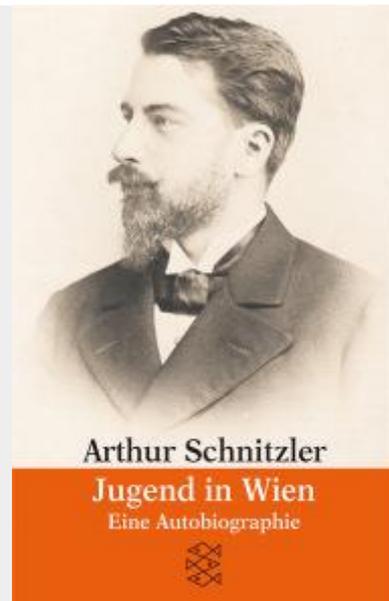
A autobiografia de Schnitzler se caracteriza pela humildade sóbria, pela ausência daquela arrogância que finge inocência e caracteriza tantos autores quando se ocupam de si mesmos. É preciso lembrar que *Juventude em Viena* é obra de um autor cinquentenário, nos píncaros da fama, que já sabia que o jovem inseguro de décadas antes que ele se ocupa em caracterizar nem de longe preponderaria. Schnitzler não contempla a juventude com a ironia distante da velhice, e sim com uma espécie de carinho crítico e analítico, como se o homem de 25 anos inclusive se mostrasse irônico em relação ao de 50, querendo dizer que a maturidade não deixa de ser – pelo menos em parte – o resultado daquela crueza.



### Schnitzler: profundos mergulhos e sóbria humildade

Marcando as datas no calendário, Schnitzler escreveu *Juventude em Viena* entre 1915 e 1920. Planejava levar a história de sua vida até 1900 – que foi quando a fama o bafejou de vez com *O tenente Gustl* –, mas acabou por concluí-la em 1889, ao iniciar de fato sua atividade artística, ao se tornar definitivamente mais escritor do que médico. Coincidentemente, é também o momento em que conhece Olga Gussmann, aquela que viria a se tornar sua esposa.

E assim, lembrando uma grande autobiografia contemporânea – *Nas peles da cebola*, de um Günter Grass aliás nem de longe tão humilde –, Schnitzler termina seu relato praticamente antes do início de sua verdadeira carreira – a de escritor, a de médico não era mais que um preparativo para ela –, como se quisesse deixar claro que o poeta começa a se desenvolver quando o desenvolvimento do homem chegou ao fim. Um homem que à época ainda nem entrara em contato com Freud, que ainda não trocara suas inúmeras cartas com o crítico e filósofo norueguês Georg Brandes, que ainda não dialogara com Rainer Maria Rilke e Thomas Mann em suas correspondências.



A edição da Fischer de 'Juventude em Viena'

### **Algumas questões fundamentais**

Schnitzler é um mestre no aproveitamento universal de manifestações periféricas. Elas sempre lhe proporcionam a possibilidade de grandes conclusões. É o que acontece inclusive em relação ao antissemitismo, cujo horror o autor não chegou a vivenciar em sua pior feição.

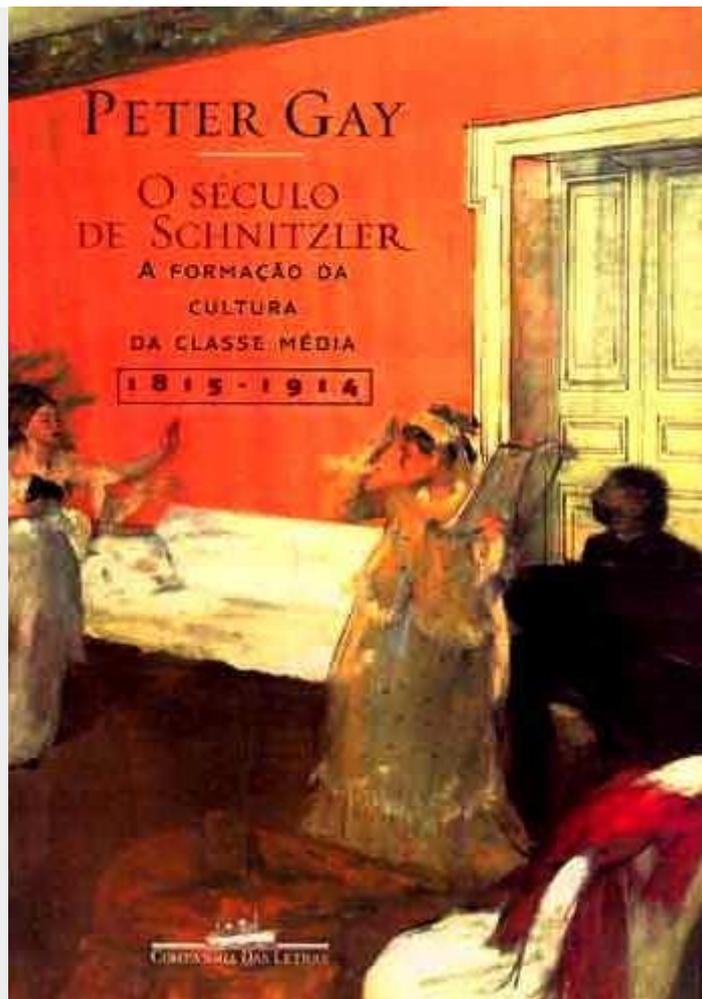
Desde o princípio de *Juventude em Viena*, Schnitzler já sinaliza para a questão judaica, debatendo-a com autocrítica, ao se perguntar se alguém que nasceu em determinado lugar, nele cresceu e nele continua trabalhando, deve contemplar outro país – não aquele no qual há décadas vivem seus pais e seus avós, e sim aquele no qual seus ancestrais estiveram em casa há milênios –, e não apenas por motivos políticos, sociais e econômicos (que de todo modo podem ser discutidos), mas também *sentimentalmente*, como sua verdadeira terra natal.

Diante dos ritos religiosos do judaísmo, Schnitzler manifesta a mesma indiferença – quando não resistência, ou inclusive sarcasmo – que caracterizava por exemplo a postura de Freud. Theodor Herzl, que veio a ser conhecido como o pai do sionismo, é referido inclusive por ter militado em organizações estudantis de índole antissemita; Schnitzler diz tê-lo encontrado num passeio usando o boné azul daqueles que eram então os seus irmãos reacionários de crença e de partido. E Schnitzler arremata, mais uma vez um tanto crítico: “O fato de estes o rechaçarem, ou, como dizia o verbo ofensivo dos estudantes, o repelirem de seu meio como judeu, sem dúvida alguma foi o primeiro motivo que transformou o estudante e orador alemão-nacionalista dos pódios acadêmicos (onde nos

olhamos com troça, ainda sem nos conhecer pessoalmente, em uma noite de reunião) no sionista talvez mais entusiasmado do que convicto que ficou sendo para a posteridade.”

Quando fala do duelo, e dos judeus que se tornaram esgrimistas habilidosíssimos e agressivos para melhor encarar as ofensas dos antissemitas, Schnitzler chega a citar a macabra “Resolução de Waidhofen”, que declarava os judeus “incapazes de tomar satisfações”, e ao mesmo tempo deixava claro que o véu do holocausto que encobriria a Europa já começava a ser estendido: “Todo o filho de mãe judia, todo ser humano por cujas veias corre sangue judeu é desprovido de honra desde o nascimento, incapaz de qualquer sentimento mais sutil. Ele não consegue distinguir entre o que é sujo e o que é limpo. Eticamente, é um sujeito bem mais baixo. A relação com um judeu é por isso desonrosa; é preciso evitar qualquer espécie de comunhão com os judeus. Não se pode ofender um judeu, e por isso um judeu não pode exigir satisfação sobre uma ofensa sofrida.” A marca amarela que identificava racialmente os judeus desde a Idade Média – e que aliás é referida por Schnitzler – começava a se mostrar cada vez mais excludente e perigosa.

Num âmbito bem mais individual, o medo das doenças venéreas é outra constante que sinaliza um dos grandes problemas da época (e do sujeito). E Schnitzler mergulha em sua “ciranda” juvenil, buscando no sexo seu caminho pessoal para a liberdade. A peculiaridade do homem Schnitzler, que antecipa o autor Schnitzler é tanta que o historiador Peter Gay fez dele o personagem central e mais representativo de toda uma época numa obra já clássica, ainda que lançada em 2002, *O século de Schnitzler*.



A obra de Peter Gay 'O Século de Schnitzler'

A leveza e o vazio – a leviandade – dos anos jovens de Schnitzler, cheios de possibilidades de duelos (outra questão debatida que se tornaria foco da narrativa em *O tenente Gustl*) e apostas em cavalos (a descrição do apostador envolvido no auge da corrida é maravilhosa), quando o dinheiro significava havanas e jantares no restaurante da moda, mais um camarote no teatro, é destrinchada de cabo a rabo na autobiografia. Schnitzler inclusive reconhece que até uma determinada época de sua vida muitas vezes se esforçou em se estilizar; e que, se chegou a ser esnobe – e o confessa –, diz que seu esnobismo foi curado completamente pelo contato com os esnobes que veio a conhecer.

Ele também relata uma dúzia de casos amorosos. De algumas dessas mulheres, Schnitzler – que chama a si mesmo de “galã de cinco florins” – se lembra apenas porque estão registradas em seu diário, de outras nem recorda mais o nome, sequer. Chegou a terminar o caso que tinha com uma delas anotando os seguintes versos: “Também esta cinta-liga eu te mando de volta, encontrei-a hoje pela manhã em minha cama.” O amor já se mostrava líquido e

o torpedo do celular comunicando o fim da relação parece não ter sido usado tão-somente porque ainda não existia...



Ainda assim muitas de suas relações – como por exemplo a que teve com Olga Waissnix, a primeira grande mulher de sua vida – se alongam por meses em sua vida e dezenas de páginas em sua autobiografia. Outras precisam apenas de algumas linhas sintéticas e vertiginosas: “Uma jovem americana, Cora Cahn, de apenas dezesseis anos, que se encontrava em Ischl com seus parentes, me atraiu vivamente por causa de seu sotaque, de seus caprichos e de sua coqueteria. Em um túnel entre Gmunden e Ebensee as coisas se tornaram quase preocupantes, mas túneis são curtos e uma passagem por Ischl não chega a ser bem mais longa, sobretudo quando se tem de lidar com uma série demasiado grande de variáveis; e assim também essa aventura acabou dando em nada.”

A “doce mocinha” do subúrbio, uma criação do autor, que caracterizaria tantas de suas personagens, é definida também em *Juventude em Viena*, a partir de uma das mulheres que cruzou sua vida. Schnitzler diz que ela é o “protótipo de uma vienense, figura encantadora, feita para dançar (...), feita para beijar – um par de olhos brilhantes e vivazes.” Suas roupas são “de gosto simples e

com uma certa feição *degrisette*". Seu andar é "cheio de rebolado... lépido e natural..." E as qualidades não param por aí: "A voz clara... A língua vibrando em dialeto original. O que ela diz, apenas assim, como ela consegue dizê-lo, como é obrigada a fazê-lo, quer dizer, cheia de vontade de viver, com um leve toque de precipitação. 'A gente é jovem, que fazer', ela considera com um dar de ombros meio indiferente... Não há nada a perder nisso, é o que ela pensa consigo... E isso é a razão mergulhada nas cores luminosas do sul." Impossível não mergulhar no poço da aventura!

### **A oficina literária do autor**

Os personagens ingleses do romance *O caminho para a liberdade*, sua obra ficcional mais volumosa, parecem ter saído todos eles da "realidade" de *Juventude em Viena*, que aliás deixa claro porque uma certa Claire se torna tão importante no romance... No momento em que o autor – leviano como a juventude – ameaça se matar com um tiro porque seu diário foi descoberto, manifesta também um pouco daquela altivez melindrosa e problemática que caracterizaria o já citado tenente Gustl.(2)

Quando conta sobre as dificuldades que teve em escrever a peça *Aegidius* e critica sua concepção, somos levados mais uma vez diretamente a *O caminho para a liberdade* e às dificuldades de Georg von Wergenthin às voltas com *Ägidius*, o grande personagem da ópera que não consegue levar a cabo. Ao ler a autobiografia, confirma-se que o personagem central do romance tem muito a ver com o autor, inclusive na relação com seu irmão. Arthur está para seu irmão Julius exatamente como Georg está para Felician. A certa altura de *Juventude em Viena* Schnitzler chega a dizer: "Meu irmão passou do piano ao violino, e também na música, assim como em todas as questões escolares e mais tarde na medicina, acabou me superando com sua persistência e sua conscienciosidade, mas também por sua visão e seu talento." Felician também era muito mais hábil, muito mais ágil e mais objetivo do que Georg.

O livro como um todo propicia uma bela olhada na oficina literária do autor. Descobrimos, por exemplo, que seus amigos pronunciaram algumas das frases que mais tarde seus personagens diriam. Também ficamos sabendo que Gustav Pick se tornaria o modelo do velho Eissler de *O caminho para a liberdade*, assim como seu filho, Rudi Pick, se tornaria o modelo de Willy. E Schnitzler ainda arremata dizendo que "os conhecedores do romance por certo haverão de ter percebido" as coincidências, arrematando que o velho Pick se mostrou mais compreensivo e bem humorado com sua ousadia do que muitos outros que compartilharam de seu destino e mostrando mais uma vez como a

obra – ainda que ficcional – se encontra fortemente vinculada à vida vienense de sua época. Muitas outras peças e contos são referidos de passagem, bem como os motivos que os inspiraram. A passagem em que comenta a suposta origem da peça *O véu de Beatrice* é maravilhosa, e diretamente vinculada a seu grande, ainda que platônico, amor por Olga Weissnix. As páginas em que conta as venturas e desventuras desse amor, aliás, estão entre as mais interessantes da autobiografia.



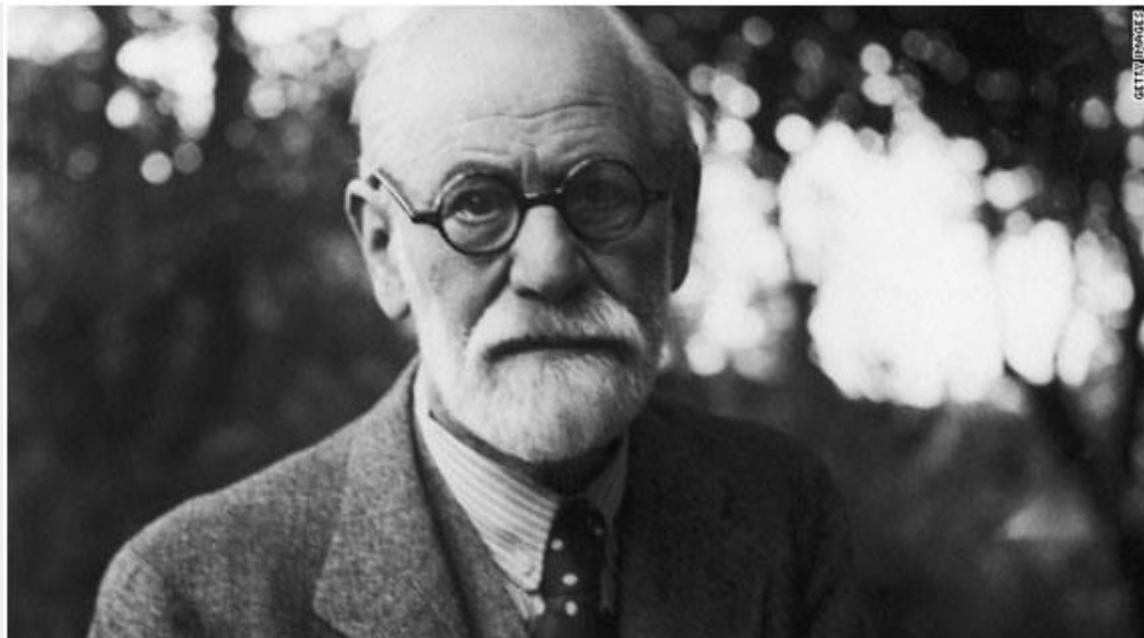
O filme 'De Olhos Bem Fechados', de Stanley Kubrick, foi baseado na novela 'Breve Romance de Sonho', de Schnitzler

Schnitzler também fala das estratégias – lícitas e ilícitas – de autores no sentido de se tornarem conhecidos em uma época em que o mercado editorial estava longe de ter o vulto que alcançou hoje em dia. Em muitos momentos, o autor adquire fumos de homem frio, que pensa que são necessárias razões cadastráveis para retribuir a simpatia que alguém tem por ele, e não entende quando isso acontece sem as mesmas razões. O mesmo homem, no entanto, é capaz de ridicularizar a si mesmo citando longos versos ingênuos e pueris para arrematar em seguida que havia “provado ser um poeta talentoso”.

Ao longo da autobiografia há conceitos maravilhosos, como por exemplo o do “apoio dialético” que Schnitzler dava para um amigo entediado terminar o namoro. E sentenças precisas como: “Nos lábios de uma mulher o sorriso da recordação jamais se apaga completamente. Elas são mais vingativas, mas também mais

agradecidas do que os homens costumam ser.” Avançado, e pedagogicamente cético, o autor declara a certa altura: “E, nesse sentido, quando se conheceu e se experimentou diante de que material pronto, apesar de toda a falta de maturidade, se encontram pais e professores, é que se sente por inteiro que problema em certo sentido insolúvel a educação representa.” Em dado momento, chega a levantar a hipótese avançada de que o alcoolismo provavelmente seja hereditário. Sua sabedoria de índole aforística fica clara em sentenças como: “Sempre temos de ver um punhal brilhando para compreender que um assassinato aconteceu”. E Schnitzler – que está falando de uma relação amorosa – ainda complementa dizendo que “muitas vezes o vemos brilhar, e em vez de arrancá-lo à mão do assassino, nos contentamos em fazer admoestações de leve, dizendo que ele não deveria fazer uma coisa dessas, se é que não nos mostramos indiferentes e acomodados demais até mesmo para uma admoestação assim.”

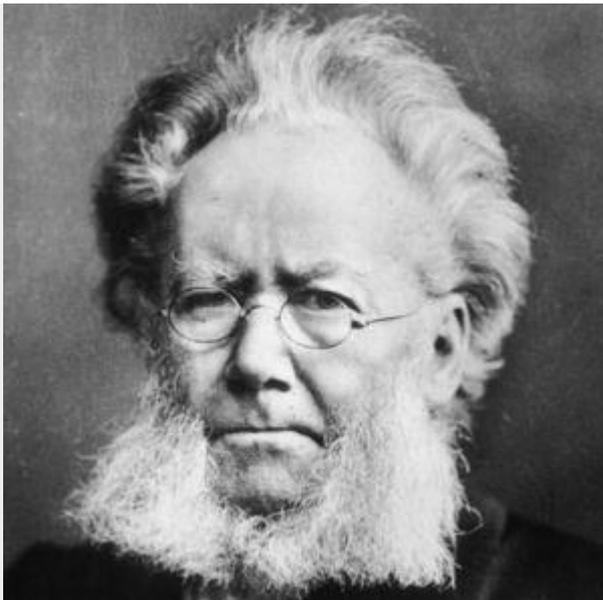
Schnitzler também fala – talvez pela primeira vez na história da literatura, sobretudo se levarmos em conta que está falando de uma mulher e suas reações por volta de 1880 – de uma personagem deprimida (*gemütskrank*). Uma moça, namorada de um amigo, que parece ter protagonizado algo como uma fotonovela erótica – já que é fotografada nua ao lado de um tenente, e a fotografia era coisa nova na época – é outra que dá as caras em determinado trecho. Também a primeira manequim – modelo (*Probiermamsell*) – da literatura universal parece ter sido registrada por Schnitzler. Não apenas registrada, aliás. O mundo incipiente da moda já visitava a cama da arte bem cedo...



## Freud, o aluno de Meynert

Muitas das grandes figuras científicas do final do século são apresentadas na autobiografia de Schnitzler. Assim, por exemplo, o neurologista francês Jean-Martin Charcot em sua lida com a hipnose, e os trabalhos do psiquiatra Hyppolyte Bernheim, também francês. Moritz Kaposi, fundador da dermatologia moderna, é outro dos citados. Schnitzler ainda caracteriza com detalhes o psiquiatra e neuroanatomista vienense Theodor Meynert, com quem trabalhou, e que aliás também foi professor de Freud.

Ao mesmo tempo percebe-se, em vários momentos, como a higiene é uma coisa nova e a ciência da medicina ainda estava longe de ter sido dessacralizada à época, mesmo que o mundo esteja em vertiginosa transformação, o que é registrado por exemplo quando o autor conta, entusiasmado, sobre a primeira vez em que ficou em um quarto com iluminação elétrica. Ciente do caráter ainda pouco científico da medicina, Schnitzler chega a contar de um médico que acreditava ter descoberto “no hábito enfadonho de lavar as costas” o verdadeiro motivo do catarro bronquial. Schnitzler diz ainda que o referido médico “foi tão longe a ponto de afirmar com toda a seriedade que o lado direito adoecia menos vezes porque a mão esquerda, mais fraca e mais lerda, não costumava tratar o lado direito das costas com tanta crueldade quanto acontecia com o lado esquerdo, que era lavado pela mão direita, muito mais forte.” E, assim, *Juventude em Viena* também é, em vários momentos, uma história subjetiva da medicina em um dos períodos em que mais evoluiu: o final do século XIX.



Henrik Ibsen: viver e escrever

O mundo literário e artístico da época e mesmo anterior também comparece em massa. Goethe é multicitado, mas também os contemporâneos e coetâneos do autor, por exemplo Alfred Polgar e Peter Altenberg, dão as caras. O dramaturgo norueguês Henrik Ibsen é citado quando Schnitzler refere indiretamente o sentido que este dá ao “dia do juízo”, e somos obrigados a investigar para descobrir que Ibsen disse num de seus poemas, intitulado “Um verso”: “Viver significa – lutar contra o fantasma das forças estranhas dentro de si. / Escrever – fazer o dia do juízo contra seu próprio eu.” A citação é demasiado importante, e Ibsen conhecido demais à época, para que Schnitzler a repita em sua autobiografia tal qual o dramaturgo norueguês a registrou. Afinal de contas, é isso que ele faz ao longo de toda a obra.

Em vários momentos, *Juventude em Viena* assume uma construção quase romanesca, antecipando a confusão entre os gêneros que se tornaria evidente só décadas mais tarde. Quando Schnitzler diz que em Salzburgo, no inverno de 1891 para 1892, as relações teatrais na cidade invocavam seu interesse de modo bem especial – e por um motivo bem pessoal – insinua tangencialmente seu caso longo e ardente com a atriz Marie Glümer, que trabalhou vários anos em Salzburgo. Quando fala do suicídio, especula sobre a “carga ancestral inerente à descendência” dos seus, já que vários de seus parentes se suicidaram. Na época, o autor sequer imaginava que sua filha Lili também acabaria se suicidando, e que praticamente morreria de desgosto por causa disso três anos depois, em 1931.

Perto do final de *Juventude em Viena*, ademais, o autor começa a manifestar dúvidas de que as páginas autobiográficas terão um prosseguimento. E, de fato, cinco ou seis páginas depois elas chegam ao fim, compondo apenas o painel de uma juventude vienense, o caminho de um homem antes de se tornar artista, o devir de um escritor até o instante em que começa a bafejar a fama...

(1) Ver “Autobiographische Notizen” in: *Jugend in Wien*. Herausgegeben von Therese Nickl und Heinrich Schnitzler, Frankfurt a. M. 1985.

(2) Tanto *O tenente Gustl* quanto *O caminho para a liberdade* já foram publicados nesta mesma coleção.

**1913: When Hitler, Trotsky, Tito, Freud and Stalin all lived in the same place**

By Andy Walker Today programme, BBC Radio 4 - <http://www.bbc.co.uk/news/magazine-21859771>



[Continue reading the main story](#)

- [A village in limbo](#)
- [Quiz of the week's news](#)
- [How flash mob flamenco took on the banks](#)
- [How a drink downed by Arab mystics went global](#)

**A century ago, one section of Vienna played host to Adolf Hitler, Leon Trotsky, Joseph Tito, Sigmund Freud and Joseph Stalin.**

In January 1913, a man whose passport bore the name Stavros Papadopoulos disembarked from the Krakow train at Vienna's North Terminal station.

Of dark complexion, he sported a large peasant's moustache and carried a very basic wooden suitcase.

"I was sitting at the table," wrote the man he had come to meet, years later, "when the door opened with a knock and an unknown man entered.

"He was short... thin... his greyish-brown skin covered in pockmarks... I saw nothing in his eyes that resembled friendliness."

The writer of these lines was a dissident Russian intellectual, the editor of a radical newspaper called Pravda (Truth). His name was Leon Trotsky.

### [Continue reading the main story](#)

---

#### The Vienna of 1913

---



- Soviet dictator [Joseph Stalin](#) spent a month in the city, meeting Trotsky and writing *Marxism and the National Question*, with Nikolay Bukharin
- The neurologist [Sigmund Freud](#) moved to Vienna in 1860 as a child and left the city in 1938 after the Nazis annexed Austria
- Nazi leader [Adolf Hitler](#) is believed to have lived there between 1908 and 1913 where he struggled to make a living as a painter
- Josip Broz, later Yugoslav leader **Marshal Tito**, was a metalworker before being drafted into the Austro-Hungarian army
- Russian revolutionary [Leon Trotsky](#) lived in Vienna from about 1907 to 1914, launching paper *Pravda - The Truth*

#### • [BBC History - The Rise of Adolf Hitler](#)

The man he described was not, in fact, Papadopoulos.

He had been born Iosif Vissarionovich Dzhugashvili, was known to his friends as Koba and is now remembered as Joseph Stalin.

Trotsky and Stalin were just two of a number of men who lived in central Vienna in 1913 and whose lives were destined to mould, indeed to shatter, much of the 20th century.

It was a disparate group. The two revolutionaries, Stalin and Trotsky, were on the run. Sigmund Freud was already well established.

The psychoanalyst, exalted by followers as the man who opened up the secrets of the mind, lived and practised on the city's Berggasse.

The young Josip Broz, later to find fame as Yugoslavia's leader Marshal Tito, worked at the Daimler automobile factory in Wiener Neustadt, a town south of Vienna, and sought employment, money and good times.

Then there was the 24-year-old from the north-west of Austria whose dreams of studying painting at the Vienna Academy of Fine Arts had been twice dashed and who now lodged in a doss-house in Meldermannstrasse near the Danube, one Adolf Hitler.

### Vienna 1913-1914



The characters would have spent much time in these same two square miles of central Vienna

In his majestic evocation of the city at the time, Thunder at Twilight, Frederic Morton imagines Hitler haranguing his fellow lodgers "on morality, racial purity, the German mission and Slav treachery, on Jews, Jesuits, and Freemasons".

"His forelock would toss, his [paint]-stained hands shred the air, his voice rise to an operatic pitch. Then, just as suddenly as he had started, he would stop. He would gather his things together with an imperious clatter, [and] stalk off to his cubicle."

[Continue reading the main story](#)

---



**If you wanted to hide out in Europe - then Vienna would be a good place to do it”**

Charles Emmerson Research Fellow, Chatham House

Presiding over all, in the city's rambling Hofburg Palace was the aged Emperor Franz Joseph, who had reigned since the great year of revolutions, 1848.

Archduke Franz Ferdinand, his designated successor, resided at the nearby Belvedere Palace, eagerly awaiting the throne. His assassination the following year would spark World War I.

Vienna in 1913 was the capital of the Austro-Hungarian Empire, which consisted of 15 nations and well over 50 million inhabitants.

"While not exactly a melting pot, Vienna was its own kind of cultural soup, attracting the ambitious from across the empire," says Dardis McNamee, editor-in-chief of the Vienna Review, Austria's only English-language monthly, who has lived in the city for 17 years.

"Less than half of the city's two million residents were native born and about a quarter came from Bohemia (now the western Czech Republic) and Moravia (now the eastern Czech Republic), so that Czech was spoken alongside German in many settings."

The empire's subjects spoke a dozen languages, she explains.

"Officers in the Austro-Hungarian Army had to be able to give commands in 11 languages besides German, each of which had an official translation of the National Hymn."

And this unique melange created its own cultural phenomenon, the Viennese coffee-house. Legend has its genesis in sacks of coffee left by the Ottoman army following the failed Turkish siege of 1683.



AFP Cafe

Landtmann, much frequented by Freud, remains popular to this day

"Cafe culture and the notion of debate and discussion in cafes is very much part of Viennese life now and was then," explains Charles Emmerson, author of 1913: In Search of the World Before the Great War and a senior research fellow at the foreign policy think-tank Chatham House.

"The Viennese intellectual community was actually quite small and everyone knew each other and... that provided for exchanges across cultural frontiers."

This, he adds, would favour political dissidents and those on the run.

"You didn't have a tremendously powerful central state. It was perhaps a little bit sloppy. If you wanted to find a place to hide out in Europe where you could meet lots of other interesting people then Vienna would be a good place to do it."

Freud's favourite haunt, the Cafe Landtmann, still stands on the Ring, the renowned boulevard which surrounds the city's historic Innere Stadt.

Trotsky and Hitler frequented Cafe Central, just a few minutes' stroll away, where cakes, newspapers, chess and, above all, talk, were the patrons' passions.

"Part of what made the cafes so important was that 'everyone' went," says MacNamee. "So there was a cross-fertilisation across disciplines and interests, in fact boundaries that later became so rigid in western thought were very fluid."



Both

Trotsky and Hitler sipped coffee under Cafe Central's magnificent arches

Beyond that, she adds, "was the surge of energy from the Jewish intelligentsia, and new industrialist class, made possible following their being granted full citizenship rights by Franz Joseph in 1867, and full access to schools and universities."

And, though this was still a largely male-dominated society, a number of women also made an impact.

Alma Mahler, whose composer husband had died in 1911, was also a composer and became the muse and lover of the artist Oskar Kokoschka and the architect Walter Gropius.

Though the city was, and remains, synonymous with music, lavish balls and the waltz, its dark side was especially bleak. Vast numbers of its citizens lived in slums and 1913 saw nearly 1,500 Viennese take their own lives.

No-one knows if Hitler bumped into Trotsky, or Tito met Stalin. But works like *Dr Freud Will See You Now, Mr Hitler* - a 2007 radio play by Laurence Marks and Maurice Gran - are lively imaginings of such encounters.

The conflagration which erupted the following year destroyed much of Vienna's intellectual life.

The empire imploded in 1918, while propelling Hitler, Stalin, Trotsky and Tito into careers that would mark world history forever.

*You can hear more about Vienna's role in shaping the 20th Century on [BBC Radio 4's Today](#) programme on 18 April.*

You can follow the Magazine on [Twitter](#) and on [Facebook](#)

---

## More on This Story

### 1.VIENA\_VIENENSES

“OS VIENENSES , esplendor , decadência e exílio” – Paulo Hoffmann

Ed. José Olímpio RJ

#### PG.105-106 – O período Biedermeier

*Com todas as suas danças e contradanças, o Congresso de Viena (1815) deu (...) bons resultados. (...) Para Viena, a era de Metternich representou cerca de duas décadas de imobilidade política e cultural, de reação e de censura. (1828-48)*

*(...)*

*A reação do vienense a esse clima sufocante de absolutismo que sucedeu à era de Napoleão foi recolher-se à vida privada e gozar de suas consolações. As Schubertíadas não eram ,de modo algum, eventos excepcionais nestes anos. Por toda a cidade e nos subúrbios, as pessoas de classe média se reuniam em freqüência para fazer música em casas particulares, ler poesia em voz alta ou organizar excursões a pontos pitorescos da redondeza. O que as autoridades queriam ver cultivada era a *gemutlichkeit* . Até uns poucos anos atrás, a palavra queria dizer “sentimentalidade”. O novo significado de “aconchego” ou “comodidade” data do comércio do século XIX.*

*Esses anos de afastamento dos negócios públicos, de cultivo das amizadas e de outros valores privados, e de um hedonismo modesto mas *gemutlich* é hoje chamado período Biedermeier. O termo deriva do nome de um personagem filistino, respeitador da*

*lei, e timorato, satirizado em versos pelo poeta Ludwig Eichrodt, da Suábia, na década de 1850. “Gotlieb Biedermayer”, como Eichrodt chamou a essa caricatura do cidadão modelo nos domínios da Quádrupla Aliança, pode ser traduzido, grosso modo, como “devoto babaca”. (..)*

*A atmosfera dos anos Metternich era de intensa discrição e resguardo, principalmente nos cafés de Viena.*

○